



O Último Verão

Alison Fraser



Riona Macleod era uma jovem órfã que lutava por escapar em uma terra inóspita, Cameron Adams era o herdeiro do latifundiário local e o novo dono das terras que ela trabalhava. Riona representava a naturalidade e a força da terra.

Cameron, a vida refinada e o luxo, Não tinham nada em comum... Nada exceto essa atração irresistível que empurrava um para o outro.

CAPÍTULO 1

—É meu? —foram suas primeiras palavras quando os dois se encontraram fora da loja do povoado. Riona se deteve presa a suas lembranças. Já tinha passado mais de um ano e tinha perdido a esperança de vê-lo de novo. Não estava pronta para isso e murmurou «o que?», como resposta.

—O filho que tivestes, é meu? —repetiu ele com frieza.

Não foi um «me alegro de voltar a ver-te», nem um «como está», mas sim foi direto ao assunto; assim era Cameron Adams.

—Não, não o é —l he respondeu. Foi uma surpresa que ele acrescentasse:

—Estás segura?

Ela assentiu. Ficou um momento mais se olhando um ao outro, recordando... Então Riona se voltou para afastar-se e ele lhe impediu a passagem.

—Nesse caso... —seus lábios mostraram desdém— Acredito que Fergus Ross é o homem afortunado.

—Pode acreditar no que quiser — Lhe respondeu Riona e o empurrou para passar. Ele a deixou ir e ela apressou o passo, voltando uma ou duas vezes para comprovar que não a seguia. Ele permaneceu fora da loja, observando sua retirada. Provavelmente pensava que fugia dele, e, tinha razão.

Estava sem fôlego quando chegou à casa do doutor Macnab e tocou a campainha com certa urgência.

— Ele voltou doutor — ofegou quando ele abriu — Acabo de encontrá-lo na loja e já ouviu falar de Rory. Tenho que ir...

—Calma garota — lhe aconselhou o doutor Macnab e a conduziu para o interior—. Refere-se a Cameron Adams?

Ela assentiu antes de pegar nos braços o menino que estava sentado no tapete e que lhe correspondeu com um bonito sorriso desdentado.

—Cameron sabe do menino — o doutor Macnab não parecia tão perturbado como ela —. Então veio aqui para te ajudar. Estava seguro de que o faria. Se me tivesse permitido lhe escrever...

—Não, doutor. Não sei por que veio, mas não é para me ajudar. Mas parece bem assustado com a responsabilidade que pode vir a ter.

— Ah, Riona! — o ancião médico suspirou — . Não posso acreditar nisso; é verdade que se aproveitou de ti, mas não é um mau homem. Agora sabe que é o pai de Rory...

— Mas não sabe — assentou Riona antes que o doutor se deixasse levar pelo otimismo.

— Mas dissestes...

— Alguém lhe contou que tive um filho — lhe explicou Riona — . Ele queria saber se era dele e lhe disse que não.

— O que? — o ancião estava impressionado.

— Disse-lhe o que queria ouvir, doutor — se justificou Riona — . Não me desmentirá, verdade?

— Sabe que não posso — como doutor, não podia trair uma confiança, embora quisesse — , mas, menina, não escaparás disso. Ele só tem que ver Rory...

Riona franziu o cenho diante da menção da semelhança entre o menino e seu pai.

— Assegurar-me-ei de que não o faça — apertou a mandíbula com determinação enquanto vestia o bebê com sua roupa de sair e o colocava na cadeirinha. O doutor Macnab a deteve para lhe dizer:

— Vamos, menina, eu te levo.

Ela aceitou o oferecimento, porque tinha que retornar a sua granja e não queria arriscar-se a um encontro com Cameron Adams.

Infelizmente, o doutor aproveitou o trajeto para tratar de persuadi-la de que dissesse a verdade ao estadunidense. Escutou-o com cortesia e ao despedir-se, aceitou pensar, embora sabia que não o faria. Fazia um ano, Cameron Adams tinha retornado a Boston sem despedir-se nem vê-la. Deixou-a grávida e com a alma quebrada. Com o tempo, seu coração se endureceu e agora centrava sua vida em seu filho. Não necessitavam ajuda do pai.

Levou ao pequeno Rory até a granja e o meteu no berço. Desanimada, Riona olhou sua maltratada cozinha, mobiliada com uma coleção de prateleiras e mesas da época de sua avó. O procurador tinha feito algum trabalho recentemente para tratar de erradicar a umidade das paredes e esquentar a fria pedra dos pisos, cobrindo-os com linóleo, mas ainda as condições não eram as ideais. Agora compreendia o pouco que tinha que oferecer ela a Rory. Nem sequer possuía uma casa cômoda, e somente

podia manter-se trabalhando a granja. Levava Rory com ela quando pastoreava o rebanho de ovelhas e, apesar do que o médico lhe assegurava, ela se preocupava que o ar frio fosse muito duro para um bebê de cinco meses.

Não eram somente dificuldades práticas. Por ela, podia suportar as falações e olhares de recriminação, mas o que aconteceria quando o menino fosse maior? A península de Invergair tinha uma sociedade muito fechada. Um filho ilegítimo era motivo de falatórios, especialmente quando a identidade do pai era incerta, e com o tempo, seria Rory quem o sofreria.

Era evidente que não lhe seria possível manter seu filho perpetuamente escondido dos olhos curiosos. Só esperava que, com o tempo, a semelhança com seu pai se desvanecesse o suficiente para passar despercebido.

Entretanto, era uma esperança vã. Ao embalar a seu filho nos braços, olhou seu cabelo escuro, seus olhos de cor azul intensa e sua covinha no queixo. Haviam-lhe dito que todos os bebês nasciam com olhos azuis, mas os de seu filho permaneceriam assim. Sabia disso, porque ele era uma diminuta réplica de seu pai.

Cameron Adams. Ao pensar em seu encontro desse dia, estremeceu-se. Sua forma direta de ser sempre a tinha desconcertado, e agora lhe parecia brutal.

As lembranças de Riona retornaram até o último verão. Foi uma boa temporada, quente e seca, mas não o dia de junho em que se conheceram. Então chovia e ela retornava de sua viagem semanal ao Inverness e havia pegado o ônibus para ir até o Achnagair. Caminhava as seis milhas que faltavam até o Invergair, esperando que alguém se oferecesse a levá-la, quando um carro se deteve junto a ela. Era muito moderno, um elegante BMW preto. A janelinha se abriu automaticamente e o condutor se inclinou para o assento do passageiro para falar. Ela deu um passo até a porta, com cautela.

—Ouça menino, vou em direção a Invergair? — perguntou-lhe o condutor, e ela assentiu sem dizer nada mais —. Sabe se está muito longe? — prosseguiu ele, e Riona lhe respondeu que a seis milhas, procurando não elevar a voz. Levava jeans e uma jaqueta com capuz; ele a tinha confundido com um garoto e lhe pareceu sensato manter a ilusão.

— É em frente? — em resposta ela voltou a assentir, afastou-se do carro e seguiu caminhando. O condutor, em lugar de continuar, voltou a deter o carro junto a ela e se baixou, lhe dizendo:

— Se quiser posso te levar, menino.

— Eu... — Riona vacilou entre economizar a caminhada ou arriscar-se.

Era o homem mais atrativo que ela tinha visto em sua vida. Com o olhar percorreu desde suas roupas até seu rosto e se deteve aí. Tinha espesso cabelo negro sobre sobrancelhas escuras, um nariz largo e reto; ia sem se barbear, e parecia arrumado e perigoso. Então, de repente, sua formosa boca se torceu num meio sorriso e seus olhos brilharam com cínica diversão.

— Queres referências? — sugeriu diante de seu escrutínio —. Tudo o que ofereço é te levar. Toma-o ou deixa-o.

— Está bem — Riona abriu a porta do passageiro e se deslizou no assento, apertando sua mala.

— Relaxe, menino. Os homens não me interessam — disse, sorrindo. Ela se ruborizou e se sentiu feliz de que sua jaqueta e capuz ocultassem seu rosto. Decidiu mantê-lo posto, embora ele não parecesse notá-lo. Arrancou o carro antes de perguntar:

— És de Invergair?

— Sim — respondeu.

— É muito grande?

— Não muito.

— «Um povo de um só cavalo» — resmungou —. Assim os chamamos nos Estados Unidos.

— Ah, sim? — Riona não parecia interessada no que um estadunidense pudesse pensar de Invergair. Sua reticência foi notada.

— E me diga, são todos seus habitantes tão loquazes como você?

— Eu... — procurou uma resposta enquanto o olhava; então ele, zombador, levantou uma sobrancelha. Riona compreendeu que tinha razão e que estava se comportando de uma forma muito descortês.

Fez-se de novo o silêncio entre eles até que se aproximaram de Invergair; então, Riona perguntou, com voz grave:

— Poderia me deixar aqui? Minha granja está um pouco mais adiante.

— A que distância? — perguntou, diminuindo a velocidade.

— Há uma milha — assinalou o caminho.

—Então te levo — e antes que ela pudesse protestar, aumentou a velocidade.

—Obrigado — murmurou, renitente. Não queria receber sua generosidade, particularmente quando se comportou tão grosseiramente—. Pode me deixar aqui, por favor — disse quando já tinham viajado uma milha, e ele voltou a diminuir a velocidade, mas ao não ver sinais de moradia perguntou: —Onde vives, menino?

—Na colina — assinalou o caminho de terra que conduzia para sua granja—. Não, não suba!

—Por que não? — já tinha dado volta no caminho.

—Bom... — Riona procurava uma razão que não fosse seu desejo de que não visse sua casa — O caminho não está asfaltado. Pode fazer dano ao carro.

—Sim? É alugado — disse e continuou pelo caminho até a granja.

A chuva tinha cessado, e quando chegaram ao topo da colina tiveram uma vista clara da casa. Estava construída com pedras e telhas; não podia descrever-se como agradável ou pitoresca. Era um edifício simples, com uma cozinha e uma sala embaixo e dois dormitórios acima. Rodeava-a um muro de pedra meio ruído e um jardim cheio de ervas. Tinha um ar de descuido, enfatizado pelo fato de que estava deserta.

—Onde estão seus pais? —perguntou o estadunidense ao deter-se e notar que ninguém saía a saudá-los.

—Não tenho — os pais da Riona tinham morrido num acidente quando ela era tão jovem que apenas podia recordá-los. O avô que havia tomado conta dela, havia falecido no ano anterior.

—Então, quem cuida de ti? — Riona se perguntava que idade ele pensava que ela tinha. Ele a olhou fixamente pela primeira vez e ela devolveu o olhar, o que foi um engano. Antes que pudesse detê-lo, lhe tirou o capuz e exclamou incrédulo:

—Raios, és uma garota!

Riona não podia negá-lo. Sob o capuz, seu cabelo loiro estava preso numa grossa e larga trança, e embora não usasse maquiagem, sua pele era suave, e a curva de sua boca, extremamente feminina.

—Também bonita — acrescentou ele sem fôlego.

— Também tenho vinte anos e sou capaz de me cuidar, obrigada — anunciou com um pouco de brutalidade enquanto procurava a tranca da porta para abri-la. Ele a agarrou pelo braço e a deteve.

— Vive sozinha aqui? — ela franziu o cenho; não estava segura de querer responder. Ele era um estranho e não admitiria que estivesse sozinha.

— Em realidade não. Jo vive comigo.

— Jo? Seu marido? — Riona não o contradisse, mas o rubor em suas bochechas a denunciou —. Não é seu marido — concluiu ele secamente —. Não importa. Quem se casa nestes dias? — se tentava não envergonhá-la, ela não tinha por que agradecer-lhe. Riona não necessitava sua aprovação por viver com um homem, especialmente quando não era assim. Jo era seu cachorro collie —. Hei disse algo errado? — continuou ele diante de seu silêncio hostil —. Você quer se casar e ele não. É isso?

— O que? — não podia acreditar tanta ousadia.

— Bom, se desejas minha opinião, ele necessita que lhe examinem a cabeça... e a vista também — uma vez mais admirava a beleza dela, com olhar quente e aprovador, mas o elogio se perdeu.

Riona, apertando os dentes, replicou:

— De fato, possivelmente seja uma surpresa para você, senhor...

— Cameron — terminou ele.

— Senhor Cameron, mas... — tratou de continuar, mas ele a interrompeu.

— Não, Cameron é meu nome.

— Então senhor O Que Seja! — estalou Riona —. O caso é que eu não desejo sua opinião nem agora nem nunca. De fato, seria o último que eu ia querer — declarou com tom estridente e liberou seu braço —. Obrigada por me trazer! — acrescentou com um grunhido, e saiu do carro antes que ele pudesse detê-la. O homem também saiu, mas permaneceu do lado do condutor, olhando-a sorridente. O sorriso sugeria que não estava ofendido e Riona pensou que era uma lástima.

— Ouça, alguma vez alguém te disse quão bonita és quando te zangas? Porque se o fizeram, temo-me que te mentiram — declarou, divertido —. Essa boca incrivelmente sensual se converte numa raia e seus olhos...

— Isto é absurdo! — interrompeu-lhe Riona —. Olhe, agradeço-lhe o favor, mas isso não lhe dá direito de discutir sobre minha vida privada ou meu aspecto. Assim, se não se importa...

Ela dirigiu seu olhar para o caminho e esperou que aceitasse a insinuação; o homem o fez por fim, concluindo:

— Acredito que isso significa que não me convidará para um café.

— Muito esperto — cantarolou ela, e ele riu.

— Bom, não importa, outra vez será.

Então, enquanto Riona ainda pensava numa resposta, ele acenou com a mão e retornou ao carro. Observou-o descer pelo caminho, mais veloz que o devido, e quase desejou que tivesse um acidente. Não um grande acidente, só um onde ele e seu resplandecente carro caíssem na sarjeta.

A presunção desse indivíduo a enfurecia profundamente. Agora que estava sozinha, lhe ocorriam muitas coisas engenhosas que pôde lhe dizer e não disse, e por um momento, desejou que voltassem a se encontrar. Então negou a possibilidade. Num par de dias o estadunidense teria conhecido Invergair e estaria a caminho do norte rumo a Gairloch, ou de retorno ao sul para ficar em algum hotel elegante. Nenhum turista ficava muito tempo nessa zona.

Mas se equivocou. Cameron Adams não estava de passagem. Ficou um mês inteiro... o suficiente para mudar sua vida para sempre.

A outra vez que o viu foi uma noite no ceilidh, no teatro local. Era um acontecimento que se celebrava semanalmente no verão; uma mescla de cantoria, baile e recitação que levava aos granjeiros de toda a península até Invergair.

Riona assistiu porque, quando seu avô adoeceu, ela tomou seu lugar no piano da banda. Os outros membros eram dois pescadores da localidade, um ao violino e o outro com o acordeão. Seu repertório era composto exclusivamente por danças escocesas.

Tinha terminado o Dashing White Sergeant e desceu do cenário para tirar um descanso; então viu o estadunidense.

— Passei a última meia hora te buscando — disse ele sem rodeio. Riona igualou sua forma direta de falar lhe respondendo: — Sim? Por que?

Ignorando sua brutalidade, Cameron passeou seu olhar pelo rosto da jovem e pelo vestido que levava. Era reto, de algodão branco, e deixava os braços e ombros nus; mantendo-a fresca no quente e lotado salão. Também insinuava a curva de seus seios, um fato que não tinha notado até que o olhar do estadunidense ficou preso neles.

Riona se sentiu molesta diante do escrutínio dele.

—Perdoe que interrompa sua inspeção, mas tenho coisas a fazer. Boa noite.

Sorrindo com sarcasmo, afastou-se dele. Voltou a ser interceptada, mas nesta ocasião pelo doutor Macnab.

—Boa noite, Riona — a saudou —. Vejo que já o conhece.

—A quem?

—Ao estadunidense.

—OH, ele!

—Você não gostou dele? —o doutor franziu o cenho.

—Não muito. Só espero que o novo latifundiário não seja assim.

O médico suspirou.

—Temo-me que é ele, Riona.

Riona custou uns segundos para assimilar. Tinham esperado meses a chegada do novo latifundiário, desde que sir Héctor tinha morrido à idade de noventa e cinco anos. Souberam que era um estadunidense, um tal C. H. Adams, de Boston, e isso era tudo. Elucidaram que não estava muito interessado em sua herança, ao não se apresentar para reclamá-la em pessoa.

—Não quererá dizer... —começou Riona, desejando ter entendido mal.

—OH, sim, ele é o homem. O bisneto de sir Héctor.

—OH, Deus! — Riona fechou os olhos, desesperada. Brigou duas vezes com o dono da casa onde vivia e da granja que trabalhava.

—O que acontece? —perguntou o doutor.

—Em realidade nada — Riona fez um gesto — Estive a ponto de insultá-lo.

—Céus! —exclamou o doutor Macnab— Isso não parece muito normal em ti. Deve ter dito algo que te incomodou.

—Que nada. Ele é o latifundiário e eu só sou uma pequena arrendatária... bom, era.

—Vamos, Riona, não vai despejar-te por algumas palavras apressadas. De fato, possivelmente riu delas. Hão-me dito que tem um fino senso de humor — Riona soprou de forma pouco delicada. «Fino» não era a palavra que ela teria usado.

—Quem lhe há dito isso? —perguntou.

—A senhora Ross — o doutor nomeou a sua ama de chaves—. Sua sobrinha, Morag, ajuda na limpeza da Casa.

A Casa era a forma em que se referiam à mansão senhorial de Invergair, o assento da família Munro. Não era um castelo, mas tinha uma torre ou dois e era imponente em tamanho.

— De todas as formas, Morag pensa que ele é encantador — continuou o doutor Macnab.

— Sim, bom... — Riona não estava tão impressionada com a opinião de Morag Mackinnon. Uma boa garota que perdia a cabeça com facilidade por qualquer homem atrativo.

Olhou para o salão e o localizou sem dificuldade. Era o homem mais alto, e seu atrativo rosto se inclinava para conversar com Isobel Fraser, a secretária do imóvel e a coquete de Invergair. Aos trinta e três anos, já havia se divorciado já duas vezes.

— A Isobel também parece agradar — riu o doutor Macnab — Possivelmente ela esteja dando um jeito para que seja seu marido número três.

— Pois vá em frente — respondeu Riona, cortante.

Sentindo que já tinha desperdiçado muito tempo falando desse homem, Riona se desculpou e retornou ao cenário com o resto da banda. Continuaram com seu repertório de números para dançar. Era música que Riona podia tocar até dormida, por isso sua mente vagou de novo para Cameron Adams. Viu-o dançar com Isobel Fraser. Ambos o fizeram de forma esplêndida. Isobel era das terras baixas, de Strathclyde, e se considerava a si mesma muito refinada para ir ao ceùidh semanal. Não era difícil adivinhar o que a tinha levado a esse.

Mais tarde, quando o baile terminou e Riona foi procurar o doutor Macnab para que a levasse para casa, encontrou-se que o médico estava sentado com Cameron Adams num canto afastado do salão. Deteve-se e ia retroceder quando o ancião a descobriu.

— Ah, Riona! — chamou-a, e ela, renitente, aproximou — Já ia te buscar. Quer que te leve?

— Se não for muito incômodo, doutor — respondeu, molesta pela presença do outro. Não tinha que olhá-lo nos olhos para saber que a observava, mas de todas formas o fez e imediatamente o lamentou.

— Eu a levo — disse ele, num tom que não admitia recusa. O coração de Riona se paralisou. Preferia caminhar descalça os seis quilômetros de distância, mas foi o doutor Macnab quem respondeu com ternura.

—Que amável de sua parte, Cameron — Riona permaneceu em silêncio.

—Fica no meu caminho — Cameron Adams desprezou que houvesse bondade em seu oferecimento e se dirigiu a Riona — Já está preparada?

O que podia dizer? Recordou a primeira vez que a levou e não sentiu desejos de repetir a experiência, mas era o novo latifundiário, enquanto que ela era um de seus arrendatários.

—É muito amável — repetiu ela —, mas não está tão no caminho. Se for pelo oeste do povoado, fica a Casa a mais de sete quilômetros. Teria que fazer um círculo para passar por minha granja, o que lhe desviaria muito.

—Sim, sei — foi sua única resposta enquanto a agarrava pelo braço. Despediu-se do médico e começou a conduzi-la até a porta.

O salão estava ainda ocupado com gente que se despedia e Riona sentiu que todos olhavam em sua direção. Ao dia seguinte se saberia em todo o povoado que Riona Macleod tinha saído do ceilidh com o novo latifundiário. Já podia imaginar as falações que isso daria lugar.

Cameron abriu a porta do carro e Riona entrou nele. Rapidamente, ele rodeou o veículo para subir pelo outro lado e ligou o motor. Então, antes de prosseguir, voltou-se para lhe dizer:

—Ponha o cinto de segurança — era uma ordem, não sugestão.

—Por que? Vou necessitá-lo?

Riona não estava muito disposta a obedecer, assim Cameron se inclinou sobre ela para lhe atar o cinto. Ao fazê-lo, o dorso de sua mão roçou seu seio. A garota sentiu pânico diante do contato que ele pareceu não notar, já que voltou a agarrar tranqüilamente o volante e arrancou o carro.

Ela ardia de ira em silêncio. Nunca tinha conhecido a ninguém tão arrogante. Quem se acreditava que era? Fez-se a pergunta e a respondeu imediatamente. Ele era o latifundiário. Por que discutia com ele? Queria ser despejada de sua granja depois de trabalhar tão duramente para mantê-la durante os dois últimos anos? Tinha vivido aí quase toda sua vida. Seus pais, que eram professores de música, morreram num acidente automobilístico quando ela tinha dois anos e seus avós a levaram para viver com eles. Tinha dez anos quando sua avó morreu e então ficaram sós ela e seu avô. Mais tarde, teve a oportunidade de obter um trabalho no conservatório de Edimburgo, mas escolheu ficar com ele, que já tinha mais de setenta anos e estava cada vez mais fraco. Ela o cuidou até sua morte. Foi uma etapa muito penosa, em que o ancião sofreu vários enfartes;

passado a isso, sua morte não supôs uma liberação para Riona. Tinham passado seis meses e ainda sentia muitas saudades.

— E onde está Jo esta noite? — perguntou Cameron, fazendo-a voltar ao presente.

— Jo?

— Já sabe... seu noivo. É que ele não gosta de dançar?

— Pois... não.

— Deve ser difícil, com quatro patas — repôs ele, e passaram uns segundos antes que Riona compreendesse que sabia a verdade.

— Quem o contou?

— O doutor Macnab... Depois de certa confusão, certamente divertida, compreendi que Jo gostava mais de brincar de correr detrás dos novinhos que dançar.

— Suponho que devo me desculpar — disse Riona, recordando com quem estava falando.

— Não, se isso pode me matar — disse diante sua expressão forçada —. Com uma explicação seria suficiente, como por exemplo, por que me deixou acreditar que vivia com um homem?

— Não o fiz! — protestou Riona com rapidez, esquecendo quem era ele —. Me perguntou se eu vivia sozinha e mencionei o Jo, e sua imaginação fez o resto.

— Podia havê-lo esclarecido — assinalou.

— OH, sim! Teria sido muito inteligente dizer a um completo estranho que eu vivia sozinha nessa granja isolada do mundo — replicou, molesta, e acrescentou —: Pode me deixar aqui.

— Posso, mas não vou fazê-lo — foi sua resposta enquanto subia a colina e conduzia até a porta da granja. Assim que o carro se deteve, Riona saiu.

— Obrigada por me trazer — disse, mas ele também saiu e rodeou o carro.

— Tem razão ao dizer que é um lugar muito solitário. Acompanhar-te-ei para comprovar que não há intrusos.

— Não há necessidade — queria que se fora, porque a punha mais nervosa que qualquer intruso. Ele o percebeu, já que disse:

— Relaxe, que não é um plano para te seduzir. Embora suponha que eu goste das mulheres difíceis, que não é assim, é muito jovem para mim.

— Ou possivelmente você seja muito velho para mim — disse, tentando ofendê-lo, sem êxito. Ele se limitou a sorrir.

— Deixa isso de «difíceis», e converte-o em «completamente impossíveis» — a agarrou pelo braço e a conduziu para a porta da casa.

Ele respirava sobre seu pescoço enquanto ela abria o ferrolho, e não lhe deu a oportunidade de fechar a porta diante dele. Resignada o guiou através do corredor para a sala, acendendo as luzes ao passar. Voltou-se e viu que ele revisava o quarto com incredulidade no rosto. Riona o compreendeu. A pobreza se refletia nos móveis desgastados e nos tapetes, no estado general de descuido, mas ela não se sentia envergonhada por isso. Levantou a cabeça e o desafio a fazer algum comentário.

— Se queres preparar uma taça de café para nós dois, prometo-te que não tomarei como um convite.

— Somente tenho chá — disse sem cortesia.

— Será suficiente — respondeu ele, encolhendo-se de ombros. Sem poder fazer outra coisa, Riona se dirigiu à cozinha, onde o cachorro que tinha pertencido a seu avô a saudou movendo a cauda antes de alertar-se diante a presença de um estranho.

— Suponho que é Jo — disse Cameron, inclinando-se para que o animal lhe cheirasse a mão.

— Sim, mas não gosta de estranhos — respondeu quando o cão retornou ao rincão.

— Tal dono, tal cão — resmungou o estadunidense. Riona se negou a justificar-se.

— Jo é o cachorro de meu avô — esclareceu com frieza.

— Seu avô — repetiu—. Sim, o doutor Macnab disse que morreu recentemente.

Ocupada com a preparação do chá, Riona assentiu esperando desanimá-lo, mas Cameron parecia inacessível ao desalento.

— Deve ser difícil pra você cuidar deste lugar sozinha — continuou.

— Me viro. Não me atrasarei no pagamento do aluguel, senhor Adams, se isso for o que o preocupa.

— Cameron — insistiu— e não, não me preocupo com sua renda. Segundo as contas que vi, duvido que valha a pena preocupar-se — acrescentou sorrindo. Mas Riona não sorriu. O que queria dizer? Consideraria muito baixo o aluguel? Ela mal podia pagá-lo.

Seu rosto revelou seus pensamentos e Cameron Adams disse:

—Relaxe, garota. O que paga por este lugar é muito.

Lançou um olhar desdenhoso para a cozinha. Riona vacilou entre sentir-se aliviada por saber que o aluguel não aumentaria ou furiosa diante o insulto a seu lar. Incapaz de discutir limitou-se a lhe perguntar como gostava do chá, antes de pô-lo sem cerimônias em frente dele, sobre o aparador. Não o convidou a sentar-se e tampouco ela o fez, mas sim ficou de pé apoiada contra a pia, tão longe dele como foi possível. Como era uma quitinete, sentia-se aflita por sua presença.

—Ajuda-te seu noivo? —perguntou ele de repente.

—Quem diz que tenho noivo?

—Não é um segredo, verdade? Ele está na Marinha, não? —continuou Cameron, e então Riona compreendeu a quem se referia: a Fergus Ross; mas, quem o haveria dito?

—Eu... —sua forma direta de falar era incrível — Por que quer sabê-lo? — de repente o pescou e ele se encolheu de ombros.

—Acredito que, depois de tudo, estou interessado.

—No que?

—Em ti — respondeu sinceramente.

Tinha que estar brincando, decidiu Riona olhando-o com raiva, enquanto lhe oferecia um radiante sorriso em troca. Só tratava de desconcertá-la.

—É algo que a mim mesmo surpreende — continuou ele—. Quero dizer, que você não é em realidade meu tipo, e não quero dizer com isso que não seja bonita. É e muito — fez uma pausa para olhá-la e Riona desejou ter conservado o casaco.

—Esperas que me sinta adulada?

—Absolutamente. Imagino-me que os homens tiveram que fazer fila há vários anos para lhe dizer quão bonita és... Suponho que toda essa prática te ajudou a aperfeiçoar essa forma de ser tão insultante.

—Você... Isto não é justo! —protestou.

—Justo? —repetiu.

—Poderes entrar em minha casa e dizer o que quiser — continuou Riona—, e eu tenho que ficar aqui e agüentando porque você é o latifundiário e eu não.

—O que? —era óbvio que não se pôs a pensá-lo desde essa perspectiva e quando o fez, riu com força—. Que feudal! Pensa que não pode discutir

porque sou seu arrendador. O que imagina que vou fazer? Te despejar na rua? — exposto dessa forma soava absurdo, e Riona se defendeu.

— Não sei. Seu tio avô não era muito sutil com a gente que não estava de acordo com ele.

— Isso já me foi dito. Mas entre sir Héctor e eu há algumas diferenças... Não sei se te terás dado conta.

Enquanto falava, Cameron se aproximou lentamente dela. Riona pensou que não devia assustar-se, que tudo aquilo era um simples jogo. O problema era que ela não conhecia as regras. De repente ele se deteve e ela, sem muita originalidade, comentou:

— Já é tarde, acredito que deves ir agora.

— Provavelmente — a surpreendeu ao aceitar, mas não fez nenhum movimento; em troca, estendeu uma mão e lhe tocou o cabelo —. É uma bonita cor. É natural ou tingido?

— Eu... — Riona ofegou diante do descaramento da pergunta.

— Eu diria que é natural — se respondeu a si mesmo antes de baixar a mão do cabelo até o ombro, acariciando a pele que o vestido de verão deixava descoberta.

— Eu acredito que não deveria...

— Eu acredito que sim — estendeu os dedos na base do pescoço e sentiu o pulso dela bater rapidamente. Franziu o cenho —. Não me tem medo, verdade?

— Não, é obvio que não! — exclamou Riona, muito orgulhosa para admiti-lo. Isso fez com que Cameron sorrisse ao sugerir:

— Então deve ser amor.

— Não seja absurdo! — agora Riona estava mais irritada que assustada.

— Está bem, digamos atração, se o preferir — sorrindo, agarrou sua mão e a apertou contra seu peito — Seja o que for, meu coração pulsa tão forte como um tambor. Sinta-o.

Por um momento, Riona não pôde fazer nada. Sentiu seu pulso como ele dizia e seus próprios batimentos do coração aumentaram. Retirou sua mão só para que ele a tomasse pela cintura. Seu olhar voou para seus olhos, suplicante, cheios de pânico. Ele a olhou por sua vez e já não sorria. O desejo cobria suas feições e ela moveu a cabeça, embora ele não o notou.

O primeiro beijo. A boca dele baixou até a dela, devagar. Pôde escapar, mas não o tentou. Já tinha os lábios sobre os da garota, a princípio como

uma carícia tenra, tão ligeira que apenas a sentia. Ela se traiu e abriu os seus para ele; abriu seu coração, sua vida. Ele gemeu em resposta, antes que sua boca a cobrisse, saboreando sua doçura; o desejo se tornou uma paixão que exigia mais, tudo. Ela gemeu assustada, excitada. Ele a atraiu aproximou-a mais até que já não fosse suficiente e suas mãos se deslizaram até o quadril dela, levantando seu corpo até o seu, forçando-a a reconhecer a necessidade que tinha dela.

— Não! Não! — retorceu-se entre seus braços e o empurrou numa súbita recusa. Passou um segundo antes que ele compreendesse logo uma expressão de ira e frustração cruzou seu atrativo rosto e ela já não teve que lutar. Deixou-a ir —. Sinto — se desculpou Riona, embora não sabia por que —. Não posso... eu não... — moveu a cabeça e seus balbucios foram interpretados por ele, de forma equivocada. Sua expressão sombria se atenuou para expressar assombro.

— Sinto muito, eu não me tinha dado conta... — ao observá-la viu pânico em seus olhos —. Eu supus... Muito poucas garotas o são nestes dias.

«São o que?» Riona pôde lhe perguntar, mas o entendeu muito bem.

— Devi sabê-lo. Está escrito em todo seu corpo; simplesmente, não quis vê-lo.

— Eu não sou... — tentou lhe explicar Riona, envergonhada. Não lhe deu oportunidade.

— Não tem que dizer nada. Só me acompanhe à porta — sugeriu com um sorriso zombador. Comportou-se de forma tão agradável, tão razoável, que Riona se sentiu pior. Abriu a boca, mas não saíram palavras. Era mais fácil fazer o que ele tinha sugerido e o escoltou até a saída —. Bom, foi divertido enquanto durou — foi sua despedida, a que seguiu uma advertência—: Fecha bem suas portas, garota — e se dirigiu ao carro. Riona ficou na soleira observando-o enquanto retrocedia pelo caminho baixando a colina. Devia sentir alívio de que se fora, contente de que ele se enganasse. E realmente sentia alívio, porque sabia que ela não poderia controlar a esse homem. Era completamente diferente dos outros. Diferente de Fergus Ross e os outros jovens de Invergair. Diferente a qualquer que tivesse conhecido.

Fazia que seus sentimentos girassem e o alívio não era nada comparado com a ansiedade de que tocasse seus lábios. Provocava-lhe sensações perigosas, que tinha que dominar para evitar uma dor ainda maior que o sofrido nas mãos de Fergus Ross.

Forçou-se a recordar essa primeira e última desastrosa tentativa de amor. Chamava-o amor, é obvio, embora tenha sido uma decepção. Possivelmente se tinha imaginado apaixonada por Fergus porque se sentia sozinha e assustada. Quanto a ele, tinha fingido amor até que foram juntos à cama; depois, mostrou um desinteresse absoluto.

Deixou escapar um enorme suspiro de alívio quando Fergus teve que retornar a seu navio no dia seguinte e fez o possível para esquecer todo o doloroso episódio. Arrumou-se muito bem, o que em realidade provava o pouco que lhe importava ele. Tudo isso deixou um rastro nela que a fazia desconfiar dos sentimentos próprios ou alheios. Embora seu coração ainda pulsasse apressadamente, Riona se negava a pensar que se tratasse de amor. A verdade era mais básica.

Cameron Adams a tinha desejado. Ela o tinha desejado. Assim simples; assim perigoso, e não havia dúvida do que ela devia fazer. Pôr todos os meios a seu alcance para evitá-lo.

Só uma idiota faria o contrário.

CAPÍTULO 2

Invergair cobria um território extenso, e em teoria devia ser fácil evitar Cameron Adams, mas as coisas não funcionaram assim. Ao dia seguinte, Riona foi ao povoado comprar uma bicicleta. À volta, lhe tirou o cadeado. Esvaziou a cesta e deu a volta à bicicleta para arrumá-la. Então apareceu o BMW. Ela o viu primeiro e manteve baixa a cabeça, mas ele se deteve e gritou:

—Necessita ajuda?

—Não, obrigado. Eu posso fazê-lo — respondeu sem voltar-se.

—Riona? — não a tinha reconhecido vestida com jeans, uma camisa e o cabelo recolhido sob uma boina de beisebol. Sentiu-se obrigado a estacionar o carro e cruzar o caminho para ajudá-la.

—Em realidade posso fazê-lo só — insistiu, mas ele a ignorou. Abaixou-se junto à bicicleta, levantou o gordurento cadeado e levou um minuto fazer o que ela levava cinco tentando.

—Não ficará firme porque precisa movimentar-se. Surpreende-me que não te tenha acontecido antes — disse, e Riona reconheceu para si que já lhe tinha acontecido quatro vezes, mas decidiu não comentá-lo porque já a considerava bastante incompetente — Te levarei a sua casa — acrescentou, e antes que ela protestasse, agarrou a bicicleta e a levou ao carro. Riona o alcançou.

—Não acredito que a bicicleta caiba — protestou, e desejou não havê-lo dito ao ver que Cameron a colocava sem dificuldade no porta-malas.

—Quer entrar? — sugeriu ele, depois de recolher sua compra e colocá-la também no porta-malas.

Não, Riona não queria entrar, mas tampouco queria montar uma cena, assim, renitente, subiu ao carro e em silêncio, observou suas manobras para dar a volta e conduzi-la à granja.

—Está zangada comigo, menina?

—É obvio que não!

—Então, por que não te anima um pouco? — continuou, divertido, e obteve um desalentador grunhido de Riona. Cameron Adams, entretanto, não necessitava que o animassem. Ao chegar à granja, voltou-se para lhe

dizer — Compreendo que ontem à noite fui um pouco brusco, mas não voltará a acontecer. Assim podes relaxar, de acordo?

— Sim, de acordo — repetiu Riona, renitente.

— Amigos? — ofereceu-lhe sua mão.

— Amigos — aceitou ela, e sofreu um forte apertão —. Com uma condição.

— Diga-me! — ele sorria.

— Deixe de me chamar «menina» — disse com seriedade, e o sorriso dele se ampliou.

— De acordo... carinho.

— Não, por favor! «Carinho» é ainda pior — exclamou Riona, desgostada.

— Está bem, como devo te chamar? Senhorita Macleod? — sugeriu.

— Exatamente — respondeu Riona com aspereza e saiu do carro. Ele a seguiu para tirar sua bicicleta do porta-malas.

— Já nos veremos senhorita Macleod.

«Não se eu te vejo primeiro», pensou Riona, mas não o disse.

Estava firmemente decidida a manter-se fora de seu caminho, mas cada dia lhe resultava mais difícil. À manhã seguinte, quando tocava o órgão da igreja, aí estava ele sentado no banco de seu tio avô Héctor, justo em frente dela. Cada vez que cometia o engano de levantar a vista do instrumento, ele fazia uma pausa em seu canto e lhe sorria. Deu-se conta de que ria dela, desfrutava de seu desconforto, consciente de que não sabia como enfrentar a ele.

Quando a missa terminou e parecia que ele ia aproximar-se, ela se deslizou pela porta traseira da igreja e cruzou o prado até a casa do doutor. Desde a morte de seu avô, o doutor Macnab tinha insistido em que se unisse a ele na comida dominical. O assado o tinha preparado sua ama de chaves, a senhora Ross, uma dama viúva que às vezes os acompanhava.

— Hoje haverá três para comer — informou o doutor Macnab quando ela se tirou o casaco e ele a escoltou pelo corredor. Riona sorriu à ama de chaves quando apareceu na porta do comilão.

— Ficará senhora Ross?

— Ah, não, menina. A companhia será muita para alguém como eu — respondeu a mulher —. Já o hei dito ao doutor e vou agora.

—Muito? — Riona sentiu um estremecimento na boca do estômago e foi o ancião quem respondeu:

—Isso diz a senhora Ross — e ao soar a campainha acrescentou — Deve ser ele.

Ele? Riona não precisou perguntar, porque já tinha adivinhado. Inclusive antes de ouvir o doutor dizer: «Entre, Cameron» e ver a alta figura do estadunidense na soleira. Ele se surpreendeu ao vê-la também. Era claro que o anfitrião não lhe tinha advertido.

—Já conhece a Riona — disse o doutor Macnab.

—A senhorita Macleod — corrigiu Cameron, inclinando a cabeça a modo de saudação.

—Senhor Adams — replicou Riona, e o doutor levantou uma sobancelha diante de tal formalidade, mas não disse nada e os conduziu a mesa.

Embora ela tivesse comido aí muitas vezes, sentiu-se deslocada, enquanto o doutor Macnab e Cameron Adams conversavam tanto de assuntos locais, como mundiais. Várias vezes o médico tentou colocá-la na conversação, mas ela se sentia completamente inibida pela presença do outro. Entretanto, escutava, e se inteirou de que o indivíduo não tentava vender o imóvel como todos tinham suposto.

—Ao princípio, terei que empregar um gerente para que a administre — informou —. Além de não ter experiência, tenho compromissos na América.

—Assim retornará a casa logo? — perguntou Riona.

—É isso um desejo? — sugeriu ele com secura—. Não até dentro de umas semanas. Arrumei-me isso para ter um mês de férias.

—Posso lhe perguntar no que trabalha? — intercalou o doutor.

—Na construção — respondeu Cameron Adams.

—É construtor? — atreveu-se a sugerir Riona.

—Poderia chamar-se assim — respondeu sem dar maior informação.

—O que constróis? — insistiu, e ele se encolheu de ombros.

—Centros comerciais em sua maioria.

—Já — replicou Riona, tentando dissimular o fato de que não tinha visto um centro comercial em toda sua vida.

—Vejo que não a impressionei — remarcou Cameron Adams ao doutor.

—Ao contrário — o ancião tratou de suprir sua falta de resposta —. Estou seguro de que é um trabalho muito interessante.

—Temo-me que não, doutor — riu o estadunidense— Quando se construiu um centro comercial, construíram-se todos. Possivelmente seja o momento de trocar.

—Quer dizer te mudar para Invergair? — perguntou Riona, alarmada.

—Sim, não parece te agradar semelhante possibilidade. Começo a suspeitar que os nativos não me aceitam e existe a opinião de que aumentarei os aluguéis e que despejarei a quem não possa pagar. Pensam que por ser estadunidense vou atrás de dinheiro rápido e nada mais.

Riona não pôde evitar ruborizar-se, porque era exatamente o que pensavam. Que seu interesse na herança era monetário.

—Estou seguro de que não é nada pessoal — lhe assegurou o doutor Macnab— Estão preocupados com seu futuro. Não aconteceram cem anos do momento em que os camponeses foram expulsos para obter espaço para os rebanhos de ovelhas.

—Já sei, mas certamente, a gente não pensa que isso voltará a acontecer. Nestes dias, existem leis que o impedem.

—Possivelmente — aceitou o doutor—, só que não falamos de lei ou lógica, mas sim de desconfiança enraizada durante gerações. E, com tantos latifundiários ausentes, as atitudes mudam com muita lentidão.

—Já — murmurou Cameron, pensativo— E é uma lástima, porque estou realmente interessado nesta zona. Acredito que tem grandes possibilidades. Por exemplo, existem as indústrias de fiações e artesanatos. Com um pouco de organização, poderiam converter-se em minas de ouro.

—Como? — perguntou Riona, receosa. Ela não fiava, mas conhecia muitas mulheres que sobreviviam com esse trabalho. Não gostariam que houvesse mudanças radicais.

—Bom, conforme entendi — respondeu Cameron— um bom número de mulheres fazem trabalhos em seus lares para uma fábrica de malhas em Glasgow. Eles, por sua vez, exportam os objetos feitos a mão para lojas que as põem à venda a preços exorbitantes. Parece-me que seria possível eliminar um ou dois pontos do processo e desfrutar de maiores lucros.

Parecia muito singelo, e Riona se sentia acética.

—Quer dizer, com etiqueta própria, como «Tecidos Invergair»? — perguntou o médico.

—Essa é a idéia — sorriu Cameron—. Poderíamos procurar um bom desenhista de Londres para fazer os padrões e já só poderia fazer-se com um mercado. O que pensa? — perguntou a Riona e a desconcertou.

—Não... Não sei muito sobre esse tema — admitiu.

—Tampouco eu. O importante é organizar as pessoas que sabem e fazer com que trabalhem para ti.

—Temo que tampouco saiba nada sobre negócios — confessou ela.

—Também para mim é território estranho e tenho que admitir que me parecesse uma aventura excitante. Por onde começaria você? — perguntou o doutor.

—Bom, um primeiro passo seria contratar a um consultor para ver a viabilidade do projeto — explicou o estadunidense— Entretanto, antes disso, tenho que falar com as tecelãs, porque se a idéia não lhes parecer boa, não iremos a nenhum lugar. Meu único problema é abordar a elas — o doutor Macnab assentiu.

—Temo que assim seja. As mulheres de Invergair são boas trabalhadoras, mas são lentas para aceitar novas idéias, especialmente...

—vindo de alguém que só está aqui há cinco minutos — concluiu Cameron Adams, e os dois riram. Riona sentiu que devia defender a suas amigas e vizinhas.

—Não as podem culpar. Algumas delas dependem inteiramente da malha para viver.

—De verdade? —o estadunidense estava obviamente surpreso— Nesse caso, há mais razões para tentar melhorar sua situação. Possivelmente você poderia ajudar.

—Eu? — repetiu Riona com surpresa.

—Sim, poderia dar uma volta pela área comigo e me apresentar às tecelãs, me ajudar a lhes vender a idéia.

—Sinto muito — negou—, mas não é possível. Não posso lhe dar tempo à granja.

—Não há problema — a rechaçou— Eu farei que um dos operários da casa te substitua; possivelmente faça algumas reparações enquanto esteja aí.

—Se, bom... — Riona procurava outra desculpa, sem encontrá-la. O doutor Macnab interveio:

— Acredito que Riona vacila porque ela mesma não está completamente convencida com a idéia. É isso, menina?

— Isso é, sim — entiu agradecimento pela sugestão do doutor. Suspirou de alívio quando Cameron Adams disse:

— É justo. Compreendo-o, mas eu diria que essa é uma razão ainda mais forte para vir comigo. Porque imagino que se interessar de coração por elas — continuou secamente — não vacilará em interferir para mostrar seu desacordo.

— Eu... — Riona franziu o cenho, desesperava-se ao não encontrar uma desculpa válida —. E não poderia Isobel Fraser te acompanhar? Ela seria melhor. Conhece mais as tecelãs e tem mais idéia do que são os negócios.

— Possivelmente — concedeu Cameron — mas Isobel não estaria em desacordo comigo. É uma garota muito doce para isso — acrescentou com um sorriso torcido.

Doce! Isobel Fraser doce? Riona esteve a ponto de explorar diante de semelhante descrição. Como podia estar tão equivocado? Que fácil tinha sido enganá-lo! Felizmente, o doutor Macnab trocou de tema, perguntando a Cameron a respeito de seus planos sobre a cria de salmão.

Cameron explicou que visitaria uns viveiros para julgar se podia implantar algo similar em Loch Gair. Confessou sua ignorância quanto à pesca e o doutor, um entusiasta pescador de experiência, tomou como convite para expor seus conhecimentos e seus conselhos. Riona estava calada, porque tinha decidido não intervir e esperava que a idéia de que o ajudasse tivesse sido abandonada. Supôs que sim quando ao terminar de comer, ela se desculpou e partiu, expressando seu desejo de voltar a pé até sua granja. A caminhada a passo rápido serviu para dissipar as tensões da comida.

Cameron chegou à manhã seguinte acompanhado do Rob Mackay, um dos granjeiros da Casa. Não seria verdade dizer que a puseram num dilema, porque isso implicava escolher, e não lhe deram oportunidade. Apenas teve tempo de dizer a Rob o que necessitava reparação antes que Cameron a levasse apressadamente para o Land Rover. Ele a instalou no assento do passageiro e logo baixou a porta traseira para que o pudesse saltar dentro.

Quando ao fim teve a oportunidade de protestar, estavam na estrada.

— Te ocorreu pensar que eu não quero fazê-lo? — perguntou-lhe com o tom mais frio que pôde, só para obter em troca um sorriso.

— Claro. Por que crês que vim tão cedo?

— De que serve isso? Se decidir não cooperar...

— Fará isso... — continuava rendo — porque se não, passarei o dia conduzindo em círculos, porque não sei onde vivem essas senhoras — acreditava a ter apanhada, mas Riona, sem lhe dar importância, respondeu:

— E o que? Rob está fazendo meu trabalho do dia.

Dito isso, cruzou-se de braços e olhou pela janela do Land Rover. Estava segura de que podia agüentar mais que ele.

Ele tomou o caminho para o povoado e estacionou diante da loja, onde a senhora Ross e Jean Macpherson conversavam.

— Até onde... — revisou uma lista — Para ir à casa da senhora Annie Fackerson?

— Quem te deu essa lista?

— Isobel por quê?

— Por nada.

— Vamos — apurou ao ver sua expressão —. O que acontece? Annie é uma das tecelãs, verdade?

— Era — concedeu Riona.

— Mas já não o é — adivinhou.

— Pode dizê-lo assim. A velha Annie Fackerson morreu faz um mês. Parece que Isobel não se inteirou, a menos que se refira à jovem Annie.

— Isso deve ser — leu a direção — Braeside, Ardgair.

— Sim, essa é a direção da jovem Annie, mas não acredito que saiba tecer, embora pudesse estar equivocada — Riona fingiu considerar essa possibilidade

— Não, duvido. Aos cinco anos se é muito jovem...

— A jovem Annie tem cinco anos? — concluiu, exasperado.

— Acabo de dizê-lo.

Ele riscou o nome do Annie Fackerson.

— Seguimos com o Jean Macpherson. Primeiro, está viva ou morta?

— Viva — confirmou Riona. A via conversar com a senhora Ross.

— Bem. Sabe tecer? — perguntou em tom seco, e ela assentiu.

— Mas...

—Sabia que haveria um mas... — interrompeu-a— Não me diga isso. Se há quebrado um braço? Navega pelo Atlântico? Emigrou para Nova Guiné?

—Não, só está fora no momento —l he informou Riona.

—Fora? —repetiu.

—Não está em casa — exagerou a lentidão e ele apertou os lábios.

—Como sabe? — perguntou ele, sugerindo que mentia.

—Possivelmente sou adivinha — Riona se traiu ao olhar às mulheres.

—Está bem qual das duas é ela? —exigiu-lhe.

—A de vestido azul.

—Podemos falar com ela agora ou pode me levar à seguinte...

—Eu... — Riona vacilou. Não lhe agradava tratar o tema com o Jean Macpherson em metade da rua principal de Invergair e anunciar publicamente sua associação com o estadunidense. Tampouco se renderia. Teve que decidir quando ele quis sair do carro e ela o deteve.

—Melhor a visitarmos em sua casa — e revisou a lista, procurando a pessoa mais fácil de convencer, e acrescentou— Podemos ir com Betty Maclean agora. Está só a três quilômetros do povoado.

—Bem — assentiu, e seguiu a direção que ela assinalava.

Um sorriso reapareceu em seu rosto, e não era surpreendente, porque ele tinha ganhado. Manteve esse gesto quando o apresentou a Betty. Sentaram-se em silêncio e finalmente Cameron as arrumou para que a mulher lhe desse sua garantia conformidade. A situação se repetiu nas casas seguintes. Riona não podia acreditá-lo. Pensou que sua insolência desagradaria às mulheres, que desconfiariam de seus grandes planos e se sentiriam ofendidas por sua aguda e entristecedora confiança.

Mas ao contrário, sentiram-se atraídas por seu entusiasmo e encanto. Os que as convidasse a contribuir com as idéias que tiveram foi definitivo em seu êxito. Foi Riona que terminou tratando de aconselhar certa precaução e ainda que Cameron Adams o permitiu, as mulheres não quiseram lhe fazer caso.

Pela tarde, quando já tinham visitado seis casas, Riona pensou que era suficiente. Elas passariam suas idéias ao resto, e assim o disse quando retornaram a sua própria granja.

—Possivelmente — concedeu— mas tendo visitado umas poucas, sinto-me obrigado às visitar todas. De outra forma, ofenderei às demais — concluiu, e Riona reconheceu que tinha razão.

— Bom, eu não posso ajudar. Tenho muito que fazer na granja.

— Não há problema, de novo deixarei a Rob — respondeu — Pode lhe dar uma lista do que tem que fazer, e se lhe sobra tempo, pode realizar algumas reparações.

— Não, obrigado — rechaçou, descortês — Posso fazê-las eu mesma.

— Pode? — perguntou, olhando seu pátio. Os abrigos estavam ruídos, a porta pendurava de uma dobradiça.

— Faço o que posso — balbuciou Riona, e tratou de descer do Land Rover, mas ele a reteve pelo braço.

— Ouça, eu não hei dito o contrário, só que é muito para ti.

Mostrou-se compassivo, embora Riona estivesse muito doída para notá-lo.

— Posso fazê-lo — insistiu —, assim, se pensa reclamar minha granja por essa causa, pode se esquecer disso.

— O que? — era óbvio que lhe tinha surpreso sua resposta. De fato, o melhor dos atores não teria podido fingir sua surpresa.

Riona soube então que tinha sido injusta e irracional, mas não se pôde deter. Não sabia comportar-se quando ele estava perto. Olhou-o com uma mescla de rogo e acusação antes de liberar seu braço e sair do carro. Jo saltou detrás dela.

Cameron alcançou a Riona na casa e a virou para obrigá-la a olhá-lo.

— O que te acontece? De verdade crês que vou te despejar? — indagou.

Olharam-se um ao outro durante um interminável momento e Riona quis retirar tudo o que havia dito, mas as palavras não chegaram e ele finalmente a soltou e deu a volta. Ela o observou retornar ao Land Rover fechar dando uma portada e conduzir sem voltar-se para olhar para trás. As lágrimas surgiram em seus olhos e as limpou. Ela tinha causado a discussão. Tinha querido que a deixasse sozinha, assim por que chorava?

CAPITULO 3

E por que sentiu felicidade quando o viu reaparecer no Land Rover pela colina ao dia seguinte? Não era lógico, mas não se deteve analisar suas emoções antes de baixar e sair a saudá-lo. Deteve-se quando viu que Rob Mackay estava com ele e a saudava. Cameron virtualmente a ignorou. Ambos foram à parte traseira do caminhão para tirar madeira, arame e uma coleção de ferramentas. Parecia que iam fazer reparações sem pedir sua autorização.

Quando terminaram de descarregar, Rob começou a arrumar a porta do abrigo. Cameron foi para onde ela estava. Entregou-lhe um envelope de cor amarela.

—O que é? —a felicidade da garota se evaporou.

—Não se preocupe, não é um aviso de desalojamento. Lê-o com cuidado antes de assiná-lo — se afastou e Riona pensou que se ia, mas foi até o muro e, para seu assombro, começou a dismantelar o destruído.

Riona entrou na casa, sentou-se à mesa da cozinha e observou o envelope sem atrever-se a abri-lo. O agradável Cameron do dia anterior não era quem lhe tinha entregue o envelope, sim seu arrendador. Tinha tratado de ser amistoso e ela se mostrou intratável. O que quer contivera no envelope, o merecia.

Estava equivocada. Não o merecia. Leu duas vezes o documento procurando a armadilha e não a encontrou. Era um acordo lhe oferecendo arrendamento por vida da granja, com o aluguel fixo com aumentos limitados à taxa de inflação, não afetado por qualquer melhoria que se fizesse à propriedade. Outorgava-lhe a segurança total sem custo algum e era mais generoso do que tinha direito a esperar depois de seu comportamento.

Passou tempo antes que saísse. Tinha preparado um discurso de gratidão e desculpa, mas se converteu num confuso nó no momento em que se aproximou dele.

Ao princípio ele não a sentiu. Trabalhava nu até a cintura, sob o brilhante sol de junho.

Quando se deu conta de sua presença, Cameron se endireitou e se deu à volta; ela se ruborizou como se fora culpada de algo. Ele assinalou o envelope.

— Já o assinaste?

— Eu... Não, está bem — balbuciou — Não há necessidade. Ontem... Comportei-me como uma idiota. Já compreendi que não pretende me despejar.

— Sim? — parecia suspeitar de seu tom humilde. Ela assentiu.

— Suponho que só... Bom, como disseste, sou difícil de tratar.

Ele levantou uma sobrancelha, surpreso diante da desculpa, e concedeu generosamente:

— Não sei, possivelmente seja falha minha também. Quando tenho uma idéia tendo a esperar que os outros estejam de acordo. Acredito que não estou acostumado às garotas escocesas de cabeça dura e idéias firmes.

Um sorriso acompanhou o último comentário e Riona lhe sorriu, mas foi uma resposta automática. Os olhos de ambos expressaram mais, mantiveram-se fixos nos do outro e admitiram a realidade de seus sentimentos.

Foi algo físico, não simples atração; algo como um puxão violento. A forma em que ele a olhava lhe provocou um nó no estômago e fez que o coração lhe pulsasse apressadamente; de forma instintiva, quis voltar a discutir com ele. Queria fazê-lo porque era o mais seguro.

— Assim nesta ocasião lhe peço — disse isso ele brandamente — quer, por favor, vir comigo e me apresentar às outras senhoras esta tarde?

Pô-lo fácil para ela. Só tinha que dizer que não e assim ele não voltaria a incomodá-la de novo.

— Eu... Sim, está bem — disse depressa, cansada de ser sensata e estar a salvo — . Bom, não, penso... — tratou de arrepender-se e ele não a deixou.

— Shh! Não penses. É melhor que te deixe levar por seus instintos.

— Eu... — Riona abriu a boca para discutir, mas não pôde pensar numa desculpa que não soasse inaceitável.

— Bom, será melhor que termine isto — disse ele, assinalando a parte do muro que estava reconstruindo. Sem acrescentar mais, voltou-se para o muro para continuar sua tarefa. Ela compreendeu que tinha sido uma despedida e se encaminhou para a granja; logo mudou de opinião e assobiou chamando o cachorro para ir às colinas. Subiu até onde estava seu

principal rebanho de ovelhas e o guiou para um campo anexo para pastar. Não lhe levou muito tempo, porque embora Jo se estivesse velho, ainda era um excelente cão pastor, que requeria de um mínimo de guia.

Riona desceu da colina decidida a evitar o encanto de Cameron. Cozinhou para ele e Rob e se manteve fria durante a comida. Não cortou a distância quando o acompanhou às casas das tecelãs, mas ele não o notou ou não lhe importou. Usava seu encanto com as mulheres ao discutir idéias para a etiqueta e as deixou impressionadas com sua personalidade. Riona não as culpava, porque ele era um homem difícil de resistir.

Quando a levou de retorno à granja não ficou de vê-la ao dia seguinte, limitou-se a aparecer pela manhã no BMW alugado, com Rob. Riona de novo sentiu felicidade por sua volta. Era absurdo tratar de afastá-lo.

—Hei acertado uma entrevista para ver uma granja de cria de salmão perto de Gairloch — disse quando Rob desapareceu para os outros edifícios — Não estou seguro do caminho e me perguntava se poderia me guiar.

Só tinha que pronunciar uma palavra e então ele voltaria para carro e se iria, mas Riona não queria negar-se. Desejava só um dia mais, um dia que não estragasse e que pudesse desfrutar antes que finalmente rompesse a amizade com esse homem.

Assentiu e logo indicou sua gasta calça de vaqueira e sua camiseta:

—Devo me trocar?

—Não, assim está bem — lhe respondeu olhando seu rosto, não a roupa.

Agarrou-a do braço antes que mudasse de opinião e a instalou no assento do passageiro do BMW. Ao decidir dar-se esse dia, Riona se converteu numa garota diferente. Viajavam com as janelas abaixadas, e uma fresca brisa acariciava seus rostos enquanto ele conversava sobre seus projetos de piscicultura, e se esqueceu por um momento de que ele era o senhor arrendador e ela uma simples arrendatária. Chegaram a seu destino pela manhã, e depois de visitar um viveiro de salmão insuficientemente administrado, iniciaram a volta a casa. Riona não questionou o fato de que não lhe perguntasse por aonde ir, nem tampouco seu aviso de que se deteriam parar comer no caminho, até que saíram da estrada e estacionaram junto às arenosas praias do Loch Gair.

—Não há nenhum lugar para comer por aqui — comentou, pensando que queria que caminhassem até o hotel mais próximo.

— Não importa. A senhora Mackenzie nos preparou comida — lhe explicou, e tirou uma cesta que a ama de chaves tinha guardado no portamalas.

Subiu-a até o monte e a garota o seguiu, tirando as sandálias quando chegaram à praia. Era um formoso dia, o sol estava alto no céu e se refletia sobre as claras águas do lago. Um lugar perfeito para passar um dia de campo, sentados sobre a suave areia, com o silêncio quebrado só pelo suave movimento da água na praia.

De repente, Riona se sentiu muito nervosa. Ajoelhada sobre a manta que ele tinha estendido no chão, observou-o tirar a comida e desenvolver a garrafa de champanha. Fez um movimento negativo com a cabeça quando lhe ofereceu um copo.

— Eu não bebo — disse.

— Alguma vez? — fez um gesto zombador e ela reagiu dizendo:

— Meu avô pensava que o álcool embrutece a mente, faz morrer a consciência e destrói a alma.

— Céus! — Cameron tratou de ocultar um sorriso diante de tão cortante afirmação — . Suponho que era um homem religioso.

— Absolutamente — negou ela — . Pensava que a religião era uma muleta para os fracos e uma desculpa para os corretos.

— Seu avô era um homem de opiniões fortes.

Não havia crítica no tom do Cameron, mas Riona ainda estava à defensiva.

— Possivelmente, mas respeitava as opiniões de outros também — declarou.

— O que o põe por cima de meu tio avô, sir Héctor — comentou Cameron como resposta e perguntou — : Se conheceram eles dois?

— OH, sim!

— E quem ganhou? — perguntou, malicioso, e Riona sorriu.

— Eu diria que foi um empate. Sir Héctor tinha hóspedes em Londres e decidiu levar a cabo um ceilidh na Casa. Esperava que meu avô, Roddy e seus amigos tocassem grátis. Bom, meu avô lhe disse que ele tocaria o órgão grátis em seu funeral, mas em nenhum outro lugar, e sir Héctor esteve a ponto de sofrer um enfarte.

— E lhes pagou? — Cameron sorria.

—OH, sim! Sessenta libras. Depois de tudo, não podia fazer outra coisa, porque tinha prometido a seus amigos uma verdadeira noite escocesa.

—Isso não parece um empate e sim uma vitória total para seu avô — julgou ele, admirado, e Riona negou com a cabeça.

—Não; sir Héctor se desforrou. Verá, os seguintes anos mandou os construtores a reparar todas as casas do imóvel exceto a nossa.

—Por isso está nesse estado — concluiu Cameron—, e por isso despreza minha ajuda. Porque sou o sobrinho neto de sir Héctor?

Riona se encolheu de ombros, já que não era tão singelo e não tinha intenção de lhe explicar seus sentimentos para ele. Ele não a pressionou e voltou sua atenção à cesta, passou-lhe um prato e deixou que ela se servisse.

—É uma verdadeira novidade estar com uma mulher que não está constantemente preocupada com seu peso — comentou Cameron, e Riona se sentiu agradada, embora logo se perguntou se não seria um velado insulto sugerindo que possivelmente ela deveria vigiar seu peso.

—Suponho que a maioria de suas amigas são muito mais magras, como as modelos das revistas — respondeu com desdém.

—Por que supõe que tenho amigas, em plural?

—Eu... Não sei. Só imaginei que as teria, já que ainda está solteiro.

—Bom, tenho que admitir que tenho um pouco de experiência com as mulheres —comentou em brincadeira—. Teria resultado muito difícil chegar aos trinta e cinco anos sem tê-la.

Irritada, Riona decidiu que era hora de deixar o tema de sua vida amorosa e voltar sua atenção à comida. Comeu frango frio e uma salada verde deliciosa, mas o calor tinha secado sua garganta e tinha muita sede. Cameron se deu conta de que Riona olhava com inveja o champanha que ele bebia e lhe serviu um pouco. Riona pegou o copo e o cheirou antes de levar-lhe aos lábios. Era a primeira vez que provava o champanha francês, e o achou delicioso.

—Você gosta? — Cameron sorriu diante de sua expressão. Ela assentiu.

—É uma limonada para adultos — disse, impulsivamente.

—Isso é exatamente — aceitou ele, e se serve outro copo. Sedenta, Riona terminou sua própria bebida e ele encheu seu copo, lhe advertindo— Só que não o é, assim não o beba muito depressa.

A garota fez um gesto, porque não se sentia bêbada nem sequer levemente. Só se sentia bem, e quando terminou o segundo copo, sentiu-se melhor e o estendeu para que o voltasse a encher. Ele vacilou, mas quando lhe brindou um sorriso de felicidade, ele esvaziou a garrafa em seu copo. Riona conversou bastante depois disso, mas ao cabo de um momento começou a sentir-se enjoada.

— Acredito que darei um passeio — ao ficar de pé se balançou um pouco e se surpreendeu ao sentir girar a cabeça.

— Irei contigo — anunciou Cameron, sorrindo, e a seguiu. Riona quis negar-se, mas não pôde e ele a agarrou pela mão e a guiou.

Com outros homens, Riona era muito consciente de sua altura e estatura de um metro setenta e oito, descalça. Com Cameron Adams, dava-se conta da dele, porque sua cabeça apenas lhe chegava ao queixo. Sua mão desaparecia na sua e se sentia feminina e muito vulnerável.

Caminharam pela praia em silêncio e se detiveram diante de uma rocha, onde se voltaram para olhar a água que lambia seus pés e as colinas da borda oposta.

— Existe um lugar mais formoso? — perguntou Cameron em voz alta.

— Não sei — admitiu Riona —. Só vivi nas Highlands.

— E alguma vez pensou em deixar para ir à universidade ou a trabalhar?

— a garota pensou que poderia lhe falar sobre o Conservatório Real de Música, embora possivelmente não acreditaria, porque só a tinha ouvido interpretar danças escocesas.

— Não foi possível — seu rosto se nublou.

— Por seu avô — concluiu Cameron — O doutor Hamish disse que cuidou dele até o final. Deve ter sido duro — disse, e Riona negou com a cabeça.

— Amava-o — disse simplesmente, e se deu a volta.

Ele a agarrou pelo braço e voltou a girá-la com suavidade. Viu lágrimas em seus formosos olhos verdes.

— Não quis te ferir.

— Não o fez — respondeu, mas as lágrimas se deslizavam silenciosas por sua bochecha. Ele as secou com um dedo. Ela fechou os olhos para evitá-las e se sentiu como uma tonta. Normalmente não chorava.

Ele levantou seu queixo e inclinou seu rosto para o seu. Ela tentou parecer chateada, mas seu lábio tremeu ao observar a compaixão nos olhos dele. Tratou de baixar a cabeça, mas a mão de Cameron o evitou.

— Pode chorar comigo — a mão masculina lhe acariciou a cara e depois o cabelo. Riona sentiu sua piedade, mas não a queria. Rechaçava-o, embora cada sentido gritava sua necessidade. Abriu os lábios para protestar, mas as palavras ficaram cativas em sua garganta enquanto ele, com a outra mão, acariciava sua cabeça. De repente lhe pareceu difícil respirar. Umedeceu seus lábios secos, inconscientemente provocadora, e os olhos dele seguiram o movimento; logo seus dedos seguiram a linha de sua boca enquanto a observava ao fazê-lo. Devagar, inclinou a cabeça para ela.

E, embora sua mente lhe dissesse que não o permitisse, seu coração enviava uma mensagem diferente. Os lábios dele tocaram os seus com suavidade. Possivelmente isso teria sido tudo, beijá-la com ternura, se a boca dela não se abrisse como uma flor em busca da frescura de seu fôlego, desejando saborear a cálida e úmida língua. Cameron a beijou com uma sensualidade que a fez desejar mais; seus braços rodearam o pescoço masculino e suas mãos sustentaram a cabeça dele e a atraíram para baixo.

Ele a beijou uma e outra vez, mas não era suficiente para satisfazer a necessidade nela. Caiu com ele sobre a areia e ficaram tendidos de lado, ainda beijando-se. Logo ele a fez girar para que ficasse sobre suas costas e uma dura perna apanhou as dela e a boca masculina descendeu. Os dedos hábeis desabotoaram sua blusa e fizeram a um lado o prendedor, e a garota se esticou ao contato. Não esperava o prazer quando sua boca, não sua mão, cobriu o bico de seu seio e começou a brincar, a sugar e morder seu mamilo; ela, impressionada, arqueou-se para ele cheia de prazer.

Ele podia lhe fazer o amor aí, nessa solitária praia, já que Riona era incapaz de detê-lo, mas se deteve e se separou dela olhando brevemente seus formosos seios cheios, antes de unir os dois lados de sua blusa. Teve uma sensação de afundamento, de desprezo, quando ele se sentou e se afastou dela olhando para o lago.

Riona apenas o ouviu murmurar algo como «te desejo, mas não assim» e isso não diminuiu sua humilhação. Ela devia detê-lo. Nunca devia permitir que ele a beijasse, nem que a deitasse na areia, nem deixá-lo...

Estava zangada consigo mesma e com ele. Levantou-se e o deixou aí sentado. Ele gritou seu nome, mas ela seguiu caminhando. Ele a seguiu até

que chegaram onde estavam suas coisas. Inclinou-se a recolher suas sandálias e se teria afastado, se ele não a tivesse agarrado pelo braço.

Negou-se a olhá-lo. Ele suspirou e disse: — Aproveitei-me e o sinto — não era o que Riona esperava, e se voltou a olhá-lo, surpreendida. — Sei que o champanha te pôs um pouco sensível e não devi abusar disso.

Riona esqueceu seu aborrecimento e começou a sentir-se culpada.

— Eu não lutei contigo — admitiu, envergonhada, e ele sorriu.

— Não, esteve deliciosa, mas quanto se devia ao champanha e quanto a mim, essa é a questão — a garota se ruborizou para ouvir-se chamar «deliciosa».

Cameron sorriu ao ver seu rubor e lhe soltou o braço. Logo se inclinou a recolher as coisas e Riona fez o mesmo para ajudá-lo. De volta a casa não foram como amigos exatamente, mas tampouco em silêncio. Ele falou de seus planos para converter a Casa Invergair em um lar habitável sem destruir sua essência. Riona esteve de acordo com suas idéias, só que não sabia como se sentiria quando ele vivesse ali de forma permanente.

Quando chegaram à granja, o efeito do champanha se esfumou e Riona voltou a ser intratável.

— A respeito de manhã... — ela o interrompeu de forma abrupta.

— Não poderei te ajudar. Tenho que ir a Inverness.

— Olha, que coincidência — seu sorriso se ampliou —. Adivinha aonde vou amanhã — Riona podia adivinhar, embora esperava estar equivocada — Vou ver outro viveiro de peixes perto de Inverness.

— Ah, sim? — Riona esperava que não lhe oferecesse levá-la.

— Assim a que hora te pego?

— Não tem que se incomodar; eu posso apanhar o ônibus.

— Isso é uma loucura. Eu irei a Inverness por que não ir comigo?

— Eu... Enjôo-me no carro... Em viagens largas — era uma desculpa tola porque tinha passado os últimos dias viajando com ele.

— E o que? Se te enjoar em carro, também o fará no ônibus. Eu irei equipado com bolsas de plástico.

— Não, em realidade eu... — procurava freneticamente outra desculpa.

— Não quer ir comigo. Já recebi a mensagem, mas por quê?

— Eu... — sua forma franca de falar a perturbava.

— Não espero que te deites comigo em troca, já sabe — disse.

— Eu não acredito... — ruborizou-se. Tinha que ser tão áspero?

—Não? Depois da forma em que atuei na praia, tem motivos para suspeitar. Entretanto, dou-te minha palavra; se for comigo a Inverness, mantereí as mãos afastadas e me limitarei a temas impessoais, como o tempo... A que horas passo pra te pegar?

Riona desistiu. Cameron era impossível.

— Às nove horas — sugeriu ele e ela aceitou.

— Está bem — sua capitulação deveu fazê-lo suspeitar, embora seu gesto de desgosto fosse substituído por um sorriso de satisfação.

Cameron Adams estava acostumado a conseguir o que queria. Um olhar desses olhos azuis, junto com esse malicioso sorriso, e as mulheres caíam de joelhos. O problema era que Riona se negava a ser uma delas.

CAPÍTULO 4

Riona marcou com ele às nove horas, e as oito e meia já estava diante da loja esperando o ônibus, e não estava sozinha. O velho Donald MacIver ia ver sua filha em Inverness, e Betty Maclean fazia sua viagem mensal ao médico.

Estava começando a sentir-se livre, quando apareceu o BMW da outra direção.

— Não é ele? Mas por que se detém...? — disse Betty.

Riona se sentiu furiosa. Ele se deteve e desceu do carro.

— Pensei que aqui te alcançaria. Acredito que um dos dois cometeu um engano.

É obvio, sabia que não. Dizia-o em benefício da audiência, mas seus olhos mandavam outra mensagem tinha ganho. Riona quis discutir, mas não lhe deu a oportunidade ao dirigir-se aos outros.

— Também estão esperando o ônibus? — Donald assentiu e se teria tirado a boina se a tivesse levado, por sua parte, Betty lhe lançou um sorriso adulator.

— Sim, senhor — respondeu, e Riona apertou os dentes. O estadunidense se divertia e os convidou a todos.

— Subam a bordo — Betty vacilou, ruborizada pela idéia de viajar no carro do senhor, mas ela e Donald entraram na parte traseira. Com os outros passageiros dentro, ele abriu a porta dianteira para ela, que permaneceu onde estava.

— Vamos — disse em voz baixa — agora não há perigo.

— O que quer dizer?

— Consegui-te dois acompanhantes — assinalou para a Betty e Donald na parte traseira do carro. Riona de novo apertou os dentes diante de sua ironia, mas ele a obrigou a entrar em carro e ela não opôs resistência. Era muito consciente de Betty, cujo apelido em Invergair era «Betty a Fofoqueira». Não queria lhe dar motivos para murmurar.

A viagem durou pouco mais de uma hora. Riona se sentiu tensa todo o caminho, mas os outros não. Cameron Adams tranqüilizou a Betty e ela conversou incansavelmente enquanto Donald desfrutava da viagem no

BMW. Quando chegaram a Inverness, o estadunidense os levou até seu destino.

— Como ganhar amigos e influenciar a gente — murmurou Riona quando se afastavam da sorridente Betty, de pé diante do domicílio do pedicuro.

— O que tem isso de mau? — perguntou — Se me mudo para Invergair, fará-me a vida muito mais fácil ser aceito pelos aldeãos.

— Bom, acredito que já convenceste a Betty... Senhor — fez alusão à outra mulher. Ele riu antes de responder:

— Já nos conhecem os americanos. Nós adoramos os títulos.

Era óbvio que tinha lido seus pensamentos e se divertia. A garota ficou em silêncio até que chegaram ao centro do povoado, e então ela anunciou:

— Pode me deixar aqui.

— Por quê? Aonde vai? — perguntou ele, estacionando.

Riona decidiu que não era assunto dele.

— A nenhum lugar em particular.

— Só vai às compras — concluiu ele. Essa parece a ocupação universal das mulheres — o comentário incomodou muito a Riona.

— Não vim às compras. Nunca venho às compras, estou aqui para trabalhar — lhe informou com tom frio.

— A trabalho? — levantou as sobrancelhas — No que?

— Dou lições de piano.

— Não me diga! — olhou-a um pouco impressionado — Numa escola?

— Não, ensino nas próprias casas das pessoas.

— Bom, espero que seus clientes sejam todas mulheres.

— Por quê? — Riona franziu o cenho diante de seu tom.

— Não pode ser tão ingênua — inclinou a cabeça e deixou que seus olhos vagassem por seu rosto e por seu corpo, cujas curvas eram evidentes inclusive com sua singela indumentária de camisa e saia de algodão.

Riona apertou os lábios, molestada diante do escrutínio dele. Recolheu a bolsa que estava a seus pés, e com um vago movimento de despedida, abriu a porta. Ele a agarrou pelo braço.

— A que horas passo para te pegar e onde? — ela negou com a cabeça.

— Ficarei passando aqui a noite — lhe indicou sua bolsa.

— Ficaré onde? — lhe incomodou sua curiosidade.

— Sempre fico num lugar junto ao rio, com cama e café da manhã.

— E o que tem que pra jantar? — surpreendeu-a.

— Pensei que você retornaria a Invergair.

— Não há pressa, posso ir a casa depois... O que pensa? Hão-me dito que o Royal Caledonian serve um bom jantar.

— Não, aí não! — mhorrorizou-se Riona ante sua eleição.

— Por quê? Há algo ruim nesse lugar?

— Eu... Não. Quero dizer que não posso jantar em nenhum lugar. Estarei trabalhando.

— Trabalhando? — levantou a sobrancelha — Também pela noite?

— Bom, sim — lhe confirmou em tom cortante.

— Dando aulas de piano? — insistiu ele.

— Bom... Algo assim — evitou responder e ele a olhou com receio; depois, com sua acostumada franqueza, o perguntou:

— Não estará vendo algum homem, verdade? Se for assim, não tem por que mentir, porque não vou publicar o fato por toda Invergair.

— Não, não o faço — replicou Riona — Embora não é teu assunto se o fizesse, senhor Adams.

— Tenho a impressão de que me oculta algo — disse Cameron —. O que é?

Cameron se estava comportando com sua ousadia habitual, mas sua suspeita era certa. Sim ocultava algo, embora não fosse mau e não queria que ele soubesse.

— Olhe, tenho que ir. Obrigado por me trazer — liberou seu braço e saiu do carro. Uns segundos depois, ele a seguiu e ela entrou na loja mais próxima. Era a livraria do Melven e se mesclou entre a multidão de turistas, desaparecendo pela porta traseira. Acreditou ouvir que a chamava e aumentou a velocidade, correndo pelo beco, deu volta à esquerda e logo depois de imediato à direita.

Foi uma reação estúpida, como ela mesma reconheceu depois. Só tinha que ter admitido o que fazia pelas noites.

Tinha começado a dar aulas de piano pouco depois da morte do avô, e tinha obtido o serão através de uma aluna, Mary Mathieson. O pai da garota era o diretor do Royal Caledonian, o hotel onde Cameron Adams sugeriu que jantassem. Era um dos maiores hotéis de Inverness, com vários salões públicos, incluindo um para atos sociais que contava com a atuação de um pianista. Este tinha sua noite de descanso às quintas-feiras, e aí

entrava Riona. Entre as oito e as doze horas da noite, ela proporcionava a música de fundo.

Foi um dia muito ocupado para ela. Embora gostasse de dar aulas de piano, havia bastante distancia entre suas entrevistas e já eram quase sete horas quando chegou à pensão. O proprietário era amigo dos Mathieson e sempre lhe reservava um quartinho para que Riona o usasse a metade da semana. Também lhe permitiam deixar ali seus vestidos de atuação. Um era um vestido de noite negro, com um corpete ajustado e uma saia de vôo até o joelho. O outro era uma versão em branco do mesmo modelo. Riona se cobriu com uma gabardina para caminhar a pequena distância até o Royal Caledonian.

Deixou a gabardina na recepção e foi até o bar. Estava quase vazio, porque a maioria dos hóspedes estava jantando.

— Olá, carinho — a saudou Eric, um dos garçons — Viestes a entreter as massas?

— Não precisamente — Riona olhou a seu redor e contou seis pessoas em total: dois clientes, Eric e os três garçons que trabalham com ele.

Aproximou-se do piano e se sentou frente a ele. Não necessitava partitura, já que só precisava ouvir uma canção um par de vezes e podia tocá-la.

As dez, o salão estava cheio, e como de costume, a audiência não se mostrava atenta. Os casais estavam mergulhados em seu mundo e os grupos eram muito ruidosos para notar a música de fundo. Normalmente, algum homem lhe emprestava atenção, embora fosse bastante questionável que o fizesse por sua música.

Essa noite também teve um admirador. Não reparou nele até que um dos garçons apareceu com uma bebida para ela.

— É para ti — informou Tommy, o sorridente garçom, lhe apresentando uma taça alta com um líquido incolor.

— O que é?

— Champanha, é obvio! — Tommy se incomodou diante de sua ignorância — é o que me pediram que te sirva: o melhor champanha. Quer saber quanto custa à garrafa?

— Não especialmente — Riona apertou os lábios.

— Bom, não quer saber quem lhe envia isso?

— Absolutamente — negou, e então ele continuou:

—Não é o tipo acostumado de homem, quero dizer, que está relativamente sóbrio, e, além disso, bebe champanha, que não é barato. Se quiser minha opinião...

—Não — o interrompeu Riona em vão.

—Eu não o rechaçaria tão apressadamente — a aconselhou Tommy antes de ir servir a outro cliente. Riona deixou o champanha intacto sobre o piano.

O salão estava bastante cheio quando terminou. Passou ao lado de uma mesa com comerciantes meio bêbados e alguém a chamou. Adivinhou que seria o comprador do champanha, e como não o tinha bebido, sentiu que não lhe devia nada.

Tudo o que queria fazer era retornar à pensão e desabar-se na cama. Recolheu sua gabardina na recepção, a pôs e desceu pelos degraus da entrada. Estava escuro, mas a rua estava iluminada. Havia uma distância relativamente curta até a casa e Riona não via a necessidade de pedir um táxi. Não se deu conta de que a seguiam até que uma voz a chamou:

—Ouça, espera, carinho... Acompanharei-te até em casa.

Era um dos comerciantes bêbados, que ia a poucos passos dela. Era calvo, de uns quarenta e cinco anos, com passo vacilante e um sorriso tolo no rosto. Parecia bastante inofensivo.

—Está bem — disse Riona quando ele se aproximou —. Não vou longe.

—Devo te acompanhar — repetiu, e a sujeitou do braço—. As meninas bonitas não devem caminhar sozinhas. Há tipos desagradáveis por aí.

—Em realidade, prefiro ir sozinha.

—Por quê? Não confia em mim? — seu tom trocou de brincalhão a ameaçador—. O que pensa que vou fazer? Arrastar-te a um beco ou algo assim? — acrescentou com uma risada que lhe pareceu falsa.

—É obvio que não — Riona se disse que não deveria ter medo e forçou um sorriso—. Só que não quero incomodá-lo.

—Não é moléstia — repetiu, e a olhou de uma forma que lhe fez desejar haver-se grampeado a gabardina—. As garotas bonitas como você... Por aonde vamos?

Riona assinalou a calçada em frente. Então, ao caminhar pela borda do rio, longe das luzes brilhantes, começou a sentir medo. Deteve-se frente a uma casa grande e disse:

—Bom, obrigada por me acompanhar a casa — não lhe soltou o braço.

— É aqui onde vive? — ela assentiu e ele olhou a casa sem luzes. — Não parece que ninguém viva aqui.

— Eu... Meus pais se deitaram já — mentiu.

— Então pode me convidar para... Uma xícara de café.

— Não... Em realidade não posso. Poderiam despertar.

— Ao menos, podemos ir à parte de trás da casa. O que lhe parece?

— O que? — Riona não podia acreditar o que estava ouvindo.

— Você e eu, carinho, detrás — grunhiu, e antes que Riona pudesse responder, agarrou-a.

Por um momento se sentiu tão impressionada, que não pôde reagir quando uma mão desajeitada apertou seu seio; imediatamente, o tipo a empurrou contra a grade do jardim e tratou de beijá-la. Defendeu-se grosseiramente com braços e pernas disposta a golpear e dar patadas até que ele a deixasse ir. Quando o pé dela fez contato com sua tíbia, só conseguiu zangá-lo mais. Arrastou-a contra si e pôs sua palma suada sobre a boca dela para que não gritasse.

— Você gosta de jogar duro, verdade? — sorria ao ver o pânico nos olhos da garota, e usando sua outra mão, subiu-lhe o vestido.

Riona não podia fazer nada; ficou aí, ofegando, gritando por dentro. Sentiu que a levantavam e a empurravam para a grade, e de repente, que a deixavam livre. Tratou de gritar, mas embora já não tivesse coberta a boca, o som morreu em sua garganta. Esperava que o peso de lhe caísse em cima, e em troca o viu sacudir-se para trás. Havia um braço fechado ao redor da garganta do agressor, que puxava a ele, e a Riona levou um momento compreender que alguém tinha chegado te ajudar. Permaneceu onde estava desabado contra a grade, ouvindo o ruído de nódulos contra a carne, o gemido que seguiu a um golpe no estômago e logo o eco de alguém que corria em retirada. Quando uma figura reapareceu de joelhos diante dela, encolheu-se, e uma voz suave lhe assegurou:

— Sou eu, Riona. Está bem? Já se foi.

A voz maravilhosamente familiar a fez olhá-lo, incrédula. Mas era ele, realmente era ele, e ela gritou de alívio quando os braços de Cameron Adams a envolveram. Apertou-se contra ele, chorando tremula, dando rédea solta ao medo que a tinha mantido muda durante o ataque.

Ele a reteve e não disse nada até que as lágrimas se converteram em soluços, e logo, com ternura, levantou-a e lhe pôs a gabardina sobre o vestido rasgado e sujo. Arrumou-lhe o cabelo e lhe perguntou:

— Podes caminhar? — ela assentiu, e ignorando a dor de seu tornozelo, deu dois pequenos saltos para o caminho. Ele a deteve aí e a fez sentar-se no muro do jardim, enquanto lhe examinava o pé.

— Não acredito que esteja quebrado — afirmou, tocando o tornozelo inflamado — mas definitivamente, está torcido... Te levarei nos braços.

— Está bem, tratarei de caminhar — Riona moveu a cabeça.

— Não pode — lhe levantou o rosto —. Não tem por que te assustar de mim. Eu não te farei mal, nunca o farei — o prometeu com um olhar que chegou ao coração dela, e nesse momento, deu a ele sua confiança e, quase sem dar-se conta seu amor.

Quando a agarrou nos braços, ela virou a cabeça sobre seu ombro e soluçou. Ele a levou todo o caminho de volta e Riona não perguntou aonde iam até que se aproximavam do hotel. Então ela moveu a cabeça, retirou-se dele e o obrigou a baixá-la.

— Podemos chamar um médico daqui — disse ele —, e à polícia.

— À polícia não — se negou, enérgica.

— Tem que denunciá-lo, Riona — insistiu com suavidade —. Sabe o que teria acontecido se não te tivesse seguido — Riona se estremeceu. Sabia bem e não queria imaginá-lo.

— Seguiu-me? — repetiu.

— Decidi jantar no povoado. Depois fui tomar uma taça ao bar e adivinha a quem me encontrei como pianista? Supus que não estaria agradecida de ser descoberta quando não aceitou minha oferta de paz, assim que eu...

— Oferta de paz?

— O champanha que te enviei.

— OH, foi você! Eu pensei... — Riona se interrompeu quando compreendeu como se confundiu.

— Pensou que tinha sido esse tipo — concluiu Cameron por ela com dureza —. É por isso que lhe permitiu que te acompanhasse?

— Não o deixei. Simplesmente apareceu — ele franziu o cenho.

— Não o conhecia? — Riona voltou a negar com a cabeça —. E normalmente volta sozinha a casa? — acrescentou incrédulo. Nesta ocasião ela não respondeu, mas seu silêncio o dizia tudo —. É a garota mais louca

do mundo — suspirou — Quando te vi se afastando com esse tipo, pensei que você tinha aceitado o encontro. Se te segui foi só por que... Bom, não importa por que. Só pense no que podia acontecer se não o tivesse feito.

Riona inclinou a cabeça, porque não tinha uma defesa. Tinha atuado de forma estúpida.

— Agora está a salvo e me assegurarei de que esse porco lamente ter posto um dedo sobre ti. Acredito que a polícia poderia encontrá-lo com muita facilidade...

— Não, por favor — o interrompeu Riona, incomoda — Não quero ir à polícia. Não quero retornar ao hotel. Só quero ir a casa.

— Em Invergair? — adivinhou o que quis dizer enquanto as lágrimas voltavam a rodar por seu rosto e se rendeu — Está bem, levar-te-ei a casa. Podemos chamar à polícia amanhã — murmurou, e de novo a tomou nos braços e se dirigiu ao carro estacionado no hotel.

O carro estava quente e escuro, e Riona fechou os olhos, exausta. Ele não tentou conversar e ela o agradeceu. Só queria esquecer-se de todo o incidente. Ele conduziu com rapidez e chegaram à granja dela em pouco mais de uma hora. Ela quis que a deixasse diante de sua porta, mas ele ignorou seus protestos e a levou nos braços até o piso de cima. Depositou-a sobre sua cama e ela se estremeceu quando ele roçou seu tornozelo.

— Chamarei o médico.

— Não seja tolo! — replicou com seu ânimo acostumado — São duas da manhã. Não pode fazer que saia o doutor por uma simples luxação.

— Não estou seguro de que seja tão simples — se ajoelha para revisar o tornozelo inflamado e ela se estremeceu de novo.

— Bom, o fato de que o toque não lhe faz muito bem — murmurou, e compreendeu ao ponto que seu comentário soava um tanto ingrato. Ele a olhou com frieza. — Não perdeste nada de sua belicosidade. Não é que eu goste, mas já me estou acostumando a ela. Embora agradecesse um pouco de sentido comum também — o último disse completamente a sério e olhou sua cara banhada em lágrimas.

Riona compreendeu o que queria dizer, e embora retirasse seu olhar, admitiu envergonhada:

— Sei. Foi minha culpa. Devi tomar um táxi em lugar de caminhar. Não me dava conta de que coisas como essas aconteciam em Inverness.

—Bom, já está bem — lhe agarrou a mão e a apertou— Precisas descansar. Trarei uma compressa fria para seu tornozelo, enquanto te trocas para deitar. Está bem?

Riona assentiu muito cansada para discutir. Ele saiu do quarto e ela tirou o casaco e o vestido sujo de terra, e colocou a camisa velha com a que estava acostumada a dormir. Era de seu avô, que a deu quando lhe começaram a ficar pequenas suas camisolas infantis.

Posteriormente, Cameron Adams reapareceu, levando um par de toalhas molhadas.

—Não tem geladeira — comentou com incredulidade— assim não pude te preparar um pacote com gelo.

—Nunca o necessitamos — se estremeceu um pouco quando o enrolou a toalha em seu tornozelo. Num momento, a palpitação da inflamação desapareceu.

Ele trocou as toalhas quando o efeito frio se perdeu e se dirigiu ao banho para voltar a molhá-las em água fria. Atuava com a impessoalidade de um médico, repetindo a rotina, até que notou que ela quase dormia. Arrumou as mantas, ajudou-a a recostar-se e a agasalhou.

Riona não sentiu temor de sua presença, só gratidão; mas estava muito cansada para expressá-la e ele sorriu, sentou-se numa cadeira junto à cama e a observou até que dormiu. Despertou de noite gritando. O que não tinha revivido acordada voltou em seus sonhos, mas esta vez ninguém a salvou. Teve que suportar o fedor do corpo suarento do homem, a baixeza de seu fôlego, o peso que a esmagava contra o chão. Gritou e gritou, mas ninguém vinha, e o golpeou com as mãos até que ele também gritou:

—Riona, acorda! Riona sou eu. Está bem, acorda.

Envolveu-lhe o rosto com as mãos para obrigá-la a olhá-lo, para que se desse conta de que não era seu atacante e sim seu salvador, e os gritos cessaram. Ficou em silêncio um momento e logo soluçou de alívio quando ele a abraçou para lhe dar segurança. Apertava-a como a uma menina, acariciava-lhe o cabelo e a embalava:

—Vá, vá, é só um sonho, um sonho. Volte a dormir.

Livre de seu pesadelo dormiu em seus braços sentindo-se cálida, a salvo e protegida. Despertou à alvorada com a mesma sensação, e quando os primeiros raios de sol se filtraram entre as cortinas, encontrou-o junto a ela. Tinha seu braço sobre o peito nu dele e apoiava a cabeça em seu ombro. Ele

estava nu, exceto sua roupa interior, mas não sentiu pânico. Nesse momento lhe pareceu algo tão natural como respirar. Cameron não despertou, mas a estreitou entre seus braços e uma mão se deslizou pelo quadril feminino. Riona conteve o fôlego, porque ainda levava sua camisa de dormir e sentia o calor dele através do tecido. Gemeu com suavidade e se converteu em parte dos sonhos de Cameron, porque ele gemeu em resposta e, ao dá-se a volta, apertou-a de costas, contra o colchão.

— Cameron — sussurrou, ofegante, um segundo antes que a boca dele caísse sobre a sua. Com seu corpo cobrindo o dela, tinha-a apanhada contra a cama, e Riona pôde haver-se sentido dentro do pesadelo de seu ataque, mas não foi assim. Nem sequer pensou nisso. Esse era um mundo distante do da noite anterior, sem brutalidade no beijo, e as mãos carinhosas não desejavam humilhar nem machucar.

Beijou-a primeiro com suavidade; a paixão ainda dormia, e por um momento, Riona ficou aí, passiva. Logo os quadris dele começaram a mover-se, procurando, provando, necessitando mais, até que ela sentiu que o desejo fluía como um rio através de suas veias. Abriu os lábios para ele, que emitiu um som de satisfação antes de lançar-se dentro do quente e doce refúgio de sua boca com uma intimidade que impressionou seus sentidos. Já fosse dor ou prazer o que ele oferecia, Riona era incapaz de resisti-lo. Quando Cameron finalmente se separou de sua boca, respirando com dificuldade, sussurrou seu nome e ela soube que já não sonhava. Não lhe pediu que a deixasse, e quando ele se deu a volta para ficar de frente e olhá-la, ela devolveu o olhar, aceitando-o.

Ele tirou uma mão para acariciar sua bochecha e disse:

— Acredito que estou me apaixonando por ti, Riona Macleod.

A Riona não preocupou que a afirmação soasse convincente ou não. Não lhe importava, porque estava segura de uma coisa: contra todo sentido ou razão, estava apaixonada por ele, e por isso ficava aí, deitada junto a ele, esperando, desejando. Seu rosto refletia seus sentimentos quando a mão dele traçava a curva de seu pescoço e ombro antes de deter-se na camisa. Desabotoou-a sem pressa, sem tocá-la apenas, lhe dando todo o tempo do mundo para protestar, para retirar-se. Riona se estremeceu quando os extremos da camisa se separaram, mas não tratou de ocultar-se. A mão dele se retirou e foi com os olhos com o que tocou a nudez de sua carne, e estes ficaram opacos pelo desejo diante a vista de seus seios, suaves e cheios,

com sua ponta rosada, totalmente femininos ao se sobressair fora da camisa masculina. Então levantou de novo sua mão para lhe tirar o objeto, baixou uma manga e ficou quase nua. Uma vez mais a olhou, e sem necessidade de palavras, seus olhos lhe disseram que a encontrava bonita e a garota compreendeu que ele lhe fazia amor mentalmente. Assustava-lhe a forma em que a olhava, a força de seu desejo, que chegava a ondas, e, entretanto, ficou aí, sem mover-se, sem força, desejando ser arrastada por elas. Lentamente, ele a tocou com incrível suavidade, seguindo a curva da cintura, procurando a carne mais suave, mais cheia. Quando lhe tocou o seio, com a carícia mais ligeira, apenas roçando sua pele, subindo pela clavícula, um estremecimento de desejo a percorreu. Ansiava e temia seu seguinte movimento e se sentiu quase enganada quando em lugar de voltar a tocar seu seio, baixou a mão pelo braço até a coxa. Ela não compreendeu sua intenção até que inclinou a cabeça. Riona gemeu, não pôde evitá-lo. Ele tomou o seio em sua boca e rodeou a ponta endurecida com sua língua, enviando sensações tão intensas que a fez gemer de novo. Sua resposta era tudo o que Cameron queria e mais. Deitou-a sobre as costas na cama, e lhe tirando completamente a camisa, começou a satisfazer suas necessidades. Rude e sensual, brincou, mordiscou e sugou com a boca, lhe dando prazer até que seus suaves e doces gemidos de desejo ameaçaram seu controle. Quando ele retirou a cabeça, foi olhá-la com o cabelo úmido pelo suor, os lábios entreabertos e os olhos grandes que o olhavam. A garota se converteu numa mulher tão desejável, que podia tomá-la aí mesmo sem considerar a diferença de idades e de mundos que os separava.

— Riona... Preciso ouvi-lo. Diz que me deseja.

— Te desejar? — repetiu as palavras sem significado.

— Ou me peça que me detenha, mas faça agora!

— Eu... — Riona estava confusa por sua mudança. Não compreendia o que em realidade lhe pedia, não sabia que sua inexperiência o fazia duvidar, até que se deitou e capturou sua boca.

Beijava-a como se desejasse castigá-la por algo e ela protestou, mas quando ele tentou retirar-se, deixá-la, a garota se aderiu a ele e, sem palavras, disse-lhe o muito que o desejava. Ele gemeu de satisfação quando deixou sua boca para acariciar sua bochecha, morder sua orelha, mover-se para a suavidade de sua garganta procurando excitá-la uma vez mais de forma lenta e atormentadora. Quando com os lábios tocou a pulsação em

sua garganta, ela curvou o corpo em instintivo convite e ele baixou a mão até seu quadril para estreitá-la. Sentiu a dureza do corpo masculino e sua própria excitação se mesclou com temor, embora fosse muito tarde para detê-lo agora, porque seus lábios iniciavam uma lenta travessia pelo vale entre seus seios e a mão se deslizou entre as calcinhas que ainda levava, as empurrando para baixo pelo quadril, sobre as coxas, até deixá-la nua. E todo o tempo a beijava com conhecimento, lambendo a capa de transpiração sobre sua suave pele, baixando até seu estômago liso e de novo para cima para sugar seus mamilos crescidos e fazê-la gritar de desejo.

Deixou-a por um momento e Riona abriu seus olhos para ver o de pé junto à cama, olhando-a. Nesse instante não se envergonhou. Sentiu-se amada e desejada. Viu-o tirar a roupa interior sem sentir tampouco vergonha; só se maravilhou diante da poderosa beleza de seu corpo. Quando se deitou de novo a seu lado, pôs uma mão sobre seu musculoso peito. Seguiu a linha até seu estômago, logo estendeu a mão sobre seu abdômen plano, até o áspero pêlo de abaixo, embora fosse muito tímida para tocá-lo, detalhe que ele percebeu e lhe fez rir antes de levar sua mão à boca e lhe beijar a palma.

— Esta vez será para ti — murmurou com suavidade, e a fez tender-se sobre as costas para beijá-la com suave paixão na boca.

E foi para ela essa primeira vez. Tratou-a como a uma virgem. Beijou-a até que ela suspirou seu nome. Sujeitou-a contra si até que qualquer temor se desvaneceu, tocou seu corpo até que cada parte dela o conheceu e desejou; e só então, quando já estivesse preparada, tomou o que tão desejosa lhe oferecia.

Tratou-a como a uma virgem, só que não o era. Quando se posou sobre ela, seu rosto se converteu em outro mais jovem e magro. Pensou no Fergus, seu primeiro amante, e, nesse preciso momento, Cameron entrou nela e fechou os olhos diante da dor da lembrança. Ele o viu e o interpretou mal, sustentando-a entre seus braços.

— OH, Deus, te machuquei! Tratei de não fazê-lo, não devi...

— Não, não — Riona moveu a cabeça, e antes que ele dissesse palavras que não merecia, beijou-o com força, urgindo-o a continuar, a fazê-la esquecer que alguma vez tinha existido outro homem, e, quando apertou seu ombro, ele se impulsionou dentro dela uma vez mais.

O fez com força e Riona gemeu diante do imenso prazer que sentiu. Arqueou-se e ele se moveu de novo, empurrando com força, enchendo-a, retrocedendo quando ela gemia, elevando-se. Uma e outra vez seus corpos brilhantes pelo suor se moveram ao ritmo do amor, numa perfeita oferenda, e prolongaram o prazer até que se converteu numa doce agonia que já não puderam suportar mais.

Para Riona foi como afogar-se, perder-se dentro dele. Gritou seu nome e ele derramou sua semente nela. Foi como morrer, uma completa liberação, deixando atrás as realidades que lhe diziam que estar com ele era uma loucura. Permaneceu nesse estado três maravilhosas semanas. Disse-lhe que a queria uma e outra vez, e acreditou.

Quis apropriar-se de sua vida e o permitiu. Fez ela deixar seu trabalho em Inverness, despreocupar-se de sua necessidade de dinheiro, e lhe rogou que retornasse a América com ele, até que, cativada por esse sonho, aceitou. O pior foi que lhe fez amor de forma contínua, onde fora, fez ela necessitá-lo como uma droga, tanto, que se sentiu morrer de pena quando se foi. Não a avisou. Uma manhã ele foi a Glasgow para ver os advogados da propriedade e já não retornou. Esperou um par de dias, temendo que lhe tivesse acontecido um acidente, e então ouviu na loja que o latifundiário tinha retornado a América. Deixou passar outras duas semanas, esperando uma carta, até que finalmente aceitou a verdade.

Ele se tinha ido e não ia retornar.

CAPÍTULO 5

RIONA voltou para o presente e ao bebê que dormia entre seus braços, e o levou a seu berço, acima, junto a sua cama e o cobriu com a manta. Sentou-se a observá-lo: era tão perfeito, tão bonito, que era difícil acreditar que tivesse nascido de tanta dor.

Passaram dois meses antes de descobrir que estava grávida. Ficou muito enjoada para comer e perdeu peso. Tratou de ignorar as necessidades de seu corpo e suas mudanças. Trabalhava desde a alvorada ao ocaso na granja, até que ficava muito cansada para sonhar, castigando-se por ser tão estúpida. Um dia o doutor passou pela granja, e ao observar sua lastimosa aparência insistiu em examiná-la. Embora o pressentia, surpreendeu-se.

— Bom, garota, estás grávida. Eu diria que já estás de três meses.

Aceitou o diagnóstico em silêncio, porque era culpa sua.

— Suponho que é do estadunidense — acrescentou o doutor, e isso a surpreendeu.

Nem ela nem Cameron tinham anunciado sua breve relação. Passaram quase todo o tempo na granja, dentro ou fora da cama. Foram a Edimburgo uns dias, mas não viram mais que o quarto do hotel. Só se negou a passar a noite na Casa de Invergair, porque aí ele era o senhor e ela a arrendatária. Mantiveram em segredo sua relação para não serem objeto de falações.

— Por que pensa que foi Cameron Adams? — esperava que o doutor estivesse lançando uma hipótese. Mas não era assim.

— Um dia vim olhar seu tornozelo luxado. Não estava na casa, mas o cachorro te encontrou para mim... Acima entre os braços, com ele. Eu não te vi, mas ouvi vocês rindo e me afastei.

Riona corou. Era óbvio que tinha suposto que faziam algo além de rir.

— Não se preocupe — acrescentou o doutor — Não o contei a ninguém, e que me diz respeito, não houve falações sobre vocês. Retornará?

Ela negou com a cabeça, embora não sabia. Ele tinha posto um representante para administrar o imóvel, e havia rumores de que uma mulher viria de Edimburgo para ajudar a organizar a cooperativa de tecelãs. Poderia retornar no dia seguinte ou nunca. Do único que estava segura, era de que não retornaria com ela.

— Bem, então terá que lhe escrever.

— Não posso — o doutor a interpretou mal e declarou:

— Então eu o farei por ti, garota.

— Não, não quero que saiba. É meu problema, não dele.

— Isso é absurdo! Necessita-se de dois para fazer um bebê e é sua responsabilidade. É mais, se Cameron for metade do homem que penso que é, retornará no primeiro avião para casar-se contigo.

Riona fechou os olhos diante da sugestão. O doutor podia ser adorável, mas vivia em outro mundo. Já tinha passado a época em que os casais se casavam porque tinham que fazê-lo e ela não queria tal solução. Cameron, desde o começo de sua relação esclareceu que não estava preparado para a paternidade. Disfarçou-o um pouco ao dizer que ela era muito jovem para ser mãe e que apenas tinha começado a viver, que a queria toda para ele durante um tempo. Então lhe pareceu que se preocupava com ela, mas quando se foi, Riona compreendeu a verdade. Era ele quem não desejava ataduras e as evitava. Apesar do espontâneo de seu amor, preocupou-se de que não houvesse conseqüências. Inclusive essa primeira vez, levou-a no dia seguinte ao consultório do doutor para solicitar o que chamavam «a pílula do dia seguinte».

O que lhe parecia normal a um homem do mundo como Cameron foi um ato constrangedor para ela quando se encontrou em frente ao doutor Macnab. Esperava que estivesse seu jovem sócio, e ao contrário o encontrou sentado atrás do escritório, a um homem que sempre a tinha tratado como sua sobrinha favorita, e saiu da enfermaria com o tornozelo luxado amarrado por uma atadura, e isso foi tudo. Deixou que Cameron acreditasse em outra coisa e ficou grávida. Diante de seus olhos, o bebê era problema dela.

Ainda agora sentia o mesmo depois da volta de Cameron. O bebê era dele e nada mais. Poderia ser o vivo retrato de seu pai, mas os murmuradores não sabiam porque mantinha Rory afastado de seus curiosos olhares. Só o doutor Macnab e a senhora Ross podiam traí-la, e não o fariam. Devia manter seu filho fora do caminho de Cameron, e isso seria muito fácil se ficasse na granja. Estava segura de que não iria procurá-la.

Mas se equivocou. Nunca tinha podido adivinhar as ações de Cameron. Este chegou não nessa noite, e sim na seguinte. Eram quase dez horas quando ouviu a chamada na porta e soube imediatamente quem estava ali.

Atravessou o corredor para verificar que a porta estivesse fechada com chave. Ele deve ter ouvido-a, porque gritou:

— Abre a porta, Riona! — não se moveu; ela não o queria em sua casa, já que evocariam muitas lembranças — Abre-a ou a derrubo! — ameaçou-a. Permaneceu em silêncio, porque não acreditava que levasse a cabo sua ameaça, e se equivocou — Abre, Riona — repetiu, deu-lhe uns segundos e logo atuou. Usou um pé para golpear com força a fechadura. Ao terceiro golpe, estilhaçou a madeira.

— Está bem — disse ela, pensando que outro golpe soltaria a porta de suas dobradiças —. Abrirei me dê um minuto — sua súplica funcionou e o ataque contra a porta cessou.

Correu para cima para ver Rory, que dormia apesar do barulho. Fechou a porta de seu quarto e baixou rapidamente ao salão, onde tinha um retrato dele sobre a chaminé, e o escondeu numa gaveta.

— Riona? — chegou a ela a voz de Cameron. Apressou-se para chegar à porta e a abriu. Não esperou um convite e entrou na casa.

— Onde está? — olhava a estreita escada que conduzia ao dormitório.

— Quem? — perguntou, embora a resposta fosse óbvia.

— O bebê — respondeu cortante, e teria subido se ela não o tivesse pego pelo braço, com força, desesperada; embora ele teria podido soltar-se se o tivesse desejado. Em troca, voltou-se para agarrá-la pelos braços e a aproximou o suficiente para que pudesse ver a fúria de seus olhos.

— É meu certo? — grunhiu — O bebê é meu...

— Não — moveu a cabeça —. Não o é. Disse-te...

— Maldita mentirosa — a interrompeu — Sei o que me disse, mas isso não é o que Macnab diz.

— O doutor? — Riona estava impressionada. Tinha-a traído? Não podia ser! — Você é quem mente. O doutor não te diria nada.

— Não de forma direta — respondeu — mas quando lhe perguntei se recebia ajuda de Fergus Ross, ficou pasmo com a idéia. Está claro que não acredita que a responsabilidade seja dele, e isso o esclarece tudo.

— Poderia haver alguém mais — replicou Riona, e desejou não havê-lo feito, porque a réplica dele foi violenta.

— Poderia haver vários, por isso sei. Certamente, parecia ansiosa.

— Você... — tratou de liberar uma mão para esbofeteá-lo, mas ele a apertou e a apoiou contra a parede.

—Vamos deixar de orgulhos ofendidos. O bebê, é tudo o que me interessa. Quer saber o que disse o doutor quando lhe perguntei se eu era o pai? — Riona negou com a cabeça.

—Ele não lhe disse isso. Sei que não o fez — insistiu ela.

—OH, não me disse isso! —repetiu— O velho não disse nada, absolutamente nada, o que é bastante revelador. Macnab pode estar convencido de que é uma criatura inocente — continuou com rudeza— mas não mentiria por ti, e é bastante óbvio que ele acredita que sou o pai.

—E? — Riona tratou de fanfarronar— Isso não te converte no pai, possivelmente eu menti.

—Possivelmente. É capaz de fazê-lo.

—Isso é gracioso, vindo de ti.

—Ah, sim? Quando te menti? — contra-atacou com ousadia. A garota o olhou incrédula. Esqueceu-se de que uma vez lhe disse que a amava? Esqueceu-se de que a tinha abandonado só uns dias depois?

—O que está fazendo aqui? — exigiu-lhe com dureza— Não pode desejar que o bebê seja teu, assim por que não aceita minha palavra e vai embora? — ele negou com a cabeça.

—Tem razão. Não quero que seja meu. Não quero nada que tenha relação contigo seja meu, mas se o é crê que vou deixar que você o crie? — olhou-a com desdém e logo observou a pobreza do lugar — Assim me diga, onde está? Em seu quarto?

Fez novamente o intento de subir e ela o segurou por uma manga.

—Não pode subir aí. Está dormindo! — gritou-lhe.

—Pela confusão que armas, dá-me a impressão de que é mentira — runhiu, tirou-lhe a mão e subiu pela escada a grandes passos. Riona o seguiu, mas não pôde detê-lo.

Entrou no quarto e o atravessou até o berço, visível sob o brilho da lâmpada de noite. Ela ficou na porta. Rogou para que Rory ainda estivesse dormido porque, se o estava, Cameron só poderia olhar a parte traseira de sua escura cabeça. Suas preces não foram ouvidas. Um som saiu do berço. Rory poucas vezes chorava ao despertar, mesmo que um estranho estivesse junto a seu berço. Tinha a mesma confiança que seu pai.

Também a cor do cabelo e olhos, e a boca de seu pai. Certamente, Cameron o notaria. Supôs que sim quando ele se inclinou e segurou o

menino. Sustentou a seu filho com os braços estendidos e o olhou fixamente, logo o levou até onde Riona estava de pé.

Olhou-a com intenso desgosto e ela retrocedeu um pouco quando lhe entregou o bebê. Esperou acusações e recriminações, mas não chegou nenhuma. Em troca, apartou-se e desceu pela escada. Ela não compreendeu sua intenção até que ouviu o ruído da porta ao fechar-se.

Se foi. Fazia o que tinha que fazer e se foi. Não se tinha dado conta. Tinha olhado a seu filho sem reconhecê-lo e de novo tinha saído de sua vida. Isso foi o que pensou Riona, mas de novo se equivocou ao encontrá-lo dois dias depois. Era domingo. Embora tivesse deixado de tocar nos ceilidh e na igreja desde a gravidez, ainda ia comer com o doutor. O dia era agradável e quente e ela caminhou as três milhas em direção à vila com Rory em seu velho carrinho. Estava dormindo quando chegou, e Riona deixou o carrinho diante da porta.

O doutor devia estar esperando, porque imediatamente abriu quando ela chamou. Riona lhe disse:

—Rory está dormindo e acredito que o deixarei do lado de fora um momento.

—Sim, o ar fresco lhe fará bem — aceitou o doutor Macnab, e a deixou entrar na casa. Já estava dentro quando ele acrescentou —: Temos visita.

—Visita? — não captou a idéia até que viu uma segunda figura aparecer na soleira da sala. Seus olhos se encontraram e se olharam durante um momento. Ele não parecia surpreso e era óbvio que sabia que ela ia. Tratou de ir embora, mas o doutor a deteve.

—Vamos, garota, sei como se sente, mas não pode fugir assim — a impedia—. O orgulho é uma coisa, mas tem que pensar no bebê. Se Cameron estiver disposto a ajudar aos dois...

—Por que ia fazê-lo? —perguntou Riona ao velho, mas voltou o olhar para Cameron. Ele parecia indiferente— Lhe disse que o bebê não é dele. É tudo o que ele precisa saber.

—Menina, menina — o doutor moveu a cabeça—. Não pode seguir assim. Tem que aceitar que...

—Que o bebê é meu — o interrompeu Cameron— Eu sei e você sabe e uma prova o demonstrará, assim acabemos com as mentiras...

Ela piscou diante de suas palavras e o doutor acrescentou com suavidade:

— Tem razão, Riona. Agora a paternidade pode ser definitivamente estabelecida.

— Sim, além de que é evidente que o menino é meu — acrescentou Cameron sem ternura na voz nem no olhar. Riona não podia acreditar que uma vez tivesse amado a esse homem.

— Olhe — lhe rogou o doutor — por que não entramos na sala e discutimos o assunto ao comer? Estou seguro de que chegarão a algum tipo de acerto... — Riona negou com a cabeça.

— Não quero nada de ti — disse, com tom desdenhoso.

— O que você queira não me interessa — repôs ele com frieza —. São as necessidades do menino as que me concernem.

— E não crês que também me concernem? — disse, ficando à defensiva.

— Eu não hei dito isso. Estou seguro de que você cuida dele de forma adequada, mas não consideraste o futuro... Seu futuro.

— É obvio que sim — repôs, molestada.

— E? — levantou uma sobrancelha, interrogante, e Riona abriu a boca sem encontrar uma resposta adequada.

Sabia bem ao que queria chegar ele.

— Me corrija se estou equivocado — continuou ele — Não tem dinheiro nem há nenhuma perspectiva de que chegue a tê-lo. O que significa que está planejando criar ao meu filho com a miséria que obténs da granja e alguns donativos.

— Cameron, homem — o urgiu o doutor quando Riona retrocedeu, mas ele ignorou ao velho e acrescentou:

— Bem?

— Eu... — Riona estava indefesa, sem armas para lutar. Ele tinha resumido sua vida com precisão — Tenho planos para me mudar para Edimburgo.

— Para fazer o que? — pressionou o homem — Viver num apartamento de baixo aluguel? Levar Rory aos cuidados de qualquer pessoa enquanto você trabalha? E em que trabalho?

— Eu... — Riona se havia feito essas mesmas perguntas milhares de vezes e não necessitava que lhe assinalassem suas limitações —. Isso é assunto meu.

—OH, não. Não desde que decidi seguir com a gravidez e ter ao meu filho — Riona entreabriu os olhos diante do que implicavam essas palavras.

—Suponho que você teria preferido que eu não seguisse com ele, se o tivesse sabido — concluiu.

—Riona — intercedeu o doutor — Cameron não quis dizer isso.

—Não? — olhou acusadora ao homem e ele devolveu o olhar.

—Se essa for sua justificativa por não me dizer isso, apaga-a. Eu tinha direito de saber.

—O que esperava? Uma notícia te informando do iminente evento? Suponho que teria podido fazer isso se tivesse sabido de sua direção. Mas como foi com tanta pressa... — a fúria contraiu as feições de Cameron.

—De quem foi à culpa?

—Como te atreves...?

—E não me venha com isso de não saber minha direção. Poderia enviá-la a Invergair Hall e me teria sido remetida.

—E o que? — Riona não podia acreditar que lhe desse o papel de vilã —. O que se supunha que devia escrever? “Querido Cameron recorda da garota escocesa com que teve uma breve aventura? Pois vou ter teu filho. Com muito carinho. Riona” Isso teria agradado ao senhor?

—Possivelmente não — admitiu com voz de gelo — mas isso é irrelevante. Como pai do menino, tenho direitos e responsabilidades.

—Você não tem direitos — declarou, insegura, sorrindo com frieza.

—Cres que não, mas poderia lutar pela custódia — continuou Cameron inexorável —, e existe uma oportunidade de que eu ganhasse; ao menos, nos Estados Unidos me outorgariam direito de visita. Entretanto, não acredito que uma batalha legal fosse a benefício de Rory, verdade?

Esperou uma resposta, mas Riona não a deu. Percebia que viria algo pior que ameaças de conflitos legais.

—Vamos, homem, Riona e você podem arrumar as coisas sem envolver aos advogados — disse o doutor Macnab, esperando que o assunto se arrumasse de forma amistosa — Os únicos que se beneficiariam com isso seriam os mesmos advogados.

—Exatamente — apoiou Cameron.

—Nesse caso... — o doutor ia falar, mas Riona o interrompeu.

—O que é que você quer?

— Várias coisas: Primeiro, quero que o menino tenha meu nome.

— Seu nome? — repetiu Riona, assombrada.

— Sim.

— Mas... Esperas que volte a registrá-lo como Adams? — o tom da Riona lhe disse o ridículo que lhe parecia à idéia.

— Dificilmente — replicou — Quando digo que quero que tenha meu nome, quero dizer legitimar seu estado.

— Legitimar seu estado? — repetiu Riona, sem captar o sentido de suas palavras. O doutor foi mais rápido e apareceu um sorriso em seu enrugado rosto ao dizer:

— Cameron, homem, já lhe disse eu que faria o correto. Teria preferido que te tivesse escrito antes. Não importa; está bem.

— O que? — Riona não compreendia e o médico a ajudou.

— Ele quer casar-se contigo, garota — ela olhou incrédula a Cameron, procurando sua negativa. Mas ele o confirmou.

— Sim estou disposto a me casar contigo. Acredito que sob a lei da Escócia, ao fazê-lo, automaticamente legítimo Rory, a pesar do lapso entre o nascimento e o casamento.

— Sim, isso é — assentiu entusiasta o doutor enquanto Riona continuava olhando Cameron, perguntando-se se ele acreditava que ela estava disposta a casar-se com ele. Podia ser tão arrogante? Imaginava que estaria agradecida a ele?

— E bem? — exigiu uma resposta.

— Não me casarei contigo — não ocultou seu desgosto diante da idéia — Não me casaria contigo, embora se pusesse de joelhos para me pedir isso.

— Riona! — desesperou-se o doutor diante de sua brusca resposta. Cameron Adams ficou menos desconcertado e lhe informou com gravidade:

— O que te proponho é um matrimônio de conveniência. Casamo-nos na Escócia com licença especial e retornaremos aos Estados Unidos. Você fica ali um tempo, digamos seis meses, para lhe dar a aparência de um matrimônio convencional, e logo retorna aqui reclamando incompatibilidade. Eu voarei periodicamente para visitar Rory até que tenha a idade suficiente para passar suas férias comigo nos Estados Unidos.

—E por que devo aceitar isso? — Riona supôs que ele trataria de convencê-la e tinha razão.

—Se o fizer te garanto o uso por toda vida de Invergair Hall, uma soma adequada para sua administração e uma atribuição para ti e para Rory; dessa forma, crescerá apreciando sua herança.

—Sua que? —ele ia muito rápido para Riona.

—Abandonei os planos de vender Invergair e decidi, em troca, ceder-lhe a Roy quando fizer vinte e cinco anos.

—A Casa Nobre?

—E o imóvel — Riona evitou que sua boca se abrisse. Falava em dar de presente o que valia seis milhões de libras, segundo rumores, a um bebê que somente tinha visto. Tinha que reconhecer que não o conhecia nem o entendia.

—Tu vais ceder Invergair a Rory? — queria assegurar-se de que tinha entendido bem, e ele assentiu.

—A menos que ele demonstre que não é capaz de administrá-la.

—Como?

—Se fosse drogado, se tivesse problemas de alcoolismo ou simplesmente fosse incompetente — detalhou as possibilidades— Certamente que não entregaria Invergair a alguém que fora a arruiná-la.

Riona assentiu, embora aquela conversa não lhe parecesse real.

—Há outras condições inerentes —bacrescentou ele com a mesma calma.

—Como quais? —ela pressentiu que não ia gostar disso.

—Se voltares a casar ou desejares conviver com alguém antes que Rory faça dezoito anos, a posse da Casa e a custódia do menino voltarão para mim — assentou — Você, é obvio, teria direito a visitas.

—Isso é monstruoso! — protestou Riona, irada, embora não pensava em casar-se — Por que tratas de me castigar, Cameron? O que te fiz?

—Não entremos nisso — sua voz refletia indiferença — Simplesmente me asseguro de que Rory não tenha um padrasto ou um «tio» em alguma etapa vulnerável de sua vida.

—Vamos, Cameron, é injusto — interveio o doutor quando o ambiente se voltava tenso—. Não ofereces a Riona um matrimônio em toda a extensão da palavra e ao mesmo tempo a condenas a uma vida solitária.

Os lábios de Cameron se esticaram diante da análise do doutor.

—Estou protegendo os interesses de meu filho e sua futura posição como latifundiário. Se ela sentir que necessita de um homem, sempre pode ir-se passar um discreto fim de semana em Edimburgo.

—Um momento, Cameron — o doutor Macnab saiu em sua defesa—. Conheci esta garota toda sua vida e embora possivelmente se perdesse contigo, ela não é das que se deitam com qualquer um.

—Não o é? —Cameron olhava a Riona — Isso foi o que eu pensei, Doutor, mas abri os olhos. Sugiro que você faça o mesmo. Por que não lhe pergunta sobre Fergus Ross? Pergunte a ela quantas vezes esteve com ele.

—Não, não — o doutor moveu a cabeça— Tem uma idéia equivocada. Fergus e Riona foram amigos de infância, mas isso é tudo. Se alguém te disse algo diferente...

—OH, alguém o fez —o interrompeu Cameron— só que fui muito estúpido para fazer caso. Isabel Fraser me disse que Fergus Ross tinha vivido praticamente em sua granja antes de sua última partida —,se dirigiu a Riona— mas preferia acreditar que tudo tinha sido um assunto inocente. Depois de tudo, ainda eras virgem quando nos conhecemos, verdade?

—Eu nunca te disse isso — exclamou Riona em sua defesa, e ele riu com amargura.

—Não, só me deixou pensar isso, seguiu adiante e se burlou de mim — o doutor Macnab olhava de um para outro, e pensando ainda que se tratava de um mal-entendido, voltou a intervir.

—Calma os dois. Não sei quem falou nem o que há dito, mas eu não confiaria nas palavras de Isobel Fraser. Se por acaso não sabia, Isobel pôs seus olhos em ti, Cameron. Por isso se foi depois de que você partiu.

—Possivelmente — concedeu Cameron, retendo o olhar de Riona— mas ainda dizia a verdade neste caso. Ela nem sequer sabia de nós. Eu mencionei o fato de que você lutava para seguir adiante com a granja e que eu necessitava um operário que te ajudasse com as reparações. Ela sugeriu que suas dificuldades seriam temporárias, já que Fergus Ross voltaria logo para casa, de licença, e provavelmente, moraria contigo de novo. Não acreditei. Estava tão seguro de ti, que pensei que se Fergus retornasse, você me escolheria. Que equivocado pode estar um homem!

Riona moveu a cabeça e se traiu ao responder:

—O teria feito. Sabe que o...

—Não minta! —explorou—. Escolheu a Fergus. Ambos sabemos que... E por que não? Depois de tudo, foi seu primeiro amante não? E antes que o negue, te direi que isso eu não soube por Isobel, mas sim pelo próprio Fergus.

Riona o olhou sem compreender e o doutor concluiu:

—Fergus lhe disse isso — Cameron assentiu.

—Não só me disse isso; vangloriou-se de ter à garota mais bonita de Invergair, pondo ênfase em «ter...» Supus que te tinha informado de nossa reunião accidental — lançou a Riona e ela continuou olhando-o, até que de repente a verdade a golpeou com força. Fergus estava em alto mar quando Cameron apareceu em cena. Ela não o esperava de volta quando, de repente, passou a vê-la um fim de semana. Foi na noite em que Cameron foi a Glasgow, e ela se sentiu aliviada por sua ausência, já que Fergus chegou a sua porta meio tarde. Fazia *autostop* e já tinha anoitecido quando um turista o recolheu e o deixou ao pé de seu caminho. «Um turista americano», recordou Riona as palavras de Fergus, mas só agora compreendia sua importância. Que estúpida foi ao não captar então a relação!

Cameron se deu conta de que ela tinha compreendido e seguiu falando.

—Verá, decidi não ficar a passar a noite fora, conduzi desde Glasgow e recolhi a esse menino no caminho. Estava ansioso por chegar à casa de sua noiva e o levei até o pé da colina. Já era tarde, mas ele estava seguro de que seria bem-vindo. Eu esperei duas, três horas, mas ele tinha razão. Passei à manhã seguinte e o vi no caminho. O sol já estava muito acima e continuei conduzindo — falava com dureza e decisão, como se já não lhe importasse. Seu orgulho tinha sido ferido e isso era tudo.

Para Riona, ao saber agora a verdade, foi como se acabasse de acontecer. Imaginou Fergus, contente de si, mostrando-se ufano, confiando a um estrangeiro o que devia ter sido particular. Possivelmente até mencionou seu nome e foi animado a dizer mais. Imaginava Cameron sentado ao final do caminho, lhe dando uma oportunidade, esperando umas horas, esperando que ela o rechaçasse, só que não o fez.

—Não te quis quando soube que o bebê era meu? — disse com crueldade.

—Eu... — Riona não podia falar, porque lhe doía muito.

—Possivelmente não foi tão incauto como eu. Possivelmente não teria que perguntar quem seria o seguinte com quem o enganaria.

Riona apelou a sua compreensão, porque não foi como pensava; possivelmente tinha sido sua culpa por não lhe contar nada a respeito de Fergus.

— Acredito que é melhor que vá — interveio o doutor Macnab, e vendo que Riona tinha começado a chorar, voltou-se para abraçá-la —. Ô, ô, sei, sei. Não é verdade... Ô, ô.

Suas palavras a fizeram chorar com mais força enquanto Cameron grunhia aborrecido, passava em frente a eles e saía dando uma portada. Transcorreu um minuto ou dois antes que Riona ouvisse o pranto de Rory, e quando o fez, esqueceu-se de sua tristeza e se liberou dos consoladores braços do doutor, apressando-se a sair.

Muito tarde, porque Cameron já tinha pego Rory e o sustentava no alto. O menino cessou de chorar e olhava com seus olhos redondos ao homem. O coração de Riona se congelou. O temor deve ter se mostrado em seu rosto, já que Cameron baixou o bebê até seu ombro.

— Tome — disse, lhe devolvendo o menino — Não tento seqüestrá-lo. Já ouviste minha proposição e espero sua resposta.

— Pode tê-la agora — se sentia segura com Rory nos braços —. Não me casarei contigo sob nenhuma circunstância.

— De acordo. Então, verei-te no tribunal — disse, antes de afastar-se.

CAPITULO 6

RIONA olhava pela janela do avião, embora não havia nada o que ver, exceto nuvens. A idéia de que logo aterrissaria a fez empalidecer. Alguém a receberia? Sua família? Supunha que ele tinha informado a eles sobre o bebê e a noiva que levaria para casa. Como teriam reagido?

Passaram quase duas semanas depois que ele fizesse sua absurda proposição, e durante dias não fez mais que esperar com temor a carta do advogado. Então Rory caiu doente. O doutor Macnab diagnosticou um vírus, mas lhe advertiu que o bebê era propenso a enfermidades respiratórias e, para que estivesse mais seguro, a fez levar ao hospital.

Riona soube então que não poderia levar Rory à granja. Havia feito reparações no ano anterior, mas a umidade das paredes era impossível de erradicar. Imaginava como afetaria isso a saúde do bebê no inverno. Sentou-se junto ao berço do menino no pequeno hospital procurando uma saída e encontrou uma. Na manhã seguinte foi à Casa de Invergair.

Tinha dormido pouco, e confusa, mas decidida, passou ao lado da senhora Mackenzie, a ama de chaves, e encontrou Cameron frente à mesa do café da manhã, onde lhe anunciou sem preâmbulos.

— Está bem, o farei.

— O que? — Cameron, desconcertado, baixou o periódico que lia.

— Casar-me-ei contigo, sob as condições estipuladas, caso ainda queira fazê-lo.

— Eu... É obvio — se levantou e, desconcertado, voltou-se para a senhora Mackenzie, que estava na porta. O ama de chaves tinha tentado deter Riona sem consegui-lo e a tinha seguido. Agora, tinha a boca aberta pelo que acabava de ouvir.

— Talvez pudesse nos preparar café, senhora Mackenzie — a ama de chaves o olhou uns instantes mais, antes de assentir.

— OH, sim, senhor — e saiu do quarto.

— Você gostaria de se sentar? — convidou a Riona—. Ouvirá outro anúncio mais dramático? —ela apertou os lábios. Não tinha pretendido fazer uma cena. Só queria terminar logo, e não tinha planejado ter à senhora Mackenzie como testemunha e, em conseqüência, a todo Invergair.

— Não, não há mais — ignorou o assento que lhe assinalava — Podemos ir quando Rory melhorar. No momento está doente — acrescentou.

— Sim, sei — revelou Cameron — Macnab me disse isso. Esta enfermidade teve a ver com sua decisão? — a garota se encolheu de ombros.

— Possivelmente. Importa?

— Não de forma particular — havia frieza em seu tom — . Poderei obter a licença especial num par de dias. Estou seguro de que o doutor Macnab se alegrará de ser o padrinho — Riona se estremeceu diante da idéia.

— Aceitei me casar contigo e o farei, mas não em Invergair.

— Ah, sim? — seu rosto era inexpressivo — Poderia me dar uma razão?

— Para ser sincera, seria muito incômodo — admitiu Riona.

— Claro — sua voz parecia de gelo — Encontra humilhante o fato de se casar comigo em público.

— Não hei dito isso. De todas as formas, o trato foi me casar contigo para registrar Rory, e pode fazer-se em Boston.

— Assim, o incômodo seria meu — a atacou, e Riona perguntou:

— Teu?

— Se nos casarmos em Boston a minha família gostará de assistir — lhe assinalou, e deixou que Riona concluísse que, como noiva, seria uma desilusão.

Seus olhos verdes se obscureceram pela ira, mas se controlou. Tinha seis largos meses por diante e, para sobreviver, tinha que aparentar indiferença.

— Bom, se essa for sua única condição — concedeu Cameron — . De todas as formas, nosso casamento não será um segredo em Invergair por muito tempo; não, a menos que a senhora Mackenzie se controle.

Riona o duvidava, e aceitaria as falações e as especulações quando retornasse da América.

— Assim que melhore Rory, viajaremos aos Estados Unidos.

— Sim, está bem — o tom inexpressivo de Riona ocultava o temor que sentia. Em outras circunstâncias, ir a Boston teria sido uma aventura, mas assim, era mais que uma condenação a prisão que tinha que cumprir para assegurar o futuro de seu filho. Uma semana depois partiram. Rory tinha sido liberado pelo doutor Macnab. No avião, Cameron se sentou separado de Riona e do menino. Não precisaram falar e não o fizeram.

Ocasionalmente, ela desaparecia para amamentar Rory no banheiro, mas Cameron nunca perguntou aonde ia e ela não o disse.

Agora, sobre o Aeroporto Internacional Logan, preparavam-se para aterrissar e a garota desejava haver feito a ele umas quantas perguntas básicas, como que explicação tinha dado a respeito da existência de Rory a sua família? E como tinham reagido? Estavam preparados para lhe dar ao bebê a bem-vinda, embora não a ela? Não podia imaginar se estavam contentes de tê-la aí, mesmo que fora temporariamente, e se a notícia de Cameron lhes tinha alegrado.

Cameron a tinha contado que ficariam na casa de seu pai e sua madrasta. Supunha que seus pais tinham aceitado esse acordo, mas isso não significava que lhes agradasse ter uma pessoa estranha com eles. E Rory, embora fosse neto de Charles Adams, não tinha relação de sangue com Bárbara, a madrasta de Cameron, ou com Melissa, sua meio-irmã.

Quando saíram do avião, Cameron levava Rory em sua cadeirinha e ela caminhava com a cabeça erguida através da multidão que lhes dava a bem-vinda aos que chegavam. Procurou entre os rostos, em espera que alguém se aproximasse a eles, mas ninguém o fez, suspirou aliviada. Cameron fez acertos para que sua bagagem fosse enviada e logo saiu do terminal para a fresca noite.

Riona supunha que pediriam um táxi e se surpreendeu quando uma enorme limusine negra se aproximou. Um chofer uniformizado saiu e vacilou um segundo quando viu Riona e o bebê, e em seguida, com uma atitude profissional, abriu as portas traseiras e agarrou sua bagagem de mão.

— Bem-vindo a casa, senhor Adams — disse quando Cameron a fez passar primeiro.

— Obrigado, Stevens — respondeu ele. O chofer, observando o menino, ofereceu-se de forma automática:

— Devo pegar... O bebê, senhor?

— Não, isso não será necessário. Viajará atrás conosco.

Já instalada, Riona observou Stevens disposto a servir. Supunha que era seu costume encarregar-se dessas pequenas tarefas, embora esta situação fosse nova para ele. Ninguém lhe havia dito que levavam um bebê. Ao afastarem-se do aeroporto, Cameron deu instruções:

— Nos leve primeiro a meu apartamento, por favor, Stevens.

A tela de cristal entre os assentos permanecia em seu lugar e a mensagem passou através de um microfone interno. O chofer respondeu «sim, senhor», antes que Cameron cortasse a comunicação.

Riona tratou de ocultar sua estupefação e falhou. Ele tinha contado que sua família tinha um negócio de construção e imaginou uma pequena assinatura de uns vinte ou trinta empregados que ele administrava representando a seu pai. Não esperava que uma empresa medianamente próspera pudesse ter brilhantes limusines negras e amáveis choferes.

— O que acontece? — ele observou o cenho franzido dela.

— É este seu carro?

— Tecnicamente não. O carro e o chofer estão a minha disposição como executivo da Harcourt Adams Corporation.

— Seu pai é dono da Harcourt Adams Corporation?

— Só de uma percentagem — a corrigiu sem assinalar quanto.

Riona não perguntou, embora já suspeitasse que Cameron Adams e sua família entrassem na categoria dos verdadeiros ricos. Não quis continuar com o tema para que não pensasse que se interessava em sua riqueza. Possivelmente por isso não o tinha contado durante o verão.

Seguiram silenciosos, passaram por um túnel antes de seguir ao centro de Boston. De repente, Stevens se deteve diante de um edifício de tijolo, onde um porteiro uniformizado se aproximou sorridente.

— Não demorarei — disse Cameron sem lhe dar a oportunidade de conhecer seu apartamento, e deu ordem a Stevens de que dessas voltas à maçã.

Surpreendeu a Stevens observando-a através do espelho e lhe ofereceu um precavido sorriso. Foi agradável ver que suas facções se enrugavam em um sorriso de resposta. Ao menos, os serventes seriam agradáveis. Davam a terceira volta quando Cameron reapareceu com um par de malas. Stevens se deteve e saltou para abrir portas e guardar a bagagem adicional.

Continuaram para o oeste, fora da cidade, pelo condado de Arlington, até Lexington, nomes que recordou ter lido nos livros; logo viajaram para uma área residencial e finalmente se detiveram diante de um par de grades de ferro encaixadas numa alta parede de tijolo. As grades se abriram de forma automática e se deslizaram silenciosas para fechar-se atrás deles.

Riona quase sentia pânico, como se as grades a aprisionassem. Sentiu-se melhor quando olhou pra frente até a casa que se encontrava ao final do

caminho. Era uma mansão moderna, de três andares. Voltou-se e viu que Cameron a observava com uma cínica expressão que sugeria que ela se impressionaria com a grandeza de seu lar familiar.

— Sugiro que me deixe falar — lhe disse Cameron quando Stevens abriu a porta do carro; Riona não discutiu. Temia essa primeira reunião e não desejava dizer nada. Seguiu-o e rodeou o carro para tirar as cintas do assento do bebê. Cameron a interceptou.

— Rory dorme. Seria melhor que o deixasse, Stevens o vigiará.

— Poderia me buscar se o bebê acordar? — pediu Riona.

— Claro, senhori... Senhora — duvidou sobre a forma de dirigir-lhe ela e ficou claro que não sabia quem era. Riona supôs que dentro da casa as coisas seriam diferentes. Abriu a porta uma donzela que também a olhou assombrada antes de dar a bem-vinda formal ao Cameron.

Informou-lhe que a família estava na sala e ele cruzou o corredor de mármore, com Riona atrás. Abriu uma das muitas portas e entrou. Ela estava a poucos passos detrás, tímida e preocupada por conhecer sua família.

As vozes calaram em sua entrada e por um momento, três pessoas já sentadas permaneceram imóveis onde estavam. O homem, presumivelmente o pai de Cameron, embora houvesse pouco parecido, olhou primeiro a seu filho com um meio sorriso nos lábios. As duas mulheres o olharam antes de deslizar o olhar até Riona, calculadas, avaliando e rechaçando.

O olhar de Riona os percorreu a todos. Charles Adams, mais magro que Cameron, era ainda um homem elegante de cabelo cinza, distinto e com uma expressão que sugeria que lhe agradava ver seu filho.

Bárbara Adams resultava surpreendentemente jovem para rondar os cinquenta. Tinha o cabelo acobreado e a pele limpa. Havia uma expressão de frio desdém em seus olhos quando olhou a Riona.

A última foi Melissa Adams. Com cabelo negro, feições e pele perfeitas; parecia uma Elizabeth Taylor jovem. Levava uma calça negra e uma blusa de seda de vivas cores que flutuava solta sobre seu esbelto pescoço. Nem sua beleza nem seu gosto podiam negar-se, e quando analisou a Riona de cima abaixo, a garota escocesa se sentiu grande e plana sob seu traje de algodão.

Em seguida Charles Adams se levantou da cadeira e cruzou para lhe dar a Cameron um forte e masculino abraço.

—Que alegria te ter em casa, filho! — disse com óbvio afeto antes de olhar à garota—. E você deve ser Riona. É um prazer te conhecer.

—Obrigada — ela se surpreendeu diante de sua sincera bem-vinda, aproximou-se e com acanhamento lhe ofereceu a mão, que ele agarrou e estreitou.

—Que tal a viagem desde Escócia?

—Comprida — respondeu a garota com um tênue sorriso, e obteve um indulgente olhar em troca.

—Sim, deve estar exausta. Terminemos com as apresentações. Estas são Bárbara, minha esposa, e minha filha Melissa.

Obrigada a aproximar-se, a senhora se levantou e ofereceu uma mão fria a Riona. A outra garota se levantou, mas permaneceu onde estava com um sorriso frio. Um tenso e horrível silêncio caiu sobre eles, porque nenhuma delas expressou nenhuma saudação e Riona fez o mesmo. Então, Charles Adams continuou:

—Bárbara preparou quartos para ti e o bebê — olhou interrogante a Cameron.

—Está dormido no carro, papai. Quer vê-lo?

—Que se quero vê-lo? — perguntou, sorrindo. Era óbvio que Charles Adams não podia esperar para ver Rory e a garota o olhou com ternura. Que o menino aparecesse de forma pouco convencional não parecia lhe importar— Ainda não posso acreditá-lo — apertou o ombro de Cameron com felicidade.

—Então vêem conhecê-lo — sugeriu o filho sorrindo, e saiu com ele.

Bárbara Adams olhou com um frio escrutínio a Riona, antes de seguir seu marido. A garota vacilou antes de reunir-se com eles, embora fosse a mãe do bebê. Foi para a porta e uma voz a deteve:

—Eu os deixaria se fosse você. A menos, é óbvio que seja muito sentimental.

—Não precisamente — Riona se voltou para Melissa Adams, que estava sentada e bebia seu coquetel. Estava claro que Rory não lhe interessava.

—Não, não pensei que fosse — replicou Melissa, num tom que parecia um insulto— Pode estar segura de que meu padrasto estará impressionado por seu broto, sem importar a quem se pareça, enquanto que minha

querida mãe albergará certas dúvidas a respeito da paternidade de Cameron.

Riona não respondeu e a olhou com estudada frieza. Melissa se surpreendeu diante de sua indiferença.

—Não é que eu duvide da paternidade de Cameron — continuou Melissa— Como qualquer homem, ele é capaz de deixar-se guiar por impulsos sexuais, mas fora da cama não é tão tolo. De fato, apostaria qualquer coisa de que já tem feito os exames pertinentes.

—Pois não, não se incomodou — disse Riona, igualando a calma da outra mulher— Não havia necessidade. Verá, Rory, nosso filho, é a viva imagem de seu pai.

Foi a primeira vez que ela sentia prazer em vangloriar do fato. Fez porque sabia que a semelhança incomodaria à garota, que estava ciumenta. Também sabia que, se não lutava, Melissa Adams converteria sua vida em Boston num inferno.

Melissa sorriu maliciosamente.

—Pensa que o tem, verdade? Não se engane. Necessita-se mais que um menino bastardo para reter o Cam.

—Sim? — Riona duvidou com estudada dignidade— Devo supor que falas assim por algum interesse em particular? —Melissa apertou seus magros lábios. Havia pensado que Riona seria uma fácil conquista e percebeu que não, e então perdeu o humor e a sutileza.

—Se desejo a Cam, só tenho que levantar um dedo — o rosto de Melissa se tornou grotesco pela ira — Você não poderá fazer nada. Já o verá.

—Se você o diz — Riona aparentou indiferença antes de sair ao corredor. Aí respirou profundamente para desembaraçar do desgosto. Viu o resto da família de pé frente à porta. Charles Adams sustentava Rory acordado e os dois, avô e neto, conheciam-se. O menino parecia feliz nos braços daquele homem; possivelmente podia ler a adoração no rosto do avô. Bárbara Adams estava separada deles, com os lábios comprimidos até formar uma tênue linha; era óbvio que não desfrutava com essa pequena adição à família.

Cameron olhou para Riona, interrogante. Ela respondeu com um sorriso e se perguntou como reagiria se soubesse do enfrentamento que acabava de ter com sua meio-irmã. Não podia imaginar que ficasse do seu lado. A jovem caminhou e a cabeça de Rory se voltou diante do som de suas

pegadas sobre o mármore. Soltou um gritinho ao ver sua mãe e Charles teve a sabedoria de dar-lhe a ela. Ele acomodou-se contra o pescoço de Riona.

Charles Adams sorriu diante do quadro e disse com gratidão:

— É o retrato de Cameron quando pequeno — Riona lhe sorriu, contente de ter ao menos um aliado na casa.

Quando ao fim Bárbara Adams falou, seu tom era frio e prático.

— Dei-lhe à senhora Macleod e ao menino o quarto dos meninos, e Cameron, te atribuirei seu quarto acostumado.

— Mas estão em asas opostas — objetou Charles Adams.

— Está bem, papai — Cameron não desejava estar perto de Riona, embora não pôde evitar burlar-se de sua madrasta— Suponho que patrulhará os corredores também, ou se guardam as aparências ao ter quartos separados... — Bárbara o olhou, carrancuda.

— Já sabemos que nunca te preocupou o que a gente pensa de ti, Cameron; entretanto, seu pai e eu temos uma posição que manter nesta cidade. Já é vergonhoso ter a súbita materialização de um bebê de seis meses, como para adicionar a nossos serventes mais motivos para mexericar com a servidão dos amigos.

— As coisas não são tão más, Bárbara — Charles Adams sentia que exagerava— Nestes dias ninguém se preocupa com essas coisas. De todas as formas, Cameron e Riona estarão casados dentro de um mês, terão seu próprio lar e quem o recordará num par de anos? Verdade, filho?

— Claro, papai — assegurou Cameron. Riona se sentiu incômoda, porque Charles Adams a tinha aceitado como sua futura nora, em lugar de julgá-la por não ser o suficientemente boa. Sentiu culpa ao planejar ficar só enquanto a tinta da ata matrimonial se secava.

Charles captou sua expressão de desdita e a interpretou mal.

— É obvio, as bodas e eleição de casa dependem de Riona.

— Até certo limite — intercalou Bárbara Adams— Ela não pode cruzar a igreja entre nuvens de encaixe branco, verdade?

Riona compreendeu que tinha que criar uma segunda pele para sobreviver aos ataques da proprietária dessa casa.

— Não se preocupe, cinco minutos diante do Registro Civil serão suficientes para mim.

— Asseguro que não — adicionou Charles tanto a ela como a Cameron — É verdade que vocês se apressaram um pouco; muitos casais o fazem estes dias e isso não significa que não possam ter um dia para recordar toda sua vida. E Riona será a noiva mais bonita não crê, Cameron? — ele nem aceitou, nem negou, e disse em troca:

— Depende dela — Riona lhe lançou um olhar hostil. Ele devia saber que ela não desejava uma grande cerimônia. Tinha que frustrar a idéia — E agora, acredito que devemos nos refrescar — acrescentou, decidindo não depender da habilidade de atuação de Riona por mais tempo.

— Sim, filho, claro. Subam e se acomode; atrasaremos um pouco o jantar — lhe assegurou Charles quando Cameron agarrou o braço de Riona e a guiou para a escada.

Permaneceram em silêncio mesmo quando chegaram ao piso superior, fora da vista de outros, e caminharam através do comprido corredor até outro antes de chegar às habitações que uma vez foram dos meninos. Estavam isolados da parte principal da casa, feito que agradou a Riona.

Observou o que seria o dormitório de Rory. Uma cama antiga de madeira tinha sido recuperada de algum local e colocada junto a uma cama pequena. O papel das paredes era de ossinhos com fundo rosa, e as colchas também eram da mesma cor.

— Quem a usou pela última vez? — perguntou Riona, curiosa.

— Melissa — respondeu Cameron — Tinha só dois anos quando meu pai se casou com a Bárbara e vieram para esta casa.

— Sua mãe não viveu aqui — concluiu Riona em voz alta, e ele negou com a cabeça.

— Minha mãe nunca teria vivido num lugar assim. Quando eu era jovem vivíamos num apartamento em Boston, perto do parque. Bastante grande, mas não era ostentoso.

O rosto de Cameron se nublou, possivelmente lamentando haver feito a ela tal confidência. Conduziu-a ao dormitório vizinho. Estava atapetado, com um armário, uma cama e uma penteadeira, funcional mais do que luxuoso, mas adequado às necessidades de Riona.

— Era o quarto da menina. Não terá que ficar aqui. Farei que troquem para um lugar melhor — disse Cameron, mas Riona negou com a cabeça.

— É bom para mim. Não é pior que a granja.

—Não, suponho que não — aceitou ele, e por um momento seus olhares se encontraram e assim se mantiveram pensando no mesmo, recordando um tempo em que nenhum deles se preocupava com o desastroso estado da granja. Estavam muito absortos um no outro.

Riona sentiu seu coração preso pela dor e baixou o olhar. Sentou-se na cama e acomodou Rory sobre a colcha.

—De todas as formas estarei bem, assim se quiser retornar e te reunir com sua família, não importa.

—Não precisamente — fez um gesto— mas suponho que terei que me enfrentar ao interrogatório em algum momento. Ao menos, parece que agradamos a meu pai — acrescentou, irônico; Riona recordou o deleite do ancião e se sentiu culpado.

—Bom... Não crês que devemos lhe dizer a verdade?

—E qual seria a verdade? — perguntou Cameron, zombador.

—Que não planejamos permanecer casados — lhe recordou— Que simplesmente o fazemos pelo bem-estar de Rory.

—Concordamos que nos casaríamos e fingiríamos diante do mundo.

—Diante a gente de Invergair, sim — aceitou—, mas certamente não deseja enganar a sua família.

—Conheço meu pai. Preferiria acreditar que já me estabeleci, embora seja por seis meses. A minha madrasta não importará, de uma ou outra forma.

—E Melissa? — não pôde evitar perguntar, e observou sua reação.

—Melissa? O que poderia interessar a ela?

Riona não respondeu, desconcertada diante da possibilidade de que Cameron queria lhe ocultar sua relação com sua meio-irmã. Ele trocou de tema.

—Bem, agora descerei. Deixo-te para que te troques.

—Me trocar? — repetiu Riona.

—Para o jantar — lhe recordou, e ela riu. De novo em seu território, pareceu esquecer a realidade dela.

—Me trocar com o que? — olhou sua singela saia e blusa de algodão— Nossa bagagem ainda não está aqui e, além disso, tenho posto o melhor que tenho — olhou sua roupa enrugada. No verão passado nunca o tinha notado ou ao menos não lhe tinha importado como vestia.

—Como não me dei conta — murmurou— Devi te levar de compras quando estivemos em Londres — Riona se encolheu de ombros, porque

não lhe importava. Não queria que ele a vestisse para que se adequasse a seu estilo de vida.

— Não importa. A verdade é que preferiria jantar aqui — possivelmente ele notou o cansaço em sua voz, porque não discutiu.

— Está bem, suponho que posso alegar a diferença de horário e fazer que lhe subam algo até aqui, por esta noite — concedeu.

— Bom — aceitou. Ajeitou-se para parecer despreocupada, enquanto por dentro sentia a terrível solidão que seria sua esses seis meses. Manteve inexpressivo seu rosto em lugar de mostrar debilidade.

— Nunca te perturba nada, verdade, Riona? — afirmou Cameron, admirado — Em realidade, nada lhe afeta.

Se isso queria pensar, a Riona não importava. Não ia dizer-lhe que ao abandoná-la o verão passado não só a tinha perturbado, mas também a tinha deixado com o coração quebrado.

Permaneceram em silêncio e pegou a Rory, que começava a inquietar-se e a fazer pequenos protestos por fome. Dirigiu um olhar impaciente a Cameron, desejando que se fora. Ele o entendeu e murmurou:

— Farei que lhe enviem o jantar — saiu por onde tinham entrado, através do quarto de meninos.

Quando se foi, Riona se desabotoou a blusa e pôs o bebê junto a seu peito. Alimentou-se ele contente, olhando-a com perfeito amor e confiança. Ela beijou seu suave rosto e se recordou que estava aí para assegurar seu futuro, embora nem com Rory em seus braços pudesse dissipar a sensação de solidão.

CAPITULO 7

RIONA dormiu inquieta e despertou cedo, como de costume, para amamentar Rory. Apareceu na janela e julgou que seria um dia quente. Pôs-se uma blusa rápido e uma saia de algodão com uma caimento fresco e solto. Sentou-se a espera que a buscassem. Uma donzela apareceu levando uma bandeja com o café da manhã. Ia com outra garota que se apresentou com acanhamento:

—Sou Glória. Minha mãe é a cozinheira, e o senhor Adams, o jovem, perguntou-me se podia ajudá-la com o bebê.

A garota tinha olhos e cabelo escuros, e feições que delatavam sua origem hispânica. Tinha um adorável sorriso que dirigiu a Rory ao ajoelhar-se a seu lado no chão. Rory pareceu aceitá-la imediatamente quando ela emitiu alguns sons para chamar sua atenção e lhe ofereceu um dedo para que se segurasse.

Riona também aceitou à garota, embora dissesse:

—É muito amável de sua parte, Glória, mas eu posso aceitá-lo.

—O senhor Adams deseja que eu vá às compras com você — lhe comunicou a moça —. Diz que precisa comprar roupa e coisas para o bebê.

Riona franziu o cenho porque era verdade. Rory tinha crescido e já não lhe servia a roupa.

—Veremos — Riona lhe sorriu —. Eu falarei com o senhor Adams — se ergueu, levantou Rory e Glória a deteve, lhe dizendo:

—Acredito que ele já foi trabalhar com seu pai.

—Riona olhou seu relógio e viu que apenas eram oito horas.

—Stevens, o chofer, nos levará a Boston depois que você tome o café da manhã.

—Eu... — Riona quis dispensar esses planos feitos sem consultá-la, mas notou a expressão preocupada da outra e compreendeu que foi injusta, porque Glória era uma empregada que obedecia às instruções do patrão — Está bem. Suponho que o senhor Adams não te disse especificamente onde devia fazer as compras.

Glória sorriu, assentindo.

— Ele sugeriu as lojas grandes como Filene ou Jordan Marsh. Todas têm departamentos para o bebê. O senhor Adam diz que compre tudo o que deseje e que o coloquem em sua conta.

— Sei — replicou.

— Se quiser, eu seguro o bebê enquanto toma o café da manhã — indicou a bandeja com o café e uns pães-doce recém assados. Riona vacilou e logo passou a Rory, que chorou, embora Glória o distraísse logo.

Era óbvio que a moça tinha experiência com bebês e, quando saíram para fazer as compras, resultou indispensável. Conhecía as lojas adequadas, sabia onde trocar as fraldas de Rory e onde podia amamentá-lo com comodidade.

Sem seu conselho, Riona possivelmente teria gastado menos dinheiro. Teria comprado um carrinho de menor preço em lugar do melhor do mercado. Teria decidido que um bebê de seis meses não necessitava brinquedos para o berço, assim como muitas outras coisas. Mas era muito fácil dizer: «Coloque-o na conta Adams» aos empregados que estavam felizes de atendê-la.

Foi só quando Stevens a recolheu na limusine, para levá-las ao edifício da Harcourt Adams, quando revisou as contas que lhe haviam entregado. Então compreendeu que tinha gasto uma pequena fortuna num par de horas. Perguntava-se o que Cameron pensaria. Acreditaria que, depois de tudo, ela era uma caça-fortunas?

O edifício Harcourt Adams era bastante modesto em comparação com outros da área, já que só tinha vinte e cinco andares e foi construído com linhas simétricas. Entretanto, diferenciava muito daquela pequena firma que Riona tinha imaginado, e sua própria ingenuidade a fez sorrir.

Enquanto Gloria permanecia no carro com Rory, Stevens escoltou Riona para o interior. Ela o seguiu ao passo frente a dois elegantes recepcionistas no escritório central, anunciando:

— A senhorita Macleod deve ver ao senhor Cameron Adams.

As recepcionistas estudaram a Riona o suficiente para observar seu singelo traje, que não era como o dos familiares, amigas nem colegas. Rapidamente ocultaram sua curiosidade e notificaram Cameron de sua presença. Depois de uma breve conversação telefônica, uma delas informou a Stevens:

—A senhorita Macleod, pode esperar na recepção e o senhor Adams baixará logo.

Steven avisou e indicou a Riona umas poltronas e mesinhas que se encontravam no amplo salão de recepção.

—Se o bebê chorar pode me trazê-lo, por favor? —pediu-lhe Riona com cortesia, e ele respondeu com ternura:

—Claro senhorita. Farei com que Glória traga o pequenino.

Consciente do interesse que despertava, Riona se sentou e agarrou uma revista para aparentar naturalidade. Como seriam as elegantes amigas de Cameron que o esperavam habitualmente nessas cadeiras? Fez um gesto de desagrado ao pensá-lo e nesse justo instante apareceu ele.

—O que acontece?

—Nada — se ruborizou e ocultou seus pensamentos— Simplesmente pensava em quão importante deve ser, ao dirigir este lugar.

—Em realidade não. Meu pai o faz e eu simplesmente sou um executivo.

—Mas um dia você o fará — insistiu Riona.

—Não é um assunto de simples sucessão — Riona franziu o cenho.

—Mas se seu pai é dono da companhia, ao fim será tua.

—Meu pai possui trinta por cento do Harcourt Adams — a corrigiu Cameron— Eu possuo dez por cento que me deixou meu avô. Bárbara tem outros quarenta por cento das ações e o resto está dividido entre pequenos acionistas.

—Não compreendo — admitiu Riona— Por que seu pai outorgou a Bárbara quarenta por cento da companhia?

—Ele não o fez — Cameron sorriu diante da idéia— Bárbara era Harcourt antes de casar-se. Meu avô e seu pai fundiram seus respectivos negócios faz vinte e cinco anos.

—Antes que seu pai se casasse com a Bárbara — concluiu Riona sem muito tato, e Cameron o aceitou com cinismo.

—Assim é. Pode dizer-se que seu matrimônio consolidou a fusão — Riona se perguntava o que significava exatamente. Foi o matrimônio mais um ato de conveniência que de amor? Cameron o confirmou:

—Com o controle da maioria das ações, meu pai se assegurou o posto de presidente quando a geração mais velha desapareceu.

Riona começava a compreender. Com o apoio de sua segunda mulher Charles Adams possuía mais da metade das ações. E no futuro? Poderia

Cameron contar com o apoio de sua madrasta? Ou mais tarde com o de Melissa?

Sim, se ele se casava com ela... O pensamento apareceu em sua mente e se negou a sair daí. Era o casal perfeito. A formosa Melissa e o atraente Cameron com oitenta por cento do Harcourt Adams entre os dois.

— Suponho que Melissa herdará as ações de sua mãe — perguntou sem muita sutileza, e os olhos de Cameron se entornaram.

— Isso imagino, sim... E sim ao que está pensando também.

— O que estou pensando? — Riona fingiu inocência.

— Que eu deveria me casar com Melissa e assim Harcourt Adams seria minha — Riona se sentiu molesta por ser tão transparente.

— Você o há dito, não eu!

— Pois pode esquecê-lo. Vou-me casar contigo, você goste ou não.

— Não quer tudo isto? — olhou a elegante sala, um símbolo do êxito e importância da Harcourt Adams.

— Quer dizer poder, prestígio, riqueza...? Deveria? — foi enigmático.

— Eu... — Riona o olhava sem saber a resposta, porque em realidade não conhecia aquele homem, nem tampouco suas esperanças, sonhos e ambições. O que queria da vida?

— Não importa — a deixou na ignorância — Vamos, temos coisas que fazer.

— Por quê? Aonde vamos? — perguntou Riona indo para a limusine.

— A comer, a menos que já o tenha feito — respondeu Cameron brevemente.

Riona moveu a cabeça, mas permaneceu intrigada. Por que queria Cameron levá-la para comer?

— Temos coisas a discutir. Um restaurante nos dará mais intimidade que a casa de meu pai.

Cameron perguntou a Stevens se conhecia um restaurante na área; o chofer manteve aberta a porta para que eles entrassem, confirmou que sim e logo conduziu até chegar a seu destino.

Quando chegaram ao restaurante, Cameron ordenou a Stevens e a Glória que esperassem no carro com Rory. Riona ia protestar, mas não lhe deu a oportunidade, já que a segurou pelo cotovelo e a guiou dentro da pequena pizzeria.

— Conseguiu tudo o que necessitava para o bebê? — perguntou Cameron quando o garçom já lhes tinha tomado nota. Riona assentiu e confessou:

— Temo-me que gastei muito.

— Sim? — Cameron levantou uma sobrancelha, interrogante.

— Não queria fazê-lo — continuou Riona — Me deixei levar porque havia tantas coisas tão bonitas para bebês — começou a tirar as notas das compras. Ele lhe indicou com um gesto que as guardasse.

— Só me dê o total — sugeriu com frieza.

— Eu... pois... cerca de mil dólares — admitiu, envergonhada. Esperava sua reação e se assustou quando o ouviu rir com força.

— Tanto? — comentou com zombadora seriedade e voltou a rir — Realmente não sabe nada, verdade?

— De que? — a garota estava molesta porque ele ria de sua ingenuidade.

— Dinheiro. Riqueza. Vida... Tudo — resumiu, ainda divertido — Praticamente tem carta aberta para comprar o que quiser e se preocupa por gastar uma grande... Tem idéia da quanto ascende minha fortuna?

— Não, e não quero tê-la — lançou Riona — Nem todos se impressionam com seu dinheiro, sabe?

— Não, quase todos — comentou ele com cinismo, embora seu bom humor continuasse —. Suponho que não gastaste nada em ti mesma.

— Não há nada que eu necessite.

— Pensa de novo — lhe informou com seriedade — Dentro de uma semana, meu pai e Bárbara farão uma pequena reunião para a família e amigos, para que conheçam a noiva. Quando digo «pequena», significa umas trinta pessoas. Quando digo «reunião», significa traje de etiqueta e vestidos de desenho. Agora, segundo recorde, não acredito que seu guarda-roupa contenha nada para jantares formais, e suponho que não quererá assistir com sua calça vaqueira.

— Não me importa — exclamou Riona, desafiante.

— Possivelmente a ti não, mas a mim sim, de modo que esta tarde visitaremos várias lojas de roupas — contra-atacou Cameron.

— Nós?

— Você e eu.

— Brincas — Riona aceitou que poderia necessitar um vestido adequado, mas não com ele como companheiro de compras — Não tem nada que fazer?

—Três escritórios cheios de trabalho, mas esperarão. Vestir-te é uma prioridade.

—Que adulador! — Riona fez um gesto, e compreendeu que ele o fazia para não ficar mau. Não pôde responder antes que chegasse o garçom com a comida e se concentrou em comer sua pizza.

Quase tinha terminado quando Gloria apareceu no restaurante com Rory chorando em seus braços. O pranto diminuiu um pouco quando Riona o segurou, embora fosse óbvio que tinha fome.

—Retornarei ao carro para amamentá-lo — informou a Cameron, e ele captou a idéia imediatamente, porque lhe pediu que e enviasse a Stevens.

Riona o fez antes de instalar-se no assento traseiro da espaçosa limusine e dar o peito a Rory. Tinha uma relativa intimidade graças aos cristais obscurecidos das janelas; entretanto, não contava que Cameron a seguisse. Subiu com ela e se sentou no assento oposto, e quando tratou de cobrir-se, ele a implorou:

—Não o faça. Desejo observar — o rosto dela se ruborizou diante de sua franqueza, mas fez o que lhe dizia e continuou alimentando a seu filho. Manteve a cabeça inclinada e seu cabelo loiro caía como uma cortina sobre o rosto, consciente do olhar de Cameron cravada nela e em Rory, que mamava faminto em seu seio. Sabia que era o bebê quem retinha seu interesse, mas não podia evitar albergar sentimentos contraditórios para com o homem ao que em tempos tinha amado. Possivelmente ele também o recordava, porque quando o bebê finalmente soltou o mamilo, uma mão capturou a sua antes que se grampeasse a blusa. Levantou para Cameron os olhos com gesto interrogante, mas ele tinha o olhar fixo em seu seio, pesado e úmido pelo leite. Ela não pensava que ela ou seu corpo fora sensual desde o nascimento, mas a expressão do rosto masculino sugeria o contrário. Quando ele levantou sua cabeça, viu seu próprio desejo refletido nos escuros olhos azuis.

Qualquer protesto ficou preso em sua garganta quando ele se inclinou, e a garota soube que a beijaria. Fechou os olhos desejando-o e sentiu seu fôlego na bochecha. De repente a sirene de um carro de polícia rompeu o encanto e Riona, ao abrir os olhos, captou a ira no rosto de Cameron, antes de sair e lhe tirar Rory, murmurando:

—Vista-se — Riona o fez com estupidez, envergonhada pelo incidente.

Esperaram em silêncio a Stevens e Glória, que comiam no restaurante. Cameron abraçava Rory, que brincava com a gravata de seda, e logo lhe deu um chaveiro para fazê-lo tilintar. Riona sentia que o afeto dele para seu filho crescia. Apartou o olhar da cena. Talvez parecesse uma família perfeita e feliz, mas era uma farsa.

Quando os outros retornaram, Cameron pediu a Stevens que fora para os jardins públicos e lhe explicou:

— Glória pode passear com Rory enquanto compramos a roupa.

— Tenho roupa — afirmou Riona, obstinada.

— Sim, bom... — deslizou seu olhar crítico sobre a blusa e a saia de algodão — Algo mais adequado a sua posição.

— Posição? Que posição? — desafiou-o, desdenhosa.

— Como minha prometida, naturalmente — Riona soltou uma risada pouco elegante. Acreditava que a vestindo enganaria a alguém? — Agrade-me que ao menos um de nós encontre divertida a situação — espondeu com frieza, e Riona se perguntou uma vez mais o que tinha acontecido com o Cameron engenhoso e quente que ria de si mesmo no Invergair.

— Não tem sentido fingir quando todos sabem por que te casa comigo. Me vestir elegantemente não servirá para nada. Ainda assim, não sou de sua classe.

— Sim? E qual imagina que é «minha classe»?

— Não quis dizer a tua especificamente — interpretava mal suas palavras de forma deliberada. Devia saber o que queria dizer —. Quis dizer de sua família e seus amigos. Boas relações, bons colégios, dinheiro — seu tom dizia que ela não era nada disso e não desejava sê-lo.

— Bom, se essa for minha classe também, então poderia me explicar que fazia eu contigo? — Riona não teve dificuldade em responder. Já o tinha feito tempo atrás.

— A verdade? Ambos sabemos Cameron. Divertia-te nos bairros baixos — a expressão do rosto dele se acentuou, mas não o negou e assinalou:

— Se pensar isso, tampouco tem uma opinião muito alta de ti.

— Pelo contrário — respondeu — Acredito que minha gente e eu somos melhores que você e a tua. Não precisamos nos vestir, nem ter automóveis luxuosos e fazer grandes festas para demonstrar quão bons somos.

— Sempre tão teimosa e orgulhosa — disse Cameron. Riona abriu a boca para discutir, mas não pôde fazê-lo, já que o carro se deteve e, sem esperar

que Stevens abrisse a porta, Cameron a tirou literalmente do assento traseiro.

— E Rory? — protestou, quase correndo para manter o passo dele.

— Rory estará bem. Não escolhi Glória ao azar. Ela sabe tratar aos meninos. Tu estiveste com ela toda a manhã. Tem alguma razão para pensar o contrário? — perguntou. Riona negou com a cabeça, não só porque Glória fora agradável, mas sim porque tinha demonstrado ser competente em atender a Rory — . Bem, vamos, porque tenho que retornar ao escritório — informou antes de entrar na primeira das muitas butikues da rua Newbury.

Quando apareceu uma vendedora para oferecer sua ajuda, ele pediu que selecionasse vestidos de dia e de noite que pudessem lhe sentar bem a sua companheira. Riona pensou que ele não ia permitir ela escolher. A vendedora, de forma cortês, revisou-a de cima abaixo e lhe perguntou seu tamanho.

Apenas havia dito «doze», quando Cameron a contradisse:

— Dez, os tamanhos nos Estados Unidos são diferentes.

Riona se perguntou como saberia isso. Parecia tão a gosto na loja, que supôs que não era sua primeira experiência em comprar roupa para uma mulher. A vendedora decidiu que Cameron era o cliente e procedeu a consultá-lo a ele de forma exclusiva. Quando ela tirou uma seleção de vestidos e roupa interior complementar, foi ele quem a aceitou ou rechaçou.

Tudo o que Riona teve que fazer foi provar-las. Primeiro se sentiu irritada, mas a vaidade finalmente venceu. Como poderia não ser desse modo, se quando se olhou ao espelho, não viu uma garota e sim uma mulher com um vestido de seda que a fez sentir contente ao ver que sua figura tinha curvas nos lugares corretos. E não era natural que se perguntasse se podia rivalizar com a formosa Melissa com um vestido como esse?

Saiu do provador com acanhamento e não olhou em direção de Cameron. A vendedora a conduziu para um espelho de corpo inteiro e Riona viu sua imagem uma vez mais, embora surgissem dúvidas sobre sua aparência, em especial porque Cameron não fez comentários.

Foi à vendedora quem lhe assegurou:

—Esse vestido fica assombrosamente bem, senhorita. Não crê assim, senhor?

Cameron não se apressou a expressar seu acordo com a vendedora. Foi parar-se detrás de Riona e ela viu seu reflexo no espelho. Seus olhos percorreram o vestido antes de encontrar-se com os seus no vidro. Olharam-se um ao outro por um momento, enquanto que a vendedora, discretamente, desaparecia pelo fundo. Riona se estremeceu, não pelo vestido, mas sim pela frieza que captou em seu olhar.

—Ela tem razão — disse ao fim — O vestido te transforma de uma garota camponesa em uma beleza refinada — acrescentou sorridente, mas Riona não respondeu, porque não sentiu o elogio.

—Se você não gosta dele — respondeu — não o compre.

—Ao contrário — o olhar a percorreu de novo — a maioria dos homens te desejarão com esse vestido e me admirariam por ser eu seu dono — falou com suavidade em seu ouvido, sem lhe importar a vendedora, e Riona manteve sua voz baixa para dizer:

—Você não me possui.

—Eu sei — pôs uma mão em sua cintura — mas outros homens não sabem e acreditarão que sou muito afortunado ao me casar com uma garota tão bonita.

—E você? O que pensa? — perguntou-lhe Riona.

—Em alguma ocasião pensei que era o homem mais afortunado do mundo — quis dizer o último verão, e por um breve momento, Riona viajou para o passado. Ele parecia amá-la então, e ela o amava com loucura. Se tão somente...

Ele a atraiu para ele e ela resistiu. As vozes se desvaneceram e tudo desapareceu, exceto Cameron. Queria refugiar-se entre seus braços, lhe dizer que ainda existia essa possibilidade, mas ele destruiu a magia do momento ao murmurar:

—Isso foi antes que abrisse os olhos — a empurrou e ela fechou os seus. Ele só jogava com ela e tratava de machucá-la, com êxito — . O levaremos — lhe informou à vendedora e quando Riona foi para o provador, sugeriu com frieza — Prove o verde.

Mais tarde Riona desejou rebelar-se, embora se sentisse muito vencida. Colocou os adornos que ele sugeriu e lhe permitiu decidir o que comprar. Não lhe importava. Perdeu todo interesse em sua nova aparência, porque a

roupa elegante não alteraria a baixa opinião que ele tinha dela. Seguiu-o de loja em loja lhe permitindo selecionar e não disse nada quando ele aceitava ou rechaçava o que se provava. Levou-lhes cerca de três horas comprar três vestidos de noite com adequada roupa interior, seis vestidos de rua que também podia usar para comer, uma coleção de sapatos de salto alto em várias cores e pulôver e calças jeans de desenho. Não se fez menção ao preço, já que ele simplesmente arrumou o necessário, assinou por tudo e solicitou, já que compraram muito, que o levassem em casa.

—Necessitas mais — anunciou Cameron ao caminhar pela rua Newbury— Tratarei de tomar tempo livre no fim de semana — Riona negou.

—Não, está bem. Já me compraste suficiente. Não ficarei em Boston tanto tempo.

—Não — aceitou cortante— mas quando retornar a Invergair, o povo esperará verte vestida de acordo a sua nova posição.

Riona fez um gesto. Para ela vestir-se era presumir, e sabia que isso a faria menos popular entre seus antigos vizinhos. Eles não esqueceriam que era simplesmente a neta do velho Roddy Macleod, e, se fosse sensata, tampouco ela o faria. Não discutiu pensando em Rory. Aproximaram-se do carro, para encontrá-lo dormido no assento traseiro, e ela esqueceu a inquietação que tinha sentido do momento em que o deixou.

Retornaram a Harcourt Adams, onde Cameron saiu do carro; já passavam das cinco da tarde, mas decidiu retornar ao trabalho. Despediu-se com um breve:

—Ver-te-ei no jantar. Talvez possa usar um de seus novos trajes.

Depois de arrumar Rory para a noite, colocou uma blusa de seda branca e uma saia negra. Com o cabelo preso e cuidadosamente maquiada adquiriu uma surpreendente elegância. Olhou-se no espelho e viu uma garota diferente, alguém a quem não conhecia. Sentia-se como uma estranha quando baixava para jantar.

Cameron não estava aí, só seu pai, sua madrasta e a temível Melissa. Todos a olharam quando entrou em salão e sentiu como se tivesse invadido terreno inimigo. Desejou fugir escada acima, e possivelmente o teria feito se o pai de Cameron não se levantasse para saudá-la com um quente:

—Riona, entre. Deixe-me olhá-la... Está preciosa — declarou, sorridente, enquanto a admirava com sua roupa nova.

— Obrigada — murmurou Riona com acanhamento, sem tomá-lo a sério. Charles Adams era um homem agradável, e ao notar sua falta de confiança, quis fazê-la sentir melhor.

Riona pensou que as reações das mulheres eram mais reais. Melissa Adams, com um vestido vermelho escuro de seda a observou e logo fez um gesto de rechaço. Era óbvio que até com roupa cara, ainda era alguém sem importância para a meio-irmã. Quanto a Bárbara Adams, simplesmente levantou uma sobrancelha. De fato, a mulher maior se dirigiu muito pouco a Riona durante o jantar, enquanto que Charles Adams fez o possível para incluí-la na conversa, mas sua mulher a seguiu tratando como se fora invisível. Era bastante antipática, embora Riona preferia isso aos comentários sarcásticos de Melissa e seus intentos por tentar fazer Riona de tola.

Começavam o segundo prato quando Cameron apareceu. Riona se sentiu aliviada ao ver seu rosto familiar, embora não amistoso. Sentou-se a seu lado, onde estava posto seu lugar.

— Sinto chegar tarde. Eu tive muito trabalho — explicou.

— Não se preocupe, filho. Estou seguro de que Riona o entende — Charles Adams fez notar que a desculpa era para ela e Riona sorriu, renitente ao jogar o papel de prometida. Entretanto, Melissa não ia deixá-lo passar com tanta facilidade.

— Sim? Eu não o havia pensado.

— Melissa — a admoestou Cameron, mas ela o ignorou.

— Quero dizer, como pode ela compreendê-lo? Não acredito que haja muitas companhias multimilionárias entre os pântanos e os brejos. Corrija-me se me equivocar — se dirigiu a Riona com doçura.

— Não, não há muitas — confirmou Riona, cortante.

— E, presumivelmente, Cameron é o primeiro executivo de alto nível ao que conheces... Que palavra tão inadequada, dadas as circunstâncias — brincou Melissa.

— Tem toda a razão — interrompeu Cameron — Assim, Mel, se tiver algo que dizer pode fazê-lo de uma vez? Então poderíamos jantar.

— Desmancha-prazeres — Melissa fez uma careta — Não seja folgado. Eu, de fato, tratava de simpatizar com a pobre garota — tratou de enganá-los.

— Isso fazia?

— Deve ter sido difícil para ela — olhou Riona com lástima — aceitar um ambiente totalmente novo e ter que trocar seus hábitos... Por certo, esse traje o escolheu Cameron? Ou o tem feito você?

— Cameron — admitiu Riona, apertando os dentes.

— Isso pensei. Devo te felicitar por sua eleição. Corte singelo, cores básicas, muito mais adequados para sua figura... cheia.

— Pode dizer o que quiser, Mel — Cameron riu diante do insulto sem lhe dar importância —. Não incomodará a Riona. Ela é muito sensata para considerar a magreza excessiva como algo bom — Riona franziu o cenho. Não gostou nem do «sensata» dele nem do comentário de Melissa.

— Mentira — continuou Melissa sem elegância — Todas as mulheres anseiam ser esbeltas, e algumas de nós somos mais afortunadas que outras. Possivelmente se comesse um pouco menos...

Riona havia tornado sua atenção ao jantar. Por um instante ficou muito assombrada pela grosseria da outra para reagir; logo, baixou a faca e o garfo.

— Boa idéia — nse levantou da mesa antes que ninguém adivinhasse sua intenção. Cameron a chamou.

— Riona? — seguiu caminhando, cruzou a sala de jantar e saiu ao corredor. Teria seguido adiante se Cameron não a tivesse alcançado na escada — O que faz? — sujeitou-a pelo braço e a fez girar.

— O que te parece? — replicou com ira — Vou ao meu quarto. Será mais fácil para sua família falar se não estou aí e não estarei.

— O que? Não seja absurda.

— Absurda? Bom, possivelmente não seja tão sensata como crês; possivelmente me afete que me chamem gorda.

— Gorda? Ninguém te chamou assim — tratou de apaziguá-la.

— OH, sim. Ponha de seu lado. Só que não ache que sou tola.

— Não o faço, nunca o tenho feito — declarou com seriedade — e não estou do lado de Melissa. Entendo que às vezes se comporta como uma bruxa e se quiser que lhe diga...

— E fazê-la pensar que não agüento? Não, obrigada — o interrompeu.

— Então, o que quer? — perguntou-lhe com paciência.

— Um bilhete de volta a Escócia.

Ele pareceu impressionado, como se não esperasse essa resposta.

— Esquece-o, temos um acordo: seis meses no mínimo — lhe recordou.

—Um acordo? — Riona fez pouco da palavra— Em realidade o vê assim? Mostras o pouco que tenho a oferecer a Rory e logo dizes que lhe dará Invergair e que se não estou de acordo, arrastará a uma batalha legal. Que opção eu tinha?

—Que opção queria? Suponho que a Fergus Ross. Um marinheiro que passaria fora a metade do ano e que te deixaria com um bebê em seu ventre cada vez que estivesse de licença. É isso que queres?

—Sim, isso que quero. Por que não?

—Bruxa...! — subiu atrás dela, que tratou de liberar-se.

—Me solte! —lançou-lhe— Solte-me ou gritarei.

—Grite — a convidou, sem preocupar-se de que os ouvissem.

—Não... — estava furiosa, mas era muito tarde quando ele baixou sua boca sobre a sua. Beijou-a com dureza, querendo lhe fazer dano, precisando fazê-lo e forçando-a a aceitar, a abrir os lábios para ele. Ofegou irritada, impressionada, e ele impulsionou sua língua dentro do quente recinto de sua boca. Empurrou-o e tratou de liberar-se da mão que a sujeitava, mas ele era muito forte. Apanhou-a contra o corrimão e continuou beijando-a, castigando-a por preferir a outro homem.

E todo o tempo que a mente de Riona gritava protestando, o desejo fluía através de seu corpo como fogo. Continuou lutando contra ele, contra a terrível força que o oprimia, até que finalmente, Cameron se apartou e a empurrou fora de seu caminho.

Ele ficou parado um momento, olhando sua boca machucada e seus olhos assombrados, e logo se amaldiçoou com violência:

—Maldição! O que está fazendo comigo? —Riona moveu a cabeça, porque não fazia nada. Ele o fazia, estava-a destruindo. De novo negou quando ele a tocou— Não, Ree...

—Não! —retrocedeu e correu.

—Ree... — chamou-a, mas ela seguiu correndo. Por que a chamava assim? Por que a tinha beijado como se a odiasse? Por que, se acabava de matar a garota chamada Ree, a que o amava? Correu até chegar a seu quarto e se lançou sobre a cama chorando de novo pelo homem ao que ela amava e que se foi para sempre.

CAPÍTULO 8

RIONA não voltou a ver Cameron até a noite seguinte. Apareceu no quarto de Rory quando estava terminando de banhar o bebê.

— Vim ver Rory — informou, fixando a vista em seu filho.

— Sim, está bem — tirou o bebê da banheira e o envolveu numa toalha grande e suave. Cameron se sentou numa cadeira enquanto ela punha sua roupa de dormir dele, depois rompeu o silêncio ao perguntar:

— Posso segurá-lo? — seu tom foi cortês, mas desconcertou Riona. Na noite anterior tinha sido muito brusco e agora se mostrava suave. Não confiava na mudança, mas lhe passou o bebê e observou pai e filho juntos. Fisicamente eram tão parecidos, que lhe doía. Rory se agarrou pelas lapelas e ficou de pé sobre o joelho dele. Cameron segurou suas mãozinhas e o ajudou a suportar seu peso, e o menino sorriu mostrando seus dois dentes antes de cair sentado.

O jogo continuou um tempo antes que Rory se cansasse e olhasse ansioso para sua mãe. Cameron compreendeu e o entregou.

— Nunca me conhecerá em realidade — expressava em voz alta seus pensamentos e Riona se sentiu culpada.

— Claro que sim — lhe respondeu otimista — Já reconhece sua voz, seu rosto, e quando for maior e venha a Boston para suas férias, aprenderão a se conhecerem melhor — Cameron parecia cético.

— Duvido-o; para então sermos dois estranhos amáveis e nada mais.

— Eu falarei de ti — lhe prometeu Riona ao compreender seu egoísmo por manter o pai e o filho separados.

— Você fará isso? — perguntou Cameron — E exatamente o que lhe contará Riona? Que sou o canalha que arruinou sua vida? — ela o olhou incrédula. De verdade ele acreditava que ela fora tão vingativa?

— Não pensa bem de mim, verdade?

— Assim o vê você.

— Por favor, Cameron, não voltemos de novo ao mesmo. Não posso suportar outra briga — havia verdadeiro cansaço em sua voz.

— Sinto muito. Creias ou não, não quis que as coisas saíssem assim — colocou as mãos em seus bolsos e caminhou até a janela — Prometi-me estar tranquilo e ser sensato, mas as coisas nunca funcionaram desse jeito

—Riona o compreendia. Acontecia o mesmo com ela. Cada vez que ele entrava num quarto onde ela estivesse, seu corpo se tencionava e seus pensamentos se convertiam num caos— Olha, eu gostaria de visitar Rory todas as noites. Podemos chamar isso de uma trégua.

—Eu... — vacilava, pois não acreditava que uma situação assim fora possível entre eles.

—Não acredito que nenhum de nós possa suportar seis meses de brigas — acrescentou ele com um tom que revelava sua tensão.

—Está bem — murmurou Riona e mostrou a inquietação de Rory— Tenho que amamentá-lo, dar a ele sua última comida do dia.

—Sim, está bem — Cameron reconheceu que o dispensava e o aceitou — Te verei no jantar —lhe disse, tocou a cabeça de seu filho como despedida e saiu antes de que ela o contradissera.

Depois da última noite, Riona se havia sentido feliz de jantar em seu quarto, mas como não era covarde, e Rory já estava acomodado para dormir, trocou-se para se pôr uma blusa de seda verde e uma elegante calça negra. Renitente, baixou para jantar.

Perguntava-se o que podia esperar de Melissa, mas antes de um olhar hostil quando entrou a garota a ignorou. E o mesmo fez Bárbara Adams, mas Riona estava acostumada a isso. Era uma mulher fria e distante cuja conversação com seu marido se limitavam aos requerimentos da casa e a eventos sociais. Se existiu amor entre ela e o pai de Cameron, deve ter morrido fazia muito tempo. Tratavam-se um ao outro como dois conhecidos e nada mais.

Riona pensou que não era assunto seu. Não tinha sentido preocupar-se com uma família a que não pertencia. De fato, não era a hostilidade de Melissa nem a frieza de Bárbara que a faziam sentir-se mal, e sim o entusiasmo de Charles Adams pelo matrimônio.

Foi ele quem falou dos planos para o casamento e perguntou se queriam uma cerimônia civil ou religiosa e Cameron cedeu o direito a ela, que se decidiu por uma civil, a menos hipócrita, dadas as circunstâncias. Charles então pressionou seu filho sobre o tipo de casa que pensavam comprar. Cameron a surpreendeu ao dizer que planejavam comprar uma casa na cidade. Apenas pôde evitar abrir a boca e, enquanto o senhor discutia os prós e contra de tal opção, maravilhou-se da calma que Cameron

mentia. Mais tarde, quando seu pai insistiu que tivessem um pouco de tempo a sós, sentiu que tinha que dizer algo.

—Cameron, dou-me conta de que seu pai te pôs em apuros, mas não tinha que inventasse da casa.

—Não o fiz — respondeu ele.

—Não fez, o que?

—Não o inventei... Pensei que podíamos procurar uma casa este fim de semana — nesta ocasião Riona sim abriu a boca.

—Quer dizer para comprá-la?

—Ou alugá-la. O que seja mais rápido — lhe explicou.

—Mas... Quer sair daqui? —ela tinha acreditado que permaneceriam na casa de seu pai em lugar de estabelecer um lar temporário em outro lugar.

—Supus que você queria fazê-lo. Não pode ser fácil para você viver numa casa alheia, em especial na de minha madrastra. Depois de tudo, ela não faz todo o possível para que minha prometida se sinta bem-vinda — acrescentou com secura.

—Não... —Riona não sabia o que responder. Pensar em sua própria casa, onde não tivesse que caminhar nas pontas dos pés para evitar a Bárbara e Melissa, era muito tentador, mas pensar nela e Cameron sozinhos, sem restrições, era menos excitante.

—Não se preocupe — interpretou mal sua expressão— Falamos de um acerto estritamente impessoal. Um dormitório para cada um.

—Não quis dizer isso — negou— Simplesmente me perguntava se poderia viver em harmonia.

—Possivelmente não — concedeu Cameron— mas podemos tentá-lo; além disso, não me verá muito, considerando meu horário de trabalho.

—Mas não será um gasto... —Riona se sentia incômoda por sua generosidade—, comprar uma casa só por seis meses? —ele negou.

—Necessitarei um lugar maior quando vier Rory de visita... O que pensa?

—Acredito que é uma maravilhosa idéia — Riona decidiu ser sincera.

—Está bem, iremos procurar casa este fim de semana — sorriu diante do entusiasmo dela. Ela devolveu o sorriso e por um momento, imaginou que começavam uma nova vida juntos.

Permaneceu com esse humor durante o resto da semana até na sexta-feira de noite, quando Melissa soube de sua planejada mudança e esperou

que estivessem a sós para lhe recordar que seus direitos sobre Cameron eram temporários. Riona nunca sabia o que pensar do que a meio-irmã dizia. Seguiu pensando que era a verdadeira eleição de Cameron e que só por Rory estava obrigado a casar-se com ela. Entretanto, Riona não via evidências que apoiassem essa idéia. Melissa podia flertar com Cameron, mas ele ria disso.

Entretanto, o desagrado que lhe produziu a conversação de Melissa durou até o dia seguinte, quando Riona foi a Boston com Cameron e Rory.

— Já selecionei cinco casas para visitar, todas perto do parque — lhe comunicou e lhe passou os folhetos. Como ela não disse nada, acrescentou —: Suponho que prefere uma casa, mas podemos procurar apartamentos, se quiser.

— Não, uma casa estaria bem — respondeu Riona.

— Se tiver outra idéia, diga-me.

— Não é isso, só que... — podia lhe perguntar se Melissa tinha razão; que se ao estar livre das obrigações, casar-se-ia com a americana, mas queria saber a resposta? —. Não é nada, só me perguntava sobre os móveis.

— Não há problema. Já arrumei um crédito para ti. Se encontrarmos uma casa adequada, pode comprá-los na próxima semana e fixar a entrega para a data em que recebamos a casa.

— Não estou segura de que seja uma boa idéia. Nunca antes mobiliei uma casa — Riona duvidava de que seu gosto o agradasse.

— Compre o que você goste. Será sua casa.

O agente da imobiliária lhes mostrou as cinco casas. Todas pareciam bonitas, não muito grandes e imponentes como a do pai dele, mas bem desenhadas e decoradas. Não podia evitar pensar no contraste entre elas e sua pequena e escura granja.

Ao final, deixou que Cameron escolhesse. Ele escolheu uma de três andares, situada perto do parque, e já disponível para sua ocupação imediata. Em quinze dias, poderiam mudar-se.

Como sugeriu, Riona foi comprar os móveis a semana seguinte. Insistiu em viajar de trem em vez de ir de carro com Stevens, e levou Glória para que a ajudasse com Rory. A garota desfrutou ao imaginar uma imagem de sua sala, dormitórios e cozinha, mas não perdeu de vista a realidade. Mentalmente escolheu cada móvel para a casa, mas não comprou nenhum.

Era um sonho e sabia. Mesmo que Cameron e ela de repente voltassem a conversar, planejar e há rir um pouco, sabia que não ia durar. Algo destruiria o sonho e a obrigaria a despertar.

Esse algo aconteceu na sexta-feira de noite. O pai de Cameron decidiu dar um jantar para que os amigos pudessem conhecer a futura esposa de seu filho. Riona temia esse evento e se surpreendeu ao ver que Melissa parecia esperá-lo com ansiedade, mas em seguida compreendeu por que. Enfrentar-se-ia ao refinamento dos hóspedes e a meio-irmã tinha esperanças de que ela resultasse um desastre.

Melissa talvez tivesse razão, pensou Riona quando descia pela ampla escada de mármore para jantar, com a cabeça erguida e tratando de ocultar seu nervosismo.

Cameron a esperava ao pé da escada e a olhava sem sorrir. Perguntava-se se estaria mal vestida. Levava pela primeira vez um vestido negro de seda, com o cabelo arrumado em um coque que lhe tinha feito Gloria com habilidade. A outra garota declarou que era a última moda na elegância e Riona se sentiu contente com sua imagem no espelho. Agora, ao ver o cenho franzido de Cameron, não estava muito segura. Não esperava elogios quando chegou a seu lado e se surpreendeu que ele dissesse:

— Nunca te vi tão bela.

— Obrigada — respondeu com suavidade.

— Nervosa? — os hóspedes se reuniam para tomar uma bebida antes de jantar.

— Petrificada — admitiu com franqueza.

— Não tem por que estar. Nenhum deles é realmente importante.

Compreendeu o que queria dizer. Depois de tudo, o que importava se ela se comportasse como uma idiota?

Nunca seria parte de seu mundo. E em realidade, não queria sê-lo, decidiu Riona ao sentar-se diante da interminável mesa. Tinha pouco em comum com mulheres que falavam de roupa, clínicas de saúde e dietas, e dedicavam toda sua vida a permanecer jovens e bonitas. E os homens falavam de negócios e de formas de fazer dinheiro como se fora uma religião.

Ao não saber nada dessas coisas, Riona não contribuiu muito à conversação, embora não se esperava que o fizesse. Forçou um sorriso quando os homens a adularam a ela ou a Cameron, por sua beleza, e

perdeu o gosto por seu aspecto quando a trataram como uma aquisição. As mulheres não eram melhores, porque em sua maioria vinham da mesma escola de frio encanto que Bárbara Adams.

Melissa tinha uma paquera entre os hóspedes mais jovens. Riona podia ouvi-la levantar a voz do outro extremo da mesa, e quando olhava, encontrou dois ou três pares de olhos curiosos. Possivelmente estava paranóica, mas sentia que era a causa dessa risada zombadora.

Não foi em realidade uma surpresa depois, quando suas suspeitas se confirmaram. Foi ao terminar o jantar; os hóspedes retornaram à sala. Como era uma noite quente, as janelas estavam abertas e os mais jovens e ruidosos se reuniram no terraço, com os ânimos exaltados pelas bebidas que lhes serviam com abundância dois garçons.

Embora talvez também fossem os amigos de Cameron, ele permaneceu afastado dessa multidão e manteve Riona a seu lado.

Ela não objetou, já que começava a relaxar-se em companhia de um casal que Cameron lhe tinha apresentado como seus melhores amigos. Blair, a mulher, parecia diferente do resto, falava mais de sua jovem família que dos tratamentos de beleza que a favorecessem, e não mostrou reserva quando perguntou a Riona por Rory. Muito em breve trocaram histórias de bebês e Riona esqueceu os nervos.

A mulher sugeria um encontro para comer quando se aproximou Charles Adams e se desculpou com cortesia por levar Cameron a um lado. Ele franziu o cenho diante do que seu pai lhe dizia e também se desculpou e saiu ao terraço.

Riona não compreendia o que acontecia, embora possivelmente seus acompanhantes sim, porque ambos começaram a falar com mesmo tempo num óbvio intento de mantê-la distraída. Entretanto, não puderam eclipsar a Melissa, cuja voz vinha do terraço, atraindo as olhadas curiosas.

Cameron estava a seu lado. De fato, sustentava-a pela cintura com a intenção de levá-la para a porta, mas a mulher, obviamente bastante bêbada, resistiu quando se aproximaram de Riona.

Lançando um olhar de desafio a Riona, deslizou seu braço pelo pescoço de Cameron e se afastou com ele, proferindo uns sons que estavam a meio caminho entre uma canção e uma gargalhada. E então veio o pior, quando as vozes subiram de tom no terraço.

— A ardilosa Melissa — aplaudiu uma voz feminina — Disse que ela ia consegui-lo e o fez.

— Quase parecia ao contrário — remarcou seu companheiro.

— Não te enganes. Ela as engehou para afastar ele dessa camponesa, não? — o comentário foi saudado pela risada geral. Riona ficou onde estava e escutou. Podia perceber Blair Van Sykes, desesperado por distraí-la, mas nada penetrava nela.

— Quem quer apostar pelo resultado? — surgiu uma nova voz.

— Bom, eu aposto dez a um que ele se casa com Melissa no final — disse a mulher.

— Isso pensa? — a voz de homem o duvidava — Pode ser uma camponesa, mas eu não a jogaria de minha cama numa fria manhã.

Em certa forma era um cumprimento, mas Riona se sentiu atacada por ele, embora seguisse escutando. Necessitou dessas pessoas doentes, sarcásticas e maliciosas, para despertá-la à realidade.

— Olha, ignore-os — Blair tratou de afastá-la — Estão bêbados e são estúpidos. Não debes... — interrompeu-se quando compreendeu que Riona não a escutava.

De novo falava a mulher.

— Vamos, meninos, vejamos a realidade. Um rosto bonito com um bastardo atrás, contra cérebro, beleza e maioria de ações em HA. Não há comparação.

Não há comparação. As palavras ecoaram na cabeça de Riona quando finalmente se afastou da cena e passou entre a multidão. Os Van Sykeses a chamaram, mas ela seguiu caminhando pelo corredor. Tinha a intenção de continuar até estar em seu quarto, mas ouviu outras vozes: a de Melissa que rogava e reclamava, e a de Cameron muito resmungona e baixa para entendê-la. Saíam do salão de música. «Sobe», insistiu-a sua própria voz interna, mas se sentiu impulsionada a escutá-los.

A porta estava aberta. A cena não necessitava explicação. Melissa rodeava com ambos os braços o pescoço de Cameron, e tinha seu corpo pressionado ao dele. Ele não protestava. Era surpreendente que nem sequer notassem que ela estava parada na soleira.

— Riona — Cameron franziu o cenho ao vê-la e ela se deu a volta —: Espera! — nesta ocasião Riona não caminhou, e sim correu, e correu até encontrar-se na segurança de seu próprio quarto.

Procurou o isolamento para romper-se em pedaços pela dor, mas tinha esquecido que Glória ainda estava aí, no caso de Rory despertar-se. Pôde controlar suas emoções e agradecer a ela antes de fazê-la sair do quarto.

Até então, não teve oportunidade de remexer entre seus sentimentos, já que Cameron entrou no quarto sem chamar. Fechou a porta atrás de si e se apoiou contra o marco, bloqueando a saída.

— Sai de meu quarto! — sussurrou Riona com ferocidade, incapaz de gritar com Rory na habitação vizinha. Ele a ignorou.

— Temos que falar. Por sua súbita partida, suponho que chegaste a razoáveis, mas equivocadas conclusões — ele selecionou suas palavras com cuidado. Parecia tão tranqüilo que Riona sentiu desejos de lhe arranhar.

— OH, sim. E a que conclusões pude chegar com Melissa pendurada no seu pescoço? Não me digas, tinhas algo num olho — ele tensionou o queixo diante de seu sarcasmo.

— Olha, não tinha que subir. Não tenho que te explicar nada.

— Bem! Não o faça! — Riona não queria que lhe mentisse. Só queria que se fora, mas ele parecia não ter pressa por fazê-lo.

— Sabe, Ree, se não te conhecesse melhor, eu diria que está ciumenta.

— Ciumenta! — explorou Riona — Não te vanglorie. Se queres a Melissa, a tens e que ambos vivam felizes para sempre — fingiu indiferença, mas seu tom era muito irado.

— OH, isso te agradaria, verdade? — afastou-se da porta e caminhou para ela — Deixaria-te pela Melissa, mas ainda daria Invergair a Rory. Pois o esqueça. Casaremos-nos como planejamos.

— Isto é absurdo! — Riona se afastou dele e chegou até a janela. Mirou até o pátio e viu os primeiros convidados que se iam — Nenhum dos dois deseja isso; então, por que nos casar? Pelo resto do mundo? Eles estão embaixo e pensam que está louco por te casares com uma camponesa como eu. Provavelmente estejam de acordo com Melissa de que estou atrás de seu dinheiro — acrescentou, e o olhou de novo. Ele parecia impassível.

— E o que? O que pensam é o que conta?

— E você o que pensa? — Riona suspeitava que ele também a acreditava uma caça-fortuna, mas ele evitou uma resposta direta.

— Nos casaremos como concordamos. Já fiz os acertos. A cerimônia é dentro de três semanas no Registro Civil. Primeiro, necessitamos os exames de sangue — seu tom era prático, como se falassem da entrevista com o

dentista ou uma visita ao doutor, algo que era desagradável, mas tinha que se fazer.

—Não me casarei contigo, Cameron. Não posso, nem sequer por Invergair — apelou para que o reconhecesse o que se faziam um ao outro — Não é correto, não o vê?

—Correto? Desde quando se preocupa pelo que é correto? Deitava-te comigo, também com seu marinheiro e logo teve um bebê sem saber nem se preocupar de quem era; e de repente é uma autoridade no que é correto.

—Não foi assim! — Riona lutava por liberar-se — Sei de quem é o bebê. Soube desde o começo. Só queria...

—Rory poderia ser dele — concluiu ele com aspereza — Eu sei. Crês que não sei? Mas ele é meu filho, assim como você vai ser minha mulher e Fergus Ross nunca voltará a ver-te.

—Cameron! — olhava-o e notava a amargura em sua voz apaixonada e viu o que refletiam seus olhos — Estás equivocado, eu... — tratou de raciocinar com ele, mas a interrompeu.

—Primeiro te mataria, Ree. Entende? Te mataria! — apertou as mãos em seus braços, para que entendesse suas palavras.

—Eu... — Riona tratou de procurar uma resposta, mas sua boca se secou. Sentia o pulsar apressado de seu coração e achou que era temor por seu ciúmes, mas em realidade sabia a verdade. Ela já não era uma garota inocente. Reconhecia a excitação dele tão bem como a própria. Sentia o desejo físico tão agudo como qualquer dor e sabia que ele sentia o mesmo. Ele não queria matá-la, ele desejava...

—Não — sussurrou, tratando de afastar-se dele.

—Sim — seus dedos se relaxaram, mas não a soltaram — Isto é o correto, Ree. O resto não significa nada.

Riona fechou os olhos para não ver seu rosto; não podia confundir a súbita intensidade de seu desejo de amar. Não era correto que ele a desejasse assim, embora a odiasse com cada palavra que expressava. Tocou a bochecha dela e ela tremeu. Pressionou seus lábios sobre sua sobrancelha com toda a antiga ternura, e toda a velha saudade surgiu como uma onda.

—Só uma vez mais — falou com a urgência da necessidade — Tenho que fazê-lo, Ree... Só uma vez mais...

Ela pôde fingir que não entendia, e que tampouco sentia o mesmo, mas não pôde evitá-lo. Embora lhe rogou:

—Não me faça isto, Cam — não se moveu para evitar que a boca dele encontrasse a sua. Sabia que era um caminho à dor e, entretanto, foi por ela. Ao momento que os lábios dele tocaram os seus, sua cabeça começou a flutuar e gritou, protestando—: Não outra vez! —as palavras pareceram um gemido que a traiu. Ele a beijou, suave e persuasivo, e logo com mais profundidade, até que o desejo encheu sua cabeça e ela abriu a boca para ele, rendida.

Mas isso não foi suficiente, nunca foi suficiente. Enquanto a beijava, empurrou-a contra a parede e levantou uma mão até seu seio. Seus dedos se moveram sobre a seda do vestido, recordando, desejando, necessitando o suave calor de sua pele.

Ele atraiu o corpo dela e com urgência baixou o zíper do vestido. Ela sentiu que a seda se deslizava, envergonhada pela facilidade com que ele a seduzia. Ele começou a beijá-la de novo, com a mão em seu cabelo, levando brandamente sua cabeça para trás e tocando com seus lábios a garganta, até que ela se sentiu fraca de ansiedade por ele.

Gemeu em voz alta e procurou a boca de Cam com a sua, quando a necessidade eclipsou a vergonha. Ele a beijou com força, como se desejasse deixar sua marca nos lábios femininos para sempre, mas suas mãos eram suaves e se deslizavam por seus braços nus, empurrando devagar os suspensórios do vestido até que a seda caiu pelo seu corpo.

Então se separou dela, sustentando seus braços para que não se ocultasse.

—É tão bonita — foi um sussurro, e a dor atendeu seu coração quando recordou o amor que o tinha sentido por ela alguma vez.

Quando ele estendeu uma mão para lhe tirar o sutiã, ficou aí parada, trêmula. Fechou os olhos diante do desejo que sentia por esse homem. Manteve-os fechados quando os dedos masculinos apenas roçaram sua pele.

Ela era sua uma vez mais e o sabia. Viu a sensual curva da boca feminina, machucada por seus beijos, e o olhar ofuscado em seus olhos. Não disse nada, possivelmente temeroso de que suas palavras lhe devolvessem a prudência; tirou-se a gravata e começou a desabotoar-se a camisa.

Ela levantou os braços para cobrir seus seios. Ele voltou a procurá-la, fez ela girar para beijar a suave pele de seu pescoço e ombros. Ela se

estremeceu um pouco, mas não se retirou quando os braços dele rodearam sua cintura, aproximando suas costas nuas contra seu peito; Ele a reteve aí, ao calor de sua pele, e ela fechou os olhos à realidade. Cameron era seu amante. Ele sempre o seria. O resto era um sonho. Como poderia ser diferente com o que se haviam feito um ao outro?

Ela deu a volta entre seus braços. Não importava, porque o desejava. Permitiu-lhe olhá-la e os olhos dele viajaram pela pálida e translúcida pele de seus ombros, até os seios nus, ainda cheios e formosos, não alterados pela lactação. Ele a olhou, fez o amor com ela com a mente e seu fôlego ficou aprisionado em sua garganta. Devagar, tirou-lhe os grampos do cabelo e o deixou cair por suas costas. Logo se aproximou de novo, inclinou sua cabeça e antes que ela compreendesse sua intenção, tomou o duro e dolorido bico de seu seio na boca.

Ela gritou surpreendida pela dor e o prazer, quando ele começou a brincar, a morder e chupar sua carne, e Cameron gemeu por sua própria necessidade dela, quando recordou a suave e sensual garota de quem uma vez tinha pensado que estava apaixonado. Recordava tudo, os dias e as noites juntos, seu amor, e o passado e o presente se fundiram com facilidade. O deslizou um braço sob os joelhos dela e a levou em véu até sua cama. Deitou-a e a reteve por um momento. Com a última prudência que pairava, Riona compreendeu que estavam num ponto sem volta. Viu que seu futuro se repetia no mesmo horrível ciclo, seu amor seguiria e seguiria enquanto que ele tinha provado que o seu era algo transitivo. Queria isso, uma lembrança mais vívida para tratar de esquecer?

— Não, não posso! — as palavras saíram sem fôlego, quase inaudíveis, mas ele estava tão perto que deve ter ouvido-as, embora escolheu não fazê-lo. Em troca, respondeu a sua própria compulsão e seus lábios se apoiaram sobre os dela calando o seguinte grito.

Riona sentia que se afogava com a feroz quebra de onda de seu desejo e tratou de salvar-se. Empurrou seus ombros nus e cravou as unhas em suas costas, mas não teve efeito. Embora procurasse machucá-lo, abriu a boca diante da sua e aceitou a pulsante intimidade de sua língua.

Beijou-a e tocou e a fez desejá-lo em todas as formas que sabia, até que foi ela quem se arqueou para ele, lhe oferecendo seu corpo e seu amor. Foi ela quem gemeu quando a boca dele deixou a sua, procurando uma vez mais seus seios, lambendo e perturbando cada mamilo até que ela prendeu

sua escura cabeça e, sem palavras, rogou-lhe que sugasse com força sua dolorida carne.

Cameron a agradeceu até que já não pôde suportar seus gemidos de doce desejo e se levantou da cama para tirar o resto da roupa.

Ele chegou até ela e se deitaram um momento, maravilhados de estar assim novamente. Logo se beijaram com essa doçura que ia mais à frente do sexo, antes que o desejo se empossasse deles novamente. A boca dele riscou um caminho para baixo, tocando sua garganta, seus seios, cada curva de seu corpo, antes de chegar à parte mais íntima dela e fazê-la estremecer-se com esse prazer quase meio esquecido. Gritou em voz alta, mas ele continuou lhe fazendo amor dessa maneira até que ela gemeu sua necessidade e se deslizou na cama para enredar seu corpo ao dele.

Cameron sentiu que seu próprio controle se perdia, e pressionando-a contra a cama, levantou-se sobre ela. Seus olhos se encontraram um momento e ele saboreou o tê-la debaixo de si uma vez mais. Logo se impulsionou dentro dela com uma paixão que era quase ira. Ela retrocedeu e ele, consciente de cada movimento de seu corpo, ficou quieto.

— Te machuquei — Riona negou com a cabeça, embora ele soubesse que ela estava mentindo — O bebê... Nosso bebê talvez... — expressou a idéia do por que poderia estar dolorida e começou a retrair-se. Riona moveu a cabeça e o reteve, desejando-o mais que nunca, porque as palavras «nosso bebê» tinham derretido seu coração. Era a primeira vez que ele chamava Rory assim. Talvez as coisas pudessem ser diferentes, talvez...

Esse pensamento desapareceu quando ele se moveu dentro dela e nesta ocasião produziu nela mais desejo que dor.

Riona nunca o tinha desejado tanto, seu calor, seu aroma, ter ele dentro de si, somente a ele. Aprisionou-o, clamou por ele, afogou-se nele, e se deu de forma tão completa que Cameron gritou sua própria necessidade dela, quando sua semente se derramava.

— Deus, necessito-te, necessito-te... — as palavras se repetiram dentro da cabeça de Riona quando deixava a realidade por sonhos, sonhos que podiam ser realidade. Cameron e ela juntos, atados pela paixão e pelo amor, atados por toda uma vida porque como poderia ser de outra forma?

Era um bonito sonho. Ela desejava que continuasse para sempre, mas seus corações baixaram a velocidade de seus batimentos, seus corpos se esfriaram e os sonhos se desvaneceram com facilidade. A realidade era que

ela era Riona Macleod, uma mulher inadequada nesse mundo refinado. E Cameron Adams, rico e triunfante, necessitava-a só de uma forma.

Riona enfrentou a isso e o aceitou, e sacou orgulho dessa humilhação. Obrigou-se a se desprender do braço que a rodeava e, sustentando uma manta contra seus seios, sentou-se na estreita cama.

— É melhor que vá — pediu com um pouco de frieza — Alguém poderia estar te buscando.

— E? — parecia indiferente para sua família; com uma mão preguiçosa tocou as costas dela. Riona se estremeceu e sentiu que sua resolução se debilitava. Em qualquer momento a buscaria e voltariam a fazer o amor e ela esqueceria de novo que não tinha um lugar real em sua vida.

Moveu a cabeça, e antes que ele pudesse atraí-la, disse:

— É melhor que vá agora, antes que alguém nos descubra.

— Importa? — respondeu, e ela notou a diversão em sua voz quando se sentava a seu lado na cama — Logo estaremos casados.

Ela tirou a mão que começava a lhe acariciar um ombro e endureceu seu coração.

— Parece que não me ouvistes antes. Não me casarei contigo, Cameron.

— O que? Não falará a sério — estendeu um braço para acender o abajur e se voltou para olhá-la. Ela levantou a cabeça um pouco, com gesto orgulhoso e inconsciente de sua beleza, com a loira cascata que não ocultava seu rosto, no que ressaltavam os grandes olhos verdes e sua boca um pouco franzida. Sabia que ia provocar uma discussão, mas lhe pareceu a melhor saída.

— Por que não posso? Pensou que me fazendo amor mudaria as coisas?

— Você... — Cameron a interrompeu e lhe agarrou o braço, mas ela estava pronta para sair da cama. Seguiu-a e a capturou antes que pudesse procurar proteção no quarto de Rory. Virou a ela e a esmagou contra a parede. Assustada, Riona tratou de soltar-se, mas ele prendeu seu corpo. Compreendeu sua intenção e com violência moveu a cabeça tratando de escapar da boca que procurava a sua, mas ele segurou uma mecha de seu cabelo e a imobilizou.

Era um beijo de castigo, que queria feri-la por suas palavras cruéis. Então, gradualmente, tornou-se algo mais quando o calor do corpo masculino, duro e nu, acendeu fogo no dela. Sentiu o desejo golpear seu

estômago quando os lábios dele percorreram a úmida seda de sua pele. Em um momento voltaria a estar perdida.

— Não... — gemeu e empurrou seus ombros. Seu rechaço foi inconfundível e ele resmungou em voz baixa. Deu um passo para trás e ela viu a ira e frustração em seu rosto.

— Deseja-me, Ree. Sempre me desejará. Por que lutar contra isso?

— Porque é só sexo, Cameron — replicou, zangada por ter estado tão perto de lhe permitir usá-la de novo. Só isso, e não significa nada!

Gritou-o tão forte, que em toda a casa deve ter se ouvido. Ele retrocedeu e parecia disposto a golpeá-la. Levantou uma mão e deu um golpe contra a parede. Riona se assustou, logo sentiu ira quando se ouviu um pranto no quarto vizinho. Tinham despertado Rory.

— Ele me necessita — o olhou com um desdém que exigia que a liberasse e a deixasse ir. Cobriu sua nudez com uma bata e, sem dizer mais, dirigiu-se ao quarto de seu filho.

Retornou trinta minutos depois e ele já havia ido. Tratou de dizer-se que tinha ganho, mas o orgulho não podia lhe tirar a dor de seu coração.

CAPÍTULO 9

RIONA se foi ao dia seguinte, embora não o tinha planejado. Simplesmente o fez. Viu Cameron afastar-se em seu carro com Melissa no assento do passageiro e soube que não suportaria a dor. Não se deteve para pensar em Rory e Invergair. Quase não tinha dormido e já não pensava com sensatez nem lógica. Colocou a roupa numa mala, a que tinha levado consigo, e simplesmente desceu e saiu pela porta. Ninguém a deteve. Ninguém a viu.

Caminhou até que chegou à estação, levando a mala numa mão e empurrando o carrinho de Rory com a outra. Tudo foi relativamente fácil; um trem para Boston, um táxi ao aeroporto, um voo à Nova Iorque e logo outro a Londres. Pois quando chegou a Heathrow, o horário de sonho de Rory estava tão alterado, que pensou que podia muito bem continuar. Pegou dois trens mais e finalmente o velho ônibus para Invergair. Chegou a Invergair no domingo pela tarde, morta de cansaço. Tinha viajado durante trinta e seis horas.

Caminhou da estação na Costa Oeste até a casa do doutor Macnab, com Rory dormido em seus braços. Estava completamente esgotada quando o doutor abriu a porta.

Esperava uma reação de surpresa do velho doutor, desiludiu-se, porque não foi assim. Para seu alívio, não a azucrinou com perguntas, mas sim a sentou, perguntou a que horas tinha comido pela última vez e desapareceu para preparar uns sanduíches.

Ele esperou enquanto ela comia um pouco, e logo lhe perguntou:

— Voltaste para ficar, garota?

— Sim, acredito nisso — respondeu, e acrescentou —: As coisas não iam bem, doutor.

— Não — o ancião assentiu, pormenorizado, e deixou de pressioná-la. Riona recordou por que gostava tanto do doutor.

— Senti falta de você, doutor.

— Eu também, menina — lhe confirmou seu carinho em sua seca forma escocesa, antes de voltar a ser o mesmo resmungão de sempre e insistir para que passasse a noite em sua casa.

Riona não discutiu porque estava muito cansada para fazê-lo, e admitiu, quando o doutor a disse que sua granja poderia precisar ventilar-se.

Ele utilizou o mesmo argumento ao dia seguinte para persuadir a ela de que deixasse Rory com a senhora Ross, sua ama de chaves, enquanto ele a levava até Braeside, antes de iniciar suas visitas, e a deixava para que revisasse o lugar. Ao subir a colina, Riona sentiu seu ânimo decair. A granja parecia mais desastrosa que nunca. Em Boston, a nostalgia lhe fez recordar só as coisas boas de Invergair, a vida singela, a honradez da gente. Sua infelicidade a fez esquecer o pouco que tinha que oferecer a Rory. Caminhava com a cabeça baixa até que rodeou um lado da granja. Esperava que Jo aparecesse, embora um vizinho cuidasse dele e sabia que o cão não estava ali. Não havia sinais dele quando se aproximou da porta traseira e procurou a chave sob a pedra onde sempre a deixava. Encontrou-a, mas quando tratou de lhe dar volta na fechadura, a porta permaneceu fechada. Tentou-o outra vez e a porta se abriu. Não compreendeu o que acontecia até que entrou na cozinha, e então já era muito tarde.

Ele estava parado junto a pia, com uma taça na mão.

—Olá, Ree — por um momento Riona sentiu que tinha retornado ao último verão. Então ele tinha o direito de entrar em seu lar, em sua vida, mas não agora.

La perguntar lhe que fazia aí, mas as palavras morreram em sua garganta. Era óbvio para que estivesse ali: para leva-os de volta a América.

—Não irei contigo.

—Olha, Ree, temos que... — moveu-se para ela e ela entrou pânico. Abriu a porta e correu. Ouviu que lhe gritava—: Vamos, Riona. Não seja estúpida! Temos que falar.

Mas ela não queria sentar-se a falar. Não queria escutar as razões pelas quais tinha que continuar com seu matrimônio, nem todas as coisas que daria a seu filho e que ela nunca poderia lhe dar. Continuou correndo pela colina, abrindo passo entre os brejos, ignorando seus gritos de que se detivera e o ruído que ele fazia ao persegui-la. Capturou-a no meio do caminho, segurando-a pela jaqueta. O desespero lhe deu força e se liberou, golpeando-o com o outro braço. Fez com força, e surpreso pelo ataque, ele a soltou. Mas sua liberdade foi temporária, já que a perseguiu pela colina e a atirou ao chão ao sujeitá-la por uma perna.

O brejo amorteceu sua queda, mas o fôlego lhe escapou. Enquanto lutava por respirar, lhe deu volta e a manteve ali.

— Pequena tola... — interromperam-se quando ela liberou um braço e tratou de golpeá-lo—. Basta já! Basta ou me esquecerei de que é uma mulher!

Riona não se impressionou com a ameaça. Conhecia muito bem Cameron e ele nunca a tinha ferido de forma física e não o faria. Continuou lutando e ele se sentou acorado sobre ela, lhe sujeitando um braço a cada lado da cabeça. Riona se deu conta de que ele a tinha apanhado e o pânico se converteu em fúria, e seguiu tratando de liberar-se até que ficou exausta. Então ficou quieta debaixo dele, respirando com força, mas sem admitir a derrota, enquanto seus olhos ardiam pela ira. Seus olhares se encontraram e Riona sentiu que a fúria começava a desvanecer-se. Em seu lugar surgiu a familiar debilidade, o primeiro indício de outra paixão que retinha o fôlego em sua garganta.

— Não — moveu a cabeça quando sua boca descendeu para a sua e gritou —: Não, Cameron! Não!

Não podia permitir que voltasse a acontecer. Se o deixava tomá-la uma vez mais, não manteria o orgulho, e sem orgulho, como poderia continuar? O que o deteve? Não foram palavras, possivelmente foram às lágrimas que reluziam em seus olhos ou a compreensão que se estavam destruindo um ao outro. Fora o que fosse, ele se separou dela, levantou-se e estendeu uma mão para ajudá-la a fazer o mesmo.

Manteve a mão dela entre as suas até que chegaram à granja e de novo estiveram na cozinha, o que era bom para a Riona porque, de repente, sentiu-se muito cansada para permanecer sustentada sobre suas duas pernas.

— Sente-se. Tens um aspecto ruim — disse Cameron sem adulações.

Riona não discutiu e se sentou em uma das antigas cadeiras cambaleantes da cozinha. Cameron procedeu a comportar-se de forma normal, enchendo o bule para pô-lo no fogo.

Notou uma pequena caixa com comida sobre um aparador.

— Quando chegou?

— Ontem pela tarde — procurou na despensa as taças e pratos — Voei no Concorde pela manhã, tomei um avião de Heathrow a Inverness e aluguei um carro para vir aqui — Riona franziu o cenho. Entendia que a tinha

vantagem em sua viagem, mas se incomodou ao dar-se conta de que não tinha visto sinais do carro alugado— Deixei o carro na casa do doutor Macnab — lhe explicou. Riona assentiu, e então voltou a franzir o cenho quando assimilou a situação. Se ele tinha chegado no dia anterior pela tarde, o doutor sabia que estava aí e a esperava. Sentiu-se traída—. Não o culpe — Cameron leu sua mente e lhe deu as costas ao voltar-se para a pia— Disse-lhe o que aconteceu e ele, a sua vez, comentou-me umas quantas coisas. Logo ambos decidimos que eu teria uma oportunidade de arrumar as coisas entre nós sem que você fugisse de novo.

A boca de Riona se franziu obstinada, quando repetiu:

—Não retornarei, Cameron — mas se esperava uma discussão, ele simplesmente assentiu.

—Está bem, entendo-o. Acredito que estava louco ao pensar que pudesse te acomodar em Boston, embora fosse por pouco tempo... Dei-me conta disso no último verão.

—Por isso inventou todas essas histórias? — perguntou Riona em tom acusador.

—Histórias?

—Sobre viver em Invergair e administrar o imóvel.

—Não eram histórias, Ree — respondeu— Eu vi meu futuro contigo, com os dois administrando juntos a propriedade.

Riona moveu a cabeça, negando-se a acreditar o que lhe parecia um sonho.

—Ias a deixar sua vida em Boston e seu posto na Harcourt Adams, só por Invergair?

—Não, não só por Invergair — um olhar lhe disse que então ele teria dado tudo por ela. Ela retirou o olhar. Agora era muito tarde e não queria lembrar-se do que tinha perdido.

—De todas as formas —comentou ele— Me havia rendido... Até ontem.

Os olhos de Riona voltaram para seu rosto.

—O que quer dizer?

—O que hei dito a ti—respondeu, e a deixou em suspense ao dirigir-se ao fogo para levantar o bule e virar a água quente sobre o chá. Levou-o até uma bandeja com as taças e pratinhos e se sentou numa cadeira ao outro lado da mesa, frente a ela.

Serviu o chá para ambos antes de continuar.

— É obvio, teríamos que chegar a um acordo.

— Acordo?

— Acredito que é justo que eu tenha Rory nos fins de semana — disse com surpreendente compostura. Riona estalou imediatamente.

— Mas não vou retornar a Boston!

— Não? Eu tampouco.

— Melissa e você se instalarão na mansão em Invergair?

— Melissa? — olhava-a surpreso, então soltou uma risada — Podes imaginar Melissa vivendo ali?

— Então, construirá uma casa nova — concluiu Riona, e tratou de parecer indiferente, enquanto que por dentro se sentia devastada. Ele se encolheu de ombros:

— Não sei. Poderia ser possível transformar a mansão Invergair ao século vinte sem que perca seu caráter. O que pensa? — I levantou uma sobrancelha interrogante em sua direção.

— Eu... — Riona não queria discutir sobre o lar que ele planejava compartilhar com outra mulher — Não acredito que seja assunto meu.

— Não, provavelmente não — aceitou —, embora isso não te impede de expressar uma opinião.

Riona apertou a boca até formar uma linha tênue.

— Não estou em posição de fazer isso. Depois de tudo, parece que voltarei a ser sua inquilina.

— Certo — concedeu — O que, é obvio, significa que eu tenho algum interesse em suas futuras intenções. Por exemplo, têm planos de administrar você mesma a granja ou há algum homem a espera?

— Homem? Que homem? — Riona se assombrou de tal absurdo.

— Não sei — s eu tom permanecia neutro — Possivelmente Fergus Ross. Possivelmente retorne a casa de novo e então...

— Esquece-o! — interrompeu-o Riona, molesta — Fergus e eu terminamos definitivamente. Só você segue tirando seu nome à tona.

— Porque você nunca me disse nada a respeito dele — a contra-atacou como resposta. Mas se era um convite para que Riona revelasse tudo, ignorou-o. Falar de Fergus simplesmente causaria mais amargura entre eles.

Cameron, entretanto, não ia deixar passar.

— De fato, o doutor Macnab tratou de me abrir os olhos sobre seu amigo o marinheiro. Ou ao menos, sobre a noite em que eu o trouxe até aqui. O doutor diz que você o deixou dormir no sofá, porque era muito tarde para que se fora a sua casa. Ele diz que, em realidade, nunca houve nada sério com Fergus, só obrigação.

— E você acreditou? — Riona o duvidava.

— Não sei — seus olhos repousaram no rosto dela como se queria ler a verdade nele — Diga-me isso você.

Riona se negou a seguir com o jogo, qualquer que fora.

— Que mais dá? Não...

— Por favor, Riona, falemos claramente por uma vez — a interrompeu Cameron — O que é Fergus Ross para ti? — exigiu em um tom que lhe advertiu que já não o pressionasse mais.

— Nada. Fui à escola com Fergus e só o conhecia de vista. O inverno que meu avô adoeceu, veio pra casa de férias — fez uma pausa para respirar — Meu avô queria morrer em casa e eu não podia com tudo sozinha. Fergus me ajudou.

— Ele estava apaixonado por ti — concluiu Cameron. Riona assentiu.

— Ele disse que o estava, mas eram só palavras.

— E você? — Cameron observava as conflitivas emoções que cruzavam pelo rosto dela.

— Pensei que sim — admitiu —, mas não era real. Dormi com ele e acredito que isso é o que quer saber. Estava agradecida e sozinha, e o fiz. É isso tão terrível? — perguntou quando as lágrimas alagavam seus olhos.

Esperou a condenação de Cameron e não chegou; em troca, estendeu uma mão para lhe tocar o rosto com ternura.

— Não, não é tão terrível — aceitou — Só queria que me dissesse isso.

— Tentei-o — uma lágrima se deslizou por seu rosto e um dedo comprido a impediu —. O tentei, mas você pensou que eu era virgem e acreditei que se soubesse a verdade já não me desejaria — confessou.

— Te desejar? — fechou os olhos em um gesto de desespero —. Ree, desejo-te desde o primeiro dia que nos conhecemos e nunca deixei que fazê-lo. Acredite-me. Do que pensou que se tratava a outra noite? Quis esperar, mas te necessitava. Não pude tocar a outra mulher desde então.

— E Melissa? — Riona quis protestar.

—Deus! Quer deixá-la em paz? — Cameron ao fim perdeu a paciência, empurrou a mesa e retornou a pia. Só quando pôs alguma distância entre eles continuou —: De verdade pensa que ela me importa?

—Sim acho — Riona se perguntava por que fingia que não —. Melissa me disse...

—Isso é demais — a interrompeu exasperado —, mas quem pode culpá-la quando teve uma audiência tão receptiva? Essa mulher joga com a gente. Não entende isso?

—Não sou tão estúpida — explorou Riona —. Sei que gosta de manipular as pessoas, machucá-las, mas isso não muda o fato de que deseja casar-se contigo e você não pode negá-lo.

—Se for assim — admitiu a possibilidade —, não é por algo que eu tenha feito. No que a mim concerne, ela é minha meio-irmã e ponto. Sim, está bem, surpreendeu-nos juntos na sexta-feira à noite, mas em realidade não viu nada. Eu tirei a Melissa da festa porque estava bêbada e fazendo coisas que me incomodavam... Satisfeita?

—Mas se casar com ela... Terias o controle da Harcourt Adams.

—E? Não te ocorreu que eu possivelmente não queira Harcourt Adams — comentou, exasperado —. Meu pai vendeu sua alma e se casou com Bárbara pelo controle do negócio. Crês que eu quero fazer o mesmo?

—Não sei — Riona não se convencia.

—Céus, o que tenho que fazer para prová-lo? — perguntou, frustrado, e sem lhe dar oportunidade de responder, sugeriu —: Me poderia casar contigo, como planejamos, e então teria que me acreditar.

—Isso não tem graça! — a garota se levantou e começou a recolher as coisas do chá, enquanto uma mecha loira ocultava seu rosto.

Ele saiu do caminho quando ela se aproximou da pia e lhe permitiu deixar as xícaras antes de sujeitá-la pelo braço.

—Não pretendo ser engraçado, Ree — suspirou —. Não o entende? Vêm aqui — com suavidade a atraiu e a abraçou, mas Riona resistiu.

—Não comece de novo. Não é justo.

—Por que não? — levantou uma mão para lhe acariciar o pescoço e a fez estremecer —. Se for a única forma para que você...

—Não — se apartou e se dirigiu para o aparador —. Não quero. Já não mais.

— Não? — moveu-se em volta dela e colocou um braço a cada lado dela sem tocá-la —. Sempre me desejaste, Ree, assim como eu a ti. Assim são as coisas — sem lugar aonde escapar, Riona lhe implorou:

— Deixa de me fazer isto, Cameron.

— Te fazer o que? — levantou uma mão para lhe tocar a bochecha e ela se estremeceu.

— De me usar! — protestou —. Pensa que porque sou insignificante está bem que me trate assim.

— Insignificante? — repetiu ele, incrédulo.

— Não sou rica como sua família — explicou —, ou socialmente aceitável. Ou... — interrompeu-a com uma rude risada.

— OH! Entendo-o. Quer dizer que a pobre e indefesa Riona sem ninguém que a proteja do americano mau. Assim nos vê em realidade? — voltou a rir e ela tratou de soltar-se. Ele a empurrou contra o aparador —. Bom, não te enganes — lhe disse —. És tão boa como te crês, Riona Macleod, e eu tenho cicatrizes para prová-lo. É óbvio que me equivoquei a respeito de Fergus, admito-o. Mas não foi agradável. Aí estava eu, atuando como um adolescente apaixonado, planejando nossa vida juntos; e todo o tempo, você disfarçava sem me dizer o que sentia em realidade — terminou molesto.

— Mas... — Riona balbuciou — ... Você me deixou.

— Por que achas que fiz? — exigiu, mas não esperou uma resposta —. Não crês que foi por ter encontrado Fergus. Ele me fez ver, isso é tudo. Ali estava pedindo que o levassem na escuridão, desesperado por chegar a casa, para ver sua garota, tão seguro de ti, como eu o estava. Então compreendi que nunca o havia dito. Eu disse uma dúzia de vezes que te amava e você nenhuma só vez me respondeu.

Riona moveu a cabeça. Havia-o dito. Devia ter feito. Pelo menos o demonstrou. Não foi óbvio? Não para Cameron.

— Bom, acredito que terei que viver com esse fato porque vais casar comigo você goste ou não, Riona Macleod.

— Eu... — ela o olhou, esperançada —. Está dizendo... dizes que...?

— Eu não estou dizendo nada — a interrompeu com rudeza, mas Riona precisava ouvi-lo.

— Diz que deseja te casar comigo?

—Quer mais? — grunhiu em tom nada amoroso. As dúvidas da Riona retornaram.

—É por Rory, verdade? Casas comigo por seu bem-estar.

—Deus! Ainda não o entendes? — Cameron praguejou por sua estupidez—. Então me deixe soletrá-lo. Deixei-te aqui, te odiando. Passei um ano tratando de te apagar de minha mente e, entretanto, encontrei-me num avião para Grã-Bretanha quando soube que tinha tido um menino.

—Soubestes antes de retornar? — Riona não sabia.

—Sim, soube — admitiu—. O que crês que me trouxe de volta? E não foi para brincar de papai. Pensei «a tenho». Se for meu, tenho a ela.

—Mas você me deixou — Riona ainda não o entendia.

—É obvio que te deixei — quase lhe gritava—. Se não o tivesse feito, te teria matado, ou pior, me teria posto de joelhos e te teria rogado que me escolhesse e não a Ross. Por isso fui, porque ainda tinha um pouco de orgulho e de dignidade. Mas então soube de Rory e isso me deu a oportunidade de retornar, de exigir, sem implorar, acreditando que estava em uma posição indefesa. Pensei que podia te ter sem admitir que te queria.

—Acredito Cameron — disse ela com suavidade—, que é meu turno de dizê-lo. Amei-te o verão passado e quando se foi, pensei que morreria. Amo-te agora e sempre te amarei.

Os olhos dele percorreram o bonito rosto e viu seu amor tão real e singelo como o próprio.

—Digo-o a sério — lhe assegurou — Te amo, te amo, te...

As palavras se perderam quando ele inclinou a cabeça para tocar com seus lábios os dela. Foi um beijo especial de amor em lugar de paixão, um beijo para selar toda uma vida que ao fim compreendiam que passariam juntos. Quando ameaçou em converter-se em algo mais, ele se separou, à distância de seu braço.

—Você me ama — repetiu, e diante sua confirmação, riu em voz alta — Me fazes passar um inferno e logo me diz que me ama.

—Eu te fiz passar um inferno? — Riona protestou diante sua ousadia e provou que o amor não a tinha suavizado — Quem tirou conclusões e se foi de volta a América? E quem...?

—Me dissestes que Rory não era meu — lhe recordou uma de suas piores ofensas, embora seu tom sugerisse que a tinha perdoado.

— Porque pensei que não o queria — confessou Riona.

— Sim, o queria, mas te queria mais — prendeu o rosto dela entre suas mãos—. Verás, Riona Macleod, estás em meu sangue e em meu coração e sem ti, sei que não sou nada — dizia com sinceridade cada palavra confessando-se vulnerável, e entretanto, via em Riona sua força e essa era força a que ela amava.

— Então seja sincero — lhe rogou— Tens-me agora e para sempre. O resto o decide você: Boston ou Invergair.

— Retornaria?

— Sim, retornaria. Compreendo que não sou a melhor esposa de um executivo — sorriu—, mas faria todo o possível para ser adequada.

— Não seria adequada, nem em um milhão de anos — exclamou, mas seu amplo sorriso lhe disse que a amava por esse fato—. E não quero que o seja. Já desperdicei doze anos de minha vida com a Harcourt Adams fazendo um trabalho que me aborrece, para agradar a meu pai. E todo o tempo minha herança me esperava aqui, numa terra que a família de minha mãe trabalhou durante centenas anos antes que Harcourt Adams fora sequer fundada.

— Estás seguro? — a Riona assustava acreditar que era parte de um sonho.

— Tão seguro como de meu amor por ti — lhe beijou uma sobrancelha com uma ternura que comoveu seu coração. E ela lutou por ater-se à realidade.

— Mas e sua família?

— Pode estar segura de que Bárbara não chorará — comentou, seco—, e Melissa se casará com outro pobre tolo e fará sua vida miserável. Meu pai, bom, já falei com ele. Ele me disse que eu escolhesse e me transferiria agora da administração da Harcourt Adams, esperando assegurá-la para meu sucessor... Ou me daria seus benefícios e me desejaria o melhor. Tomei suas benções.

— Não lhe importou? — a garota se maravilhou diante da generosidade de seu pai.

— Sim — admitiu Cameron—, mas compreendeu. Acredito que recorda o que foi amar a uma garota escocesa, tanto que apenas pôde suportar viver sem ela.

Era a primeira vez que ele mencionava a pena de seu pai pela perda de sua mãe e Riona sentiu uma terrível tristeza por ambos, consciente de que o segundo matrimônio nunca contou.

— Sentirá falta de ti — comentou com suavidade.

— Eu também sentirei falta dele — respondeu Cameron —, mas minha vida está aqui contigo e Rory, e quanto antes começemos, melhor. Assim, por que não vamos pegar nosso filho e o levamos ao nosso lar, a mansão de Invergair? — sugeriu, e estendeu uma mão para ela.

Riona vacilou um momento ao compreender o que lhe pedia. Se ia se casar com ele agora, toda Invergair estaria falando disso ao dia seguinte. Importava? Deslizou sua mão na sua e se decidiu: não, não importava. Nada importava exceto que não passariam mais tempo separados.

Fecharam a granja e tomaram o caminho da colina para o povoado. Conversaram do passado e do futuro e riram juntos como o faziam antes.

Logo se detiveram junto à casa de Gair; ele a fez sentar-se sobre os brejos e se abraçaram e fizeram o amor devagar, sabendo agora que teriam toda uma vida juntos.

FIM